CAMILLO CASTELLO BRANCO

OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA • EDITORA

OBRAS D... ...ANCO

Cada vol. ... e 320

I. Cois... ...mans. — III. A Enge... ...Felizes. — V. O Esq... — VII. O Senhor do ... ...ema. — IX. A Mulh... . — XI e XII. Corres... . Vieira de Castro ...

NOVA ... ...IRA

A 5C... ...O

N.º 1 — Po... ... Tartarin) 1 vol, de 176 ...
N.º 2 — D. ... ...as.
N.º 3 — Ma... ...vol. de 200 paginas.
N.º 4 — Sa...
N.º 5 — Ne... ...de 160 pag.
N.º 6 — O ... ...), 1 vol. de 210 paginas.
N.º 7 — **Jettatura**, de **Theophile Gauthier, 1 vol. de 170 paginas.**
N.º 8 — **Casa com escriptos**, de **Carlos Dickens, 1 vol. de 160 paginas.**
N.º 9 — **O canteiro de Saint-Point**, de **Mamartine, 1 vol. de 180 paginas.**
N.º 10 — **Rosa e Ninette**, de **A. Daudet.**
N.º 11 — **Primeiro amor**, de **Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.**
N.º 12 — **Peccado mortal**, de **André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.**
N.º 13 — **O Judeu**, de **Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.**
N.º 14 — **O tanoeiro Nuremberg**, de **Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.**
N.º 15 — **Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos**, pelo **Conde Leon Tolstoi.**
N.º 16 — **Vida phantastica**, por **Mèry, 1 volume de 170 pag.**
N.º 17 — **O padre Daniel**, de **André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.**
N.º 18 — **Um coração simples**, de **Gustave Flaubert, 1 vol. de 170 paginas.**
N.º 19 — **Yan**, de **Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.**
N.º 20 — **O tio Scipião**, de **André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.**
N.º 21 — **Diario de uma mulher**, de **Octavio Feuillet, 1 vol. de 200 paginas.**
N.º 22 — **O crime do juiz**, de **Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.**
N.º 23 — **A Inundação**, de **Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.**
N.º 24 — **Os Rantzau**, de **Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.**

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XII

CORRESPONDENCIA EPISTOLAR

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI e XII — Correspondencia epistolar.

CORRESPONDENCIA EPISTOLAR

ENTRE

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

E

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESCRIPTA DURANTE OS DOUS ULTIMOS ANNOS DA VIDA
DO ILLUSTRE ORADOR

VOLUME II

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 50, 52 e 54
1903

ADVERTENCIA

Assim nas cartas de Vieira de Castro como nas que vão seguir, nem ousei substituir palavra do meu amigo, nem minha, de modo, sequer, a melhorar a fórma. O que me pareceu desconveniente, risquei. Como testemunhas d'esta verdade, offereço o editor e compositores d'estes livros, pois que lhes entreguei os manuscriptos originaes.

Ha, nas minhas cartas, um predicado muito insistente, senão enfadonho. E' o repetido queixar-me das minhas enfermidades. Aos doentes não peço desculpa; — que esses bem sabem como nós somos, os valetudinarios. Aos que tem saude peço indulgencia, em paga do beneficio que Deus lhes dispensa.

Diante de mim tenho vinte e duas cartas do

meu amigo e trinta e seis minhas que vou queimar.

São apreciações de cousas e pessoas mais ou menos implicadas e compartes na catastrophe de 8 de maio; ou então juizos e conceitos de inimigos e falsos amigos de Vieira de Castro, aos quaes elle perdoaria, na hora do trespasse, se os podesse vêr entre as alegrias do passado e os pavores da morte.

Quando eu lhe escrevia as primeiras cartas, apontei alentos e lenitivos tendentes a espancar o desafogo do suicidio, — não o suicidio do remorso — que, se elle podesse transigir com isso, teria transigido com a deshonra; — mas o suicidio motivado pelo approbrio com que as calumnias de fóra e impressas lhe atiravam com a sua lama para cima do coração espedaçado. Dei-lhe esperanças, que eu não tinha, na absolvição, usando systema diverso das pessoas que iam inutilmente repetir-lhe á cadêa as diffamações das salas e dos botequins. Quando mais nada lograssem as minhas desproveitosas cartas, vingavam arrancal-o de si proprio em quanto me respondia, e facilitavam-lhe a desoppressão das lagrimas.

Recordo-me bem que, n'aquelle tempo, os meus soffrimentos eram tão acerbos que muitas vezes pendi a cabeça congestionada sobre esses papeis em que eu punha umas palavras

arraiadas de esperança, sendo negrissima na minha alma a intuição do futuro de Vieira de Castro.

Eu sabia que elle estava perdido para a patria, para a familia e para os amigos; por que na minha vida sobejava a experiencia que a infelicidade nos dá em troca da innocencia que lhe damos. Vieira de Castro fiava-se na dignidade das maiorias, em quanto que eu sabia que a honra da pequena parcella dos homens briosos havia de ser absorvida no tumultuar dos muitos em cujo rosto elle estampára uma injuria involuntaria. Confundiram ahi humanidade com corrupção. Fallaram na inviolabilidade da vida humana; e absolveram pouco antes um réo que, fria e pensadamente, matára em duello um homem honrado e util á patria, depois de o haver insultado publicamente. E a José Cardoso Vieira de Castro que tirára a vida infamada á esposa, porqne se viu mortalmente ferido no coração extremoso de amor por ella, degradaram-no por quinze annos, como se fosse necessario mais que um para o matarem.

Lá estás na presença de Deus, meu filho!... Não podias esperar, n'esta vida, outro bem, nem outro refugio na tua suprema desventura.

CARTAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

CARTAS

Meu umigo.

Depois de teus irmãos, sou um dos que maior abalo soffreram com a noticia da tua incomparavel angustia. Sinto-te em minha alma quasi desde a tua infancia. Vi-te entrar no mundo, e não pude ainda descobrir duas horas de verdadeira alegria e paz na tua existencia. Que fataes excepções assignalou a Providencia na tua organisação, meu querido amigo!

Que te hei eu dizer hoje? Não sei. Mas o que eu não posso é calar-me. Peço-te coragem! coragem —que eu receio que succumbas perante ti mesmo. A opinião publica espera vêr-te abatido e aniquilado pela razão fria. Os teus amigos tem obrigação de te ampararem, de te defenderem de ti proprio. Vieira de Castro, não sejas menos forte do que o foste no desforço da tua dignidade. Essa salvou-se: mas o peor é o coração despedaçado.

Choro comtigo as saudades do teu passado.

Adeus, meu filho.

Teu

Camillo.

Meu querido Vieira de Castro.

Sahi de casa com tenção de ir vêr-te; mas chegando ao Porto já adoentado, peorei. Alguns dias estive esperando melhoras. Tive de desistir e retroceder. Hoje me sinto menos opprimido. Se assim me fôr restaurando, irei logo que possa.

Parecia-me que a minha companhia de alguns dias te não seria penosa. Sei que diante de mim fallarás e chorarás sem pejo nem constrangimento.

Figura-se-me que se te não dá o pensar da opinião publica sobre o que ha passado na tua vida. Como has de tu sahir da tua immensa dôr para vêr o que vae cá fóra no espirito dos outros? Não obstante, dir-te-hei, filho, que se vai operando um reviramento a teu favor, mas por maneira que os juizes não sabiam a razão por que execravam nem sabem a razão porque applaudem. Affligia-me a incerteza do teu julgamento; mas pessoas vindas de Lisboa esperam a absolvição, umas fundadas na lei, outras no dever, e muitas no que se deve a ti e se recusaria a outros. Eu espero que sejas absolvido, porque a tua expiação já era enormissima, e a'é não correspondia á culpa, ainda antes de existir o triste successo. Eu vi envelhecer a tua nobre alma em poucas horas. Tenho-te visitado n'essas noites de carcere, e chorado com olhos postos nos teus cabellos brancos aos trinta e um annos.

Peço-te que venham para aqui algum tempo, se, como me asseveram, o teu julgamento se não demorar além de trinta dias. Comprehendo que a solidão, se por um lado te ha de ser molesta, por outro poderá ir operando um saudavel renascimento

das faculdades da vida. Meu José Cardoso, sê agora homem, para que se não infira do quebrantamento a injustiça do teu pundonor.

Aceita em bem tudo o que te disser o

Teu

Camillo Castello Branco.

Meu Vieira de Castro.

Dizem os periodicos que vens para o Porto. Bem o desejo para poder vêr-te mais a miudo, e porque me parece aquella casa, onde eu passei 380 dias, mais alegre e allumiada do que essa. Além de que, tens alli os teu irmãos e talvez mais sinceros amigos, se os ha n'alguma parte. A mim me parece que a falta d'elle atravancou o caminho por onde o teu infortunio poderia ter sahido menos desgraçadamente.

Não posso applaudir o extremo em que te julgas, morto para o espirito, meu amigo. Renascerás ou natural ou providencialmente. O teu desastre não é original, nem o centesimo exemplo. Homicidas menos e incomparavelmente menos offendidos restauram-se, esquecem-se, vivem, resurgem para os gozos do espirito, e não se accusam da enormidade do crime pela enormidade do desalento. Amaste-a. Eu sei que sim, porque sei como a tua alma é feita. Cegou-te a deshonra. Não podeste com o opprobrio recebido, e com o que havia de seguir-se no decurso da vida de ambos. Mataste em ti metade da vida; a outra é necessario que subsista

amparada no esteio da honra. Dize-me cá, meu filho: um homem, levemente offendido por um amigo iudiscreto, vai ao campo da honra, e mata-o. Exemplo: Girardin e Armand Carrel. Eu queria a tua angustia e não a do jornalista que matou. Tu és o homem que valias a paixão da mais estremada e extremosa mulher. Estavas á primeira luz d'este espectaculo social para mais depressa e de todos ser visto e talvez zombado na deshonra. Tinhas inimigos que antes te queriam ridiculo que vingado. Não sei dizer-te que praticaste um acto para exemplo; mas déste o exemplo do pundonor, que assombra a sociedade, porque isto aqui é um continuado transigir da deshonra com a infamia sob a capa de humanidade.

Vou-te fallando com demasiada franqueza; entro por de mais no fôro da tua consciencia; mas tu soffre-me, que eu hei de ser d'hora em diante mais teu amigo do que fui; nem sei onde esteja homem que deva merecer maior fervor de estima d'aquelles que o amaram. *Estás pobre!* Que é estar pobre?

E' uma condecoração para ti, filho. E' a *luz que Deus deixou ás tuas trevas;* dizes santamente o que é ser pobre na tua posição. Pois esta vida valerá bem a condemnação de a estarmos enfeitando com um pouco de ouro para tanta dôr, para nos sentirmos agonisar entre a saudade e a desesperação? A quem faltou a coragem para se matar conceda Deus a da resignação. Eu não peço senão uma das cousas, quando me vejo e não me encontro senão nos olhos de meus filhos que estou çreando para a desgraça. Peço-te que não desfalleças, meu querido amigo, diante do futuro. Tudo resurgirá em ti: me-

nos a felicidade. Não te aterre a possibilidade de a desejares debalde, porque a não desejarás. Cumpre-te imaginar que tens no cofre, onde podias ter a fortuna, sómente a honra.

Adeus, meu José Cardoso. Eu ha dez dias que passo as horas a contorcer-me n'uma nevralgia que já me tem posto diante dos olhos o recurso do suicidio.

Teu

Camillo Castello Branco.

Meu filho.

Pensa em tudo que possa arrancar-te de ti mesmo. E' natural que o teu espirito seja abalado pelas commoções religiosas. Eu senti-as nas desgraças medianas; mas assim que eu sentia tambem a authoridade humana, no que a minha alma concebia de superior a isto que nos rodeia, descria. Tudo que procede do homem, ou tem a sancção ignorante ou cavillosa d'elle, é mentira. Eu da religião tenho só aproveitado a idéa da Providencia, e essa sómente onde allumiou a civilisação christã, filha d'outras civilisações, preparadas pelos antecessores de Jesus. Onde esta luz não chegou, a Providencia não sahiu ainda do cháos primitivo. Onde quer que os filhos matam os paes legalmente quando a velhice os inutilisa, a Providencia de certo espera manifestar-se mediante a civilisação. Isto resvala-me no atheismo; todavia, eu sei que tenho erguido as mãos e orado, quando já vi *** moribunda. Tu tambem então choraste. E sei que ao pé do berço do meu Jorge ameaçado de morte, tenho tambem

orado. E já fui cumprir um voto a um Christo com a devoção d'um asceta ou com a boçal superstição d'um cretino. A fé nasce na paixão do desgraçado. As consolações sentem-se, a alma desopprime-se. A manifestação d'uma misericordia sobre-humana é certissima. Se alguma hora me commoveu o pensar no que póde a influencia da piedade sobre os que soffrem, nunca tanto como hoje, vendo que em ti se está operando a transformação que Deus opera nas almas onde a idéa da justiça lucta com a da culpa. Bem. Acceita esse beneficio, e não feches o coração a essa aurora d'um novo e grande dia que ainda has de viver. A felicidade não a esperes nem a busques áquem do abysmo que passaste. A maior que se deu na tua vida foi esta de salvares a razão a ponto de a quereres converter em bem dos infelizes. Converte; mas não mediante o sacerdocio. Não; porque não vejo no padre a caracterisação grave e digna da tua desgraça. Eu antes te queria, só e triste, n'um pobre quarto apostolando pelo livro a moralisação, do que revestido das vestes religiosas apostolando sentimentos que os Tertullianos e Cyrillos difficilmente vingaram insinuar na legislação da idade media. O apostolado, que então surtiu tão pouco, hoje não surtiria nada Alli á face de Lacordaire e Raulica está a Sodoma de Paris.

Nunca approvarei que te ordenes; porque sei tanto da tua alma como da minha. De hoje a tres annos terá renascido em ti uma seiva toda nova. Este horror de hoje negrejará na tua memoria; mas a tua alma terá assumido a força que nem a desgraça, nem o mundo, nem tu poderão sopesar. Sei que serás um coração eternamente em luto; mas por isso mesmo pensarás como um bom anjo santifica-

do pelas affeições, e escreverás com bemfazeja authoridade sobre tudo que fôr das dôres humanas. Este apostolado, e só este é o que eu te peço que tenhas sempre como a purificar-se n'essa paixão sobre que as lagrimas já poderam muito. Sabes o que eu penso, meu filho? Em te fazer meu companheiro, meu familiar, meu irmão, se teus irmãos te deixarem. Os meus filhos andarão á volta de ti, como os teus sobrinhos. Quando os accessos de amargura te fizerem repugnante a convivencia, ninguem te irá dizer que não soffras. Tu precisaste sempre ser amado como uma criança. A solidão de alguns annos, no Ermo, e as asperezas que te irritavam a mocidade, carecida do amor da familia, não te deixaram sentir bem a fundo a iniciação para homem. Tu não tinhas senão coração e talento, com uns assomos de honra tocando a extrema do orgulho. D'esse orgulho honroso é que ninguem te precipitou. No momento em que t'o feriram, fôra mister que te houvesses bandeado com a corrupção, para que a esta hora não sentisses nem o ferrete na testa nem a infamia na consciencia. Preferiste esse abysmo; mas espera, meu querido filho, espera que o que em ti mataste foi sómente a satisfação da vida. Quando quizeres o teu talento, a tau grande alma t'o dará. Se Deus me não houvesse matado em mim o contentamento desde a infancia, o teu infortunio bastaria para me ennegrecer as horas todas.

Estou principiando um livro sob a inspiração da tau desgraça.[1] Oxalá que o leias já em liberdade.

---

[1] Este livro que principiou com o titulo *Espelho de desgraçados*, só appareceu em 1873: é o *Livro de consolação*.

Mas se ahi estiveres, quereria eu que cada jurado o lêsse, e lerá.

Adeus, meu Vieira de Castro. Hoje vou para Seide.

Teu

Camillo.

Meu querido V. de Castro.

Amanhã te escrevo com mais espaço. Estou tão doente que á uma hora da noite passada dei um beijo no meu Jorge cuidando que ia morrer. Foi uma ameaça de congestão cerebral, que mais hoje mais ámanhã me fulmina. Ás cinco da manhã senti allivio; mas que vale isto?

Até ámanhã. Peço-te que te dediques a algum trabalho, seja o que fôr. Se não pódes pensar, traslada. Lembra-te que eu, na primeira noite que entrei na cadêa, assim que me correram os ferrolhos d'um quarto abafado, comecei a traduzir *L'Art d'être heureux*, do Droz.

Teu do coração

C. Castello Branco.

Meu querido amigo.

Vou dar-te uma idéa rapida do meu livro. Não é formal, directa e exclusiva justificação da catastrophe. Seria intempestiva, senão prejudicial, sobre incompetente. Além de que, não tenho os elementos; sei apenas o que a imprensa revelou. Deus me livre de t'os pedir. Queria sabel-os; mas não de ti.

As agonias da natureza da tua teem um silencio que é o pudor da desgraça. Nada te pergunto. A mortalha que envolveu o teu coração é sagrada.

O livro ha de chamar-se *Espelho de desgraçados*. A fórma será a do romance para que m'o leiam. Ser-te-ha dedicado, e como prefacio fallarei amplamente de ti. No romance ha uma mulher que espedaçou o coração do marido; mas não morre: salva-se entre os berços de duas crianças. Porém, o homem, que a deixou viver e responde pela morte do adultero, teria a coragem de sahir á barra do mundo, se a houvesse morto; e justifica-se do delicto como se o houvesse praticado. Assim, pois, abrirei a indirecta defesa da tua paixão que te não deixou vêr, através dos discursos de Lamartine e Hugo, a inviolabilidade da vida humana.

Aqui tens summariamente a idéa.

Este livro vae dar-me a gloria... de o escrever por amor de ti; e bem póde ser que me dê parte nos odios que te alancêam. Tambem tu ha nove annos quizeste aquinhoal-os commigo.

Estou á espera de alguns dias de saude para trabalhar. Este medo da congestão cerebral não me deixa. Estou quasi sempre com a cabeça ensopada em agua sedativa.

Sonho muito comtigo. Esta madrugada sonhei que estavas aqui, recitando alguns fragmentos de discursos teus. Os ouvintes eram *** e eu. Ella, porém, como hospedeira burgueza e dos tempos homericos, apenas concluiste, perguntou-te o que almoçavas. Tu respondeste: «uma chavena de chá e um biscouto.»

Acordei triste. Quando acordarei alegre? *** sentou-se ao pé da minha cama a lembrar-me que

ha quatro annos te erguias cedo a tomar com ella do seu café e pão com manteiga. Estas memorias aqui no seio de pessoas que te amam, não te serão pueris. E' doloroso retrahir-te ao passado; lembra-te, porém, que não eras tão feliz. Elaboravas no coração estes venenos de hoje. Mas não tires d'estas palavras inducções fatalistas. Das tuas infelicidades a causa é uma e simplissima, perdeste o pai quands eras menino, e já não tinhas mãi quando o perdeste. Depois, a necessidade e a restricção da fortuna forçou-te áquella insualção do Ermo. Alli o que fizeste (nem a tua idade te permitiria mais discretos expedientes) foi phantasiar os horisontes, d'onde afinal viste que a felicidade não era menos uma palavra do que a virtude e a honra.

Não desesperes, meu amigo. Se a alma humana não tivesse differentes modos de ser e sentir— se as grandes desgraças não fossem um refundimento, um transfiguramento completo d'ella—o homem, seria tão insconscientemente estupido como incomprehensivel. Mas a materia de que se gerou o universo não me quer parecer que empregassa as fezes na formação do homem. A que vem estas philosophias? Vem áquillo da transfiguração do espirits. Quero dizer, que tu, volvidos annos, terás d'estes dias negros uma recordação penosa; mas á volta de ti as impressões de outra ordem e diversas das que já foram os motores da tua compleição, hão de crear-te uma paz e uma mais profunda consciencia de que, em meio d'esta podridão, não podeste beber serenamente o teu calix de ignominia. Tenho mais medo, por ti, ao amor que *lhe* tinhas do que e rancor que te allucinou. Quando o coração te inquietar, lembra-te que acceitaste

todas as injurias da sociedade, salvando para ti o direito de não ser *ridiculo*. E' certo que a irrisão não fecha as carreiras nem desauthorisa os talentos; mas, se um homem, como tu, fecha em si o abutre da infamia a roer-lhe as entranhas, tal homem, se não se vinga, morre vagarosamente, em quanto a sociedade o escarnece — a sociedade que vai ás igrejas encommendar a alma de quem matou outra que tinha em si as promessas de grandes destinos.

Na carta de hontem te pedi que trabalhasses. E' assumpto em que insto e peço. Escreve; mas, sobre o teu infortunio, não. Cinge-te ás idéas alheias. Como creio que aprendeste o inglez, traduz. Quem salvou Mirabeau? E, depois que elle matou Sophia com a fulminação de duas palavras, acaso aquella crucificada alma se abateu? Levantou-se até ao pescoço de Luiz XVI, por entender que as torturas de nove annos de carcere desciam do throno através da nobreza até ás suas trevas. E morreu tranquillo depois de haver suado todo o sangue nas violentas catalepsias das suas apostrophes.

Meu amigo, sê homem como todos os que deixaram sobre a sua sepultura o clarão do incendio em que morreram devorados. Soffre e espera. Chora, e dá-me a gloria de saber que choras.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Isso que has de dizer no dia do teu julgamento é magestoso e santo. Bem, meu nobre talento e su-

blime alma! D'essas palavras risca a authoridade de Gresset. Não foi elle que o disse, não foi ninguem: és tu. Chorei: hão de chorar os que tiverem o sentimento menos embotado pelas desgraças proprias.

Aperta-me a alma mais que todas esta tua carta. Tenho chorado por ti como nunca chorei pelas minhas amarguras desde a orphandade até á pobreza. São onze horas da noite de quinta-feira. A' uma hora vou sahir d'aqui. A congestão continua a ameaçar-me. A noite passada pedi a *** que me não desamparasse um instante com medo da morte. Esta cobardia vem-me dos filhos.

Estás sempre diante de mim. Não temo a tua condemnação, meu filho. Este pavor não é o que me atormenta. E' pensar que estás ahi, só; estas noites, meu Deus! e a transfiguração da tua vida! Consola-me a momentos a confiança no que ha em ti grande e extraordinario: o brio de ser assim desgraçado, os teus orgulhos todos subordinados ao de ter hombros para a cruz do odio, hombros que não poderam com a da deshonra. Beijo as tuas lagrimas. Quanto me dizes é tão sagrado sigillo para mim que eu me sujeito pela vida de meus filhos diante de Deus a não o revelar. Das tuas cartas já eu disse uma phrase n'um concurso da livraria Moré. Dizia-se que o teu remorso provava a innocencia de uma senhora. Eu quizera respeitar-lhe a memoria; respeitei, mas repelli a injuria feita á tua alma. *Remorso não* — disse eu — *sobre o coração morto de Vieira de Castro está uma consciencia tranquilla. Sei-o d'elle proprio, e precisei que m'o elle dissesse para o julgar digno de respeito na sua enormissima dôr.*

Meu filho, escrever-te-hei de Braga. Não posso hoje mais. Cá tenho o ferro em braza na cabeça. Adeus. Vê-me e escuta-me na tua solidão. Associa-me a teus irmãos; e pensa que tens aqui uma parte dos teus, da tua familia. Havemos de lêr, de escrever, de trabalhar muito no mesmo quarto e á mesma luz, sim?

Teu

Camillo.

Abri esta carta para te dizer que não sahi para Braga. A prostração não me deixou. Tenho umas leves melhoras hoje. Tomára eu poder escrever! Conto muito com o coração; as outras faculdades de escriptor estão quasi delidas. *** vai para as Taipas no primeiro de julho, obrigada por soffrimentos que datam de 1861, d'aquelle quarto fetido e frio da cadêa. Lá é que eu tenciono escrever o nosso livro — marco lutuoso d'estes dias funestos. Na velhice o lerás. Se tiveres a desgraça de envelhecer. Disseram-me que tens muitas cãs. Mal de ti se não tiverem sobrevindo essas grandes explosões de fogo! Era necessario fugir assim á loucura, já que a morte instantanea não é felicidade vulgar.

Parece-me, filho, que deves abrir mão de leituras substanciaes e tambem das romanescas. Os livros que eu te aconselharia são os de leitura variada, como *illustrações*, periodicos litterarios francezes, *Revista dos dous mundos*, mas o escrever, sobretudo te seria uma diversão, ao principio penosa e depois quasi aprazivel. Achava eu que, mais tarde, quando o animo t'o permittisse, devias lêr uns livros muito uteis para o futuro que mais provavel te

agouro. *Les causes célèbres*, ou cousa assim, que deves conhecer, periodicos dos mais notaveis debates do fôro francez. Alli ha o romance para a imaginação e a eloquencia para o espirito.

Estou sempre a cogitar no que te póde ser ahi de algum allivio; não acho senão o meu coração impotente.

Adeus, meu querido José.

Teu

Camillo.

Meu querido Vieira de Castro.

Voltei hoje de Braga, onde não encontrei allivio algum.

Fallemos de ti, e releva que eu te imponha o dever de abdicares das tuas honrosas e sublimes preoccupações em favor da suprema necessidade que tens de sahir d'ahi pela porta vulgar, visto que ella te ha de ser aberta por uma cousa positiva que se chama lei, e pelo veredictum de outra cousa de lama que se chama homens.

Quando arrebatadamente applaudi a postura magestosa de lagrimas que intentavas sustentar no tribunal não sabia eu que esse heroismo implicava com as formulas da defeza. Cuidei que o teu patrono poderia de tuas mesmas palavras tirar raptos sublimes, e abrir torrentes de lagrimas em corações mais fechados por estupidez e odio. Eu, demais, julgara-me capaz d'esse effeito, sem recorrer a outras figuras de eloquencia senão ás que de tuas breves palavras me arrancariam subitas, e tanto mais feliz seria quanto mais desprevenido estivesse. Ago-

ra, porém, sei que me illudi pelo sublime ou tu te cegaste com o relampago do bello — o bello horrendissimo da tua situação.

Não póde ser, meu filho. Desce á craveira da necessidade. Sacrifica aos que te amam essa nobilissima concepção das tuas febres. Inclina-te diante do tumulo; mas não deixes accender novos infernos na tua vida. Não queiras que a corrupção te esmague depois de a teres repellido com tão violento impulso. Se as baixas almas, por não te entenderem, te condemnaram, a libertinagem que protestou contra ti nos templos dará *hurrahs* d'alegria. Não queiras, não quero que tal aconteça, Vieira de Castro.

Acabo de saber que a tua defeza, pelo theor que se te afigura, é impossivel. Se me respondes que se te não afigura defeza de theor nenhum, hei de prevalecer-me das tuas palavras: *Deixo-me guiar da tua mão*. Peço-te por ti e por mim e por meus filhos. Olha que eu tenho receado que as tuas desgraças me transtornem o juizo. Offereço-te como prova da minha santa amizade esta tristeza que cada noite me sacode o cerebro, e me faz sahir do leito em busca de quem me valha e ajude a reter a razão que me foge. Em nome pois de mim proprio te rogo que desafogues a tua dôr e a tua justiça no talento grande que te vai defender. Não considero ninguem como o Jayme Moniz á altura de ti. E, se algum homem estivesse na tua situação, eu só acharia Vieira de Castro para o salvar.

O coração me está a dizer que tu desistes do teu proposito, cuja grandeza apenas se mediria com a elevação de duas ou tres almas n'esta terra. Quando m'o revelaste, dizias: *Ninguem me desvia*. Te-

nho a vaidade de crêr que coopero em tua alma para que te desças d'essa opinião. Deixa-me a mim o prazer de a fazer publica quando fôr tempo. Eu farei os relevos d'esse magnifico lance quando a tua vida já não estiver sob a influencia dos juizes do teu procedimento.

Peço-te que na volta do correio me digas se eu pude demover-te. Rogo-t'o em nome das tuas incalculadas afflicções, e em nome da paz e serenidade que, volvidos poucos annos, surgirão d'essas trevas, onde os teus amigos hão de ter força de fazer que o anjo da consolação se abrace ao da honra.

Meu querido amigo, não sei, não tenho porque mais te peça. Obedece-me e recebe o abraço estremecido do reconhecimento do teu

C. Castello Branco.

Meu V. de Castro.

Só duas linhas, porque a minha doença me não permitte mais. Ha cinco dias e noites que apenas consegui dormir a somma de seis horas.

Ás dez da passada pedi que me lêssem os jornaes. Ouvi que a senhora do Brazil te era parte. Raro e estranho despejo! Isto deve sobre-excitar os teus padecimentos. Animo! Creio poder asseverar-te que semelhante desprimor de mãi te será grande favor no julgamento. A perseguição quer-se que venha assim eivada de uma deshonestidade original.

O que me parece inacreditavel é que haja representante no tribunal para tal dama. Haja ou não, cerra-te com as tuas angustias e rebate as outras

que hão de ser sempre menores. Adeus, filho, até quando eu podér. Transtornou-se a ida para as Taipas.

Teu

Camillo.

Escrevo-te com a cabeça empannada em parches de vinagre. O que eu sinto ha doze noites seguidas é um estrondo infernal nos ouvidos, uma zoeira de catadupa que me não deixa estar sequer cinco minutos deitado. Tenho phrenesis que me despedaçam. Hontem á noite deliberamos sahir d'aqui para as Taipas, e de lá vou procurar remedio em não sei que medicos; mas desconfio que é irremediavel isto.

Quero accusar a recepção da tua carta. Se me não engano, acceitas a defeza. Bem, meu querido amigo. Mil agradecimentos. As tuas considerações são tão amargas quanto de grandissima alma a respeito de inimigos. Mas elles existem... Não posso continuar, filho. Adeus. Das Taipas te escreverei, se Deus o permittir.

Elles existem (os inimigos), te dizia esta noite. O que não está para mim sufficientemente esclarecida é a eternidade, onde tu graduas os tormentos pelas consequencias que deixou cá o criminoso a surtirem effeitos. Que a Providencia fez penas eternas na vida mortal é certo. E' a tal dôr chamada eternidade, segundo Gresset. Paraizo ha-o aqui para as esposas honradas: é o respeito do

mundo e o culto do marido ainda que elle seja um selvagem na religião dos deveres de esposo. Inferno tambem o ha aqui para as que prevaricam, atraiçoando não só o dever mas o coração sem macula. Conheces exemplos de ambas as especies. Esta é a verdade que vem á flôr das cousas, e ao de cima d'isto desvaira a phantasia dos theologos e dos poetas. Posto isto, meu amigo, peço perdão de me antepôr tão sem figuras e sem imaginação ás tuas formosas quanto dolorosas abstracções sobre as transfigurações das almas pelo infinito fóra. Todas essas imaginações são como as aves que avoejam por alto, cuja rota não sabemos, logo que as perdemos de vista. Deus não se deixa entender justamente para não soffrer confronto com estes miseraveis que nós somos. O que Elle permitte que vejamos é a lei eterna, o verbo que se manifesta na concatenação das cousas terrenas. O anjo funesto que te fechou as portas da felicidade, perdeu-se: perdeu o teu grande amor. Não lhe figuremos maior expiação.

Reduz-te, pois, meu querido José, a demarcar as rotações da vida no mostrador do relogio que marca o nascer e o morrer, com intervallos breves ou longos de angustias immerecidas, ou providenciaes. Isto em verdade é baixo para o teu espirito; mas compenetra-te de que a verdade é facil de achar; só a não encontram os que a buscam muito enfeitada. Isto vem a dizer que te desforçaste de uma offensa sem limites, e como o teu amor era por igual grandioso, mediste o limite da vingança pelo da affronta. Agora segue-se que tu, victima da corrupção, lhe ponhas o pé nas ulceras, e sáias com a victoria d'essa conspiração infamissima em

que adivinho que te bandearam alguns dos que te chamavam amigo, e te beijariam hoje de melhormente a fronte, se lá te vissem o estigma vulgar. Não te persuadas que te odeiam geralmente. Ha muito quem te não afastaria a mão que nunca apertaste. Tenho encontrado muita gente triste por amor do teu mau destino; e muitas pessoas tambem tenho encontrado a julgarem mal do teu procedimento, e todavia incapazes de te condemnarem n'um tribunal. Vejo que dás minima valia a estas cousas, mas eu dou-lh'a toda, porque toda a minha alma está cheia da ancia de te vêr livre. Depois, iremos resistindo ás desgraças mais sensiveis; e da tua desventura irremediavel iremos despontando os espinhos com a mão do tempo.

Reli na tua ultima carta aquella carinhosa expressão da bala que tens para o caso em que a minha razão se perdesse. Se tal acontecer, filho, entende que as tuas calamidades não foram senão accidentalmente um estimulo para esse estado. O que eu soffro é o desenvolvimento rapido e espantoso d'uns embryões que ha muito me estavam no cerebro. Muitas desgraças successivas, sem desabafo, e suffocadas por um riso que me ficou, depois que tive pejo de chorar.

Mas olha que sinto algumas melhoras. Pude dormir hora e meia sobre um canapé, e já hoje pude engolir bastante alimento para mais duas gotas de sangue.

A'manhã vou ouvir um medico de Braga, depois talvez vá ouvir outro a Villa do Conde. Se me não derem remedio, se me disserem que este estado póde resistir aos medicamentos, então terei a grandissima coragem de fechar os olhos, apagando n'elles

as imagens onde eu via espelhada a minha vida toda. Tu cá ficarás com a certeza de que te amei, como t'o devia por obrigações, que a ti, alma generosa, terão esquecido. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu amigo.

Poucas melhoras e essas a cada passo destruidas tenho experimentado.

Eu imagino-te muito atormentado com estas cousas vindas do Brazil. Se as não esperasses, mal conhecerias o mundo, e o modo como as dôres começadas se atropellam e encadêam. Tens obrigação de pôr tudo debaixo dos pés, desde que experimentaste a maxima de todas as dôres. Vê se podes sustentar com bom rosto as injurias que te saltam d'esta saturnal de torpezas, mascaradas de piedade. Recommendo-te um livro de Proudhon chamado a *Justiça*. Lê-o. Eu tenho grande veneração por esse honrado homem. Has de achar ahi consolações que tem uncção do céo. Até amanhã, se eu poder. São seis horas da manhã. Sinto-me enjoado e tonto porque ainda não pude adormecer.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Tenho pena que me não digas se é ou não verdadeira a remessa da procuração do Brazil, e ao mesmo tempo receio amargurar com isto o teu fel. Não leves o teu preito á senhora, que faz annuncios da sua dôr, ao extremo da que ella representa. Eu queria antes que o pejo a consolasse do que o desafogo um tanto deshonesto. E' preciso que tu não tenhas mais melindres do que ella na alma. Força, meu querido amigo, força, é que eu te insto, e esforço por abaixar a tua imaginação ao razo das cousas. Se a tua phantasia dá força ao odio estranho, maior condemnação não podia dar-t'a a lei. Não me escrevas com repugnancia, filho. Eu sei quanto custa o desafogo quando desde o cerebro ao coração ha uma constricção de que não podemos tirar mais ar que o dos gemidos. Escreve-me n'alguns instantes mais tranquillos, se Deus t'os dá.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Desconfio que algumas cartas minhas se tem descaminhado. Fallas me d'um silencio que não tenho tido. Na ultima que te escrevi de Seide ia um retrato; e d'aqui já te escrevi tres ou quatro. As tuas não me tem faltado. E' possivel que a curiosidade subtráia alguma das que vão com o teu nome.

Os meus padecimentos voltaram. Estou escre-

vendo ás seis da manhã. Passei toda a noite com a cara nos vidros á espera do dia. Imagina, meu filho, um espasmo nervoso no esophago que só com muito custo me deixa respirar, e á força de anti-histericos. Por cima d'isto o estrondo de uma azenha na cabeça — aquillo que Henry Heine sentia quando escrevia no *Livro de Lazaro*: «No fundo do meu cerebro vai um ruidoso desmancho.» Depois a fraqueza que me não deixa ter em pé, e a impossibilidade de estar quieto. Não se póde assim viver.

Eu admiro a honrada resignação com que vês acastellar-se a tempestade. E' sublime, é teu, esse destemor da vingança e o beijo filial que depões na mão que ainda vem espremer uma esponja que já não tem nada que possa amargar-te. A medida deve estar cheia para ti.

Eu, porém, vejo essa senhora como ella ha de ser vista pelo jury. A tua grande dignidade amordaça-me. Sou teu amigo até abafar o coração na extrema do respeito. Seja como fôr, meu querido amigo, o que te hei de pedir até á minha ultima hora é que tenhas coragem para viver porque os meus filhos hão de precisar de ti. Imagina que a tua vida é tambem dos meus filhos.

A ida ao Ermo não póde ser já. Como entrarei eu alli? Até breve.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

. . . .

Os rogos das pessoas que te amam, e a clara razão do que importa á tua defeza, conseguiriam que te conformasses com o Jayme. A magestade da tua desgraça tem sublime uncção de lagrimas, mas não é no tribunal de jurados! O consul brazileiro quereria que a posteridade admirasse qualquer rapto da tua abnegação diante da lei, com a condição de seres condemnado.

A defeza que me dás de tua sogra é louvavel, mas injusta. Se minha filha ámanhã prevaricar e fôr morta, eu terei vergonha de pôr luto. A uma dama, porém, é obrigatorio, em caso tão funesto, ter ou fingir um pejo maior. Peço-te perdão para os meus 44 annos.

*** chorou hontem por ti. Este caso é frequente entre nós. Adeus, filho. Parece-me que te verei cedo.

Teu

Camillo.

E' certo que outras cartas afóra a do retrato foram subtrahidas. Acho natural a infamia, e perdoavel até. O teu nome e a procedencia de Famalicão deveriam suggerir o prazer de saborear o que um desgraçado dizia a outro. No retrato ia o teu nome, o meu e uma data. Na carta ia assim desafiando mais a cubiça por fazer algum volume. Se eu vir que nos continuam a emporcalhar estas contrariedades, este esfossar de cerdos—porcaria toda portu-

gueza de lei—mando-te as minhas cartas por intermedio do Campos Juuior. Quem as possue, cuidará que tem n'ellas alguma cousa. Eram dôres e lagrimas que só para ti serviam. Dura alma a de quem desviou do teu coração essas palavras, que não seriam sobejas á necessidade que tens de amigos.

Não são bastante animadoras as melhoras. A noite passada deitei-me com esperanças de adormecer. Ergui-me logo e vi romper o dia e esperei até ás seis horas que me deixasse uma dôr nevralgica que veio sobredourar a insomnia, o espasmo, a zoeira e toda esta admiravel cadêa de nevroses que me vae arrastando até encontrar o ultimo annel que prende á cousa onde tudo isto se desfaz em phosphato de cal, lama e alma. (Observemos que uma simples transposição de lettra nos desfaz a *alma* em *lama*. Já notarias tambem que o *corpo* e o *porco* está na mesma relação. Dir-se-hia que a nossa lingua tem mysteriosas brincadeiras philologicas, das quaes os philosophos positivos allemães, se as conhecessem, poderiam tirar para o soalheiro da scien cia enormes systemas). Antes de hontem reuni aqui tres medicos. Não sei o que pensam de mim. O de Braga chama gastralgia á molestia. O de Guimarães tambem. E o das Taypas, que cura ha 60 annos, ainda não sabe o que é. Eu sei, e louvo a delicadeza de todos. Poderei viver algum anno, se as condições moraes se melhorarem. Como? e quando? O contentamento não voltará mais. Se ainda ha raio de sol que me allumie, esse nascerá no dia da tua liberdade.

Conheci rapazinho esse Pedro dos Reis. Ha 16 annos!

Escrevi isto com os olhos humidos. Era n'um tempo em que eu morava na quinta do Pinheiro e te via, criança, na tua varanda. Quando tornei a vel-o, já homem, quiz salval-o do abysmo por onde elle achou a ladeira dos outros. Nunca pude salvar ninguem. Já disse isto na *Mulher fatal*, penso eu.

Eu tenho outro retrato em Seide igual ao que se perdeu. Logo que vá, t'o mando. Se tiveres ahi o teu ultimo dá-m'o.

Eu acho nas tuas cartas uma serenidade angustiosa que me dá suspeitas de que soffres muito. Sei que algumas pessoas te viram o ar do socego; mas quem poderia *vêr-te!?* Tu has de morrer com o sorriso falso dos infelizes que se esforçam por mentir á vil piedade ou ao jubilo feroz dos que lhe procuram lagrimas. Se tu me dissesses em poucas linhas o que concedeste ao Jayme... Meu querido José, *tem paciencia;* esta phrase é banal; mas é divina. Encerra toda a philosophia dos heroes que prostraram a desgraça e a esmagaram.

Adeus.

Teu

Camillo.

Meu caro José Cardoso.

Eu já sabia que tu não podias desistir da formosa idéa que entrára na tua alma e se identificára n'ella desde a hora que ahi entraste. Primeiro applaudi-t'a com enthusiasmo; depois combati-a frouxamente como quem quer transigir com as neces-

sidades da vida como ella é, e da justiça como a entende o commum. Bem sei eu que o desatarem-te com violencia d'essa idéa seria aniquilamento para a tua alma: que tu, se te faltar a anciedade e o esforço —predicados essenciaes do teu espirito—não vives. Se o Jayme viu desde logo a altura do teu pensamento, e o achou compativel com a defeza, não careço d'outra prova para ir jurar na superior alma e levantado espirito d'elle. Parece-me agora que n'este paiz só haveria um homem capaz de acceitar a tua procuração assim condicional: é elle. Alegraste-me. Não o conheço; mas parece-me que o amo desde que a luz o visitou para elle poder entrar com ella nas trevas do teu coração.

Olha que deliberamos ir para Lisboa em fim de setembro. Estarás ainda ahi? Por que não? Anno e meio esperamos na Relação pelo julgamento. Lá teremos horas doces e amargas. Agora renascem-me esperanças de vida. Ainda te não disse que tenho ali um sophá e cadeiras. Se os queres manda buscar isso a casa do Ayres. Disseram-me ha pouco que tu nada levaste de tua casa. Os nossos pobres trastes estão todos em monte n'uma cozinha do consultorio homœpathico do conselheiro. Queres que eu dê ordem para te levarem á cadêa uma idéa dos salões de Semiramis?

Não fallemos da hedionda infamia do retrato que se vende. Guarda isso para o livro. Esta reprêsa de fel tem muita cara onde seja cuspida. Ainda bem. A noticia do livro que desgraçadamente não está começado já levantou rumores colericos nos prostibulos. O peor é ter eu de escrever com luva, e com o joelho genuflexo diante de dous infelizes. Adeus, meu querido José.

Muitos affectos da *** que recebeu hoje a tua carta.

Teu

Camillo.

Meu querido Vieira de Castro.

A noite passada foi das taes medonhas. Não consegui dormir. Já não descanço sem narcoticos que cada vez mais me desafinam os nervos.

As minhas cartas estão sendo para ti, meu filho, um boletim sanitario. Eu sei que em verdade te interessas na minha vida, porque tenho de consciencia que me julgas um dos teus mais affligidos amigos.

Uma cousa em que a Providencia está sendo boa para ti é dar-te saude. O que seria das tuas noites se te alanceassem as dôres e as commoções da insomnia!

Estou em Braga desde as seis da manhã. Tratome com um medico d'aqui; dá-me animo e narcoticos. Chama elle a isto uma nevrose. Tomára-me eu em Lisboa. Creio que serás o meu medico, desde a hora em que te vir fóra d'ahi.

Adeus. Dize-me se tens alguma hora de serenidade e se trabalhas.

Teu

Camillo.

Meu José.

Quando te offereci as alfaias que me esperam na cozinha do conselheiro Ayres esquivei-me a recordar-te os estôfos de ha dez annos ou onze. Volto-me a chorar e a sorrir para então. Nunca fomos tão futeis e tão desgraçados como n'aquelles dias! A gente á procura de othomanas com seis corôas na algibeira, e coragem para alugar a casa de um sophi! Foi n'esses dias que eu me identifiquei á tua alma, para todo o sempre e para todas as afflicções. Nos jubilos é que me verias e verás longe, porque a felicidade é a luz coruscante que offende as almas quasi cegas de chorar. Esta comparação deu-m'a o desgosto de mal poder hoje fitar a luz. A fraqueza não me deixa incolume alguma parte da cabeça.

A noite passada dormi regularmente. De oito em oito dias tenho assim um remanso. Parece-me porém que vou entrar em melhoras progressivas.

Não te aconselho que leias novellas, mormente as minhas, que tem muito da tua, da minha vida, d'estas tristezas modernas, deixa-me assim dizer, que por força hão de repercutir-te.

A desafinação nervosa em que te imagino, deve exagerar a tua sensibilidade. Essas cousas que n'outro tempo apenas valeriam para ti como physiologia d'alma, ou linguagem, podem incommodar-te. Lê antes cousas áridas que te narcotisem; e, se tens quem te não aborreça a conversar, deixa os livros. Verdadeira distracção só póde dar-t'a o trabalho do espirito, o escrever cousas tuas, seja o que fôr.

Bem sabia eu que tu eras indifferente ao proces-

so e ás delongas da justiça. Póde ser que haja ahi interesse em aligeiral-o ; mas creio que os teus amigos terão o espontaneo bom-senso de o retardar.

A deliberação da ida para Lisboa só poderá desfazel-a a gravidade da doença. Eu vivi sempre mal ahi; mas tenciono procurar casa em Buenos-Ayres ou Arroyos. O que mais desejo é que não estejamos mais longe que o espaço que possa vencer-se n'uma hora. Creio que irei antes da familia para arranjar a casa onde tu caibas depois. No verão seguinte iremos para o Minho ; passaremos, os dous, um dia no Ermo e outros em Seide. Tenho muita vontade de lá voltar comtigo. Essa cadeira e essa cama que ahi tens has de dar-m'as aos meus filhos por tua morte. Essa simplicidade tem aos meus olhos uma magnificencia que eu não saberia descrever. A's tuas desgraças extraordinarias ligam-se sempre accessorios de extraordinaria poesia — poesia, quer aqui dizer tudo que faz sentir estar-se a alma a encher de lagrimas.

Adeus, meu filho.

C. C. Branco.

Meu V. de Castro.

Esta noite passei peor; mas ainda assim conservei-me na cama. A grande desgraça é quando lá não posso estar. Parece que me faz horror a posição horisontal da sepultura. Conheci ha cousa de dous mezes em casa d'aquella D. Euf. do Porto um hospede que padecia não sei de que viscera. O homem tinha medo da cama como um hydrophobo da agua. Levantava-se de noite e cabecea-

va n'uma cadeira. Uma manhã apparece muito desolhado, dizendo que estava a morrer; e na tarde do dia seguinte, morreu. Mal empregada morte, como dizia o Alheira do gallego que morreu de apoplexia fulminante! Penso muitas vezes n'este defunto, e comprehendo como elle se foi para a segunda vida de Pelletan, que parece ser a angelical.

Gosto que te entretenhas com o estudo de linguas. Isso denuncía certa paciencia do espirito, ou antes força, se não é antes violencia que lhe impões. De qualquer modo, haja, seja o que fôr, a separar-te do homem interior, do Mephisto, do diabo intimo que tem sempre nas garras o pobre anjo custodio.

O meu, pelo menos, figura-se-me que andou sempre de parçaria com o inimigo.

A lingua ingleza vem a ser-te precisa. Agouro que tu não ficas na Europa, e buscarás o paiz que mais te namorou nas tuas viagens. Ainda que ás vezes me persuada que tu, calados os ultimos estrondos d'esta tempestade, acharias prazer na vida retirada, logo me desconvenço. Se até aqui abafavas em horisontes apertados, vem ahi o tempo em que, por não caberes em ti, procurarás o aturdimento e o tumulto. Estás muito novo, meu querido amigo, e estás sopeando uma energia que ha de expandir-se com vehemencia. A tua infelicidade não é das que aniquilam, senão temporariamente. Ainda bem.

Satisfaz-me a tua apreciação dos *Brilhantes*. Aquillo pareceu-me um signal de decadencia quando o reli nas provas. Com aprazivel assombro vi que a edição se vendeu em tres mezes, e da *Mu-*

lher fatal o mesmo. Isto prova que os romancistas novos principiam tão valetudinarios como eu. Já hontem te disse o que pensava respeito a leitura de novellas. *As scenas da Foz* são a mais innocente asneira que publiquei, acommodada a espiritos enfermos.

Olha lá: não me escrevas tão a miudo que te póde ser isso custoso, meu amigo. As minhas cartas não exigem resposta. Basta que me digas a espaços quantas recebes. Eu alegro-me quando vejo a tua letra no sobrescripto; mas receio que te esforces.

Adeus. Hoje respira-se. Deus permitta que lá sintas algum refrigerio. Ha dias por aqui sem ar; e noites em que o chão exhala fogo. Que será ahi!

Teu

Camillo.

Meu amigo do coração.

Quando em alguma das minhas primeiras cartas te quiz chamar a saudade e o coração para o Ermo, presentia que nenhuma outra paragem conviria melhor á crise da tua alma. Folgo de te vêr esperançado nos *tristes contentamentos* de lá. Bem sabia eu que não permanecerias em Lisboa nem no Porto. Eu, provavelmente, quando tu deixares Lisboa, sahirei comtigo. Parecia-me impossivel que a maldade humana esponjasse da bexiga do fel insultos ao teu infortunio! Ha tempos escrevi ao F... uma carta em estylo insolente por causa de não sei que noticia que li no..... a teu respeito. Casti-

guei-o; mas elle não gemeu. Couros portuguezes e mercantis que não gretam nem ás lançadas. Desejo vêr o que esvurmaram os padres dos Arcos, e metter a injuria na papeleira. Deus me dê vida. *Deus!* Porque não? Esta porcaria requer Creador divino que a explique. E' mister que nós, através de algumas dezenas de dogmas esclarecidos, na região luminosa d'além-tumulo, vamos em fim topar a razão de ser d'isto, a origem do peccado, a queda do anjo rebelde na latrina.

Deixa-me dizer-te uma atroz verdade. A desgraça e a doença tem-me feito descambar a um atheismo absoluto. Aquellas causas ou produzem isto ou o ascetismo. Em mim apagam-me as ultimas vascas da luz que o sentimento disputava ao raciocinio. Imagino-te assim [1].

E no meio d'esta minha escuridade, o sonho da idade media: o dogma definido do papa infallivel! Até aqui, os catholicos, racionalistas tanto ou quanto, negavam ao papa a infallibilidade e concediam-na á igreja — ao concilio ecumenico; mas agora? feita a assombrosa tolice no concilio, quem dirá que o Espirito do cenaculo presidiu a semelhante anachronismo? Vê tu e lembra-te que nos primeiros nove seculos da Igreja ninguem se lembrou sequer de sobrepôr o bispo de Roma aos de mais. Surge o dogma da inerrancia pontifical quando o catholicismo baquêa. O prognostico mais persuasivo da queda é a indifferença do mundo europeu

---

[1] Esta carta seria excluida d'este livro, se não viesse como prova da pusillanimidade da alma humana sob a pressão dos soffrimentos corporaes. Um sorriso de saude bastará a abrir no coração uma lagrima de arrependimento.

a este attentado que só ao cabo de 300 annos de surdos lavores dos jesuitas se consummou. Mas para que? — pergunta a minha preguiça em pensar no caso.

Segunda-feira vou para Seide. Levo esperanças de poder trabalhar alguma hora em cada dia. Estou enfraquecidissimo da vista e da cabeça.

Retribue as lembranças ao snr. Pedro Maria dos Reis. Eu já sabia que elle ahi estava. A imprensa vende por dez réis a explicação de todas as lagrimas occultas.

De Seide te escreverei, meu querido José. O Jorge recorda-se muito de ti.

Teu

Camillo.

Meu José.

Tenho o folhetim do nosso Julio. Costumo guardar tudo que é raro. Um bom coração escreve toda a sua historia n'um folhetim. Do teu *amigo intimo*, que se espantou da temeridade, é que eu não quero guardar nada nem sequer saber o nome. Basta-me saber que os teus amigos intimos deviam antevêr a catastrophe, e mediram-te por elles. Viram impendente o desfecho, e entraram em contemporisações com as eventualidades usuaes em taes lances. Esses hoje ou ámanhã hão de bandear-se com os teus inimigos.

Teu mano Antonio disse-me o essencial do que vinha no jornal dos Arcos. Admiro o tal F... Julgo-o capaz de redigir a local, se teve alma de t'a enviar. Redobra o arnez para rebater muitas d'essas

injurias. Até os amigos, sem o pensar, te hão de ferir com as suas lastimas. Ha por ahi o que quer que seja analogo á commiseração; e, feitas as contas, não passa de desvergonhamento. Infelizmente, raro dia correrá sem que lá te chegue o echo das salas de Lisboa, onde a tua causa tem as respirações suspensas. Symbolisas hoje o cauterio de um enorme cancro social. Espera-se o resultado do teu julgamento, para por elle graduar o ponto que attingiu a emancipação da mulher. Isto é grave, é questão capitalissima, cujo alcance vai mais longe do que a tua vida.

Adeus. Animo e esperança. Pensa no Ermo, na extensão da vida, e no pouco que ella vale dos 30 annos em diante, e com os revezes da nossa.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Quando esta manhã nos sentamos á banca do almoço appareceu-nos logo a tua imagem, associada ás tuas madrugadas de aldêa. Depois, aprazamo-nos um ao outro para de hoje a um anno estares aqui a almoçar comnosco.

Não me sinto mais mal. Os primeiros dias em Seide são-me sempre agradaveis; mas os beneficios do ar duram pouco, se o mal não está no apparelho respiratorio.

Tenho recebido todas as tuas cartas, meu querido amigo.

Mando-te o retrato igual ao que se perdeu. Ve-

remos se lá chega. Leva duas estampilhas para maior segurança. Olha tu que velhice! Foi assim tirado de esguelha para um gravador do Porto negociar com medalhas que hão de ir á ultima posteridade... por serem de cobre, e não valerem nada a peso.

Li a noticia do jantar dos homens de letras. Parece-me que os promotores d'aquella congregação tem os olhos postos em ti. Se me engano, tenho pena que elles não fossem capazes de intentarem um acto soberanamente sublime. Imaginei-os preparando-se para disporem a opinião degenerada das multidões a conceber a tua respeitavel e augusta desventura. Se isto é uma chimera, bem se deixa vêr que ainda não percebi bem os homens do meu tempo. Move-me vêr alli muitos e quasi todos homens da tua amizade, bem que outros t'a não mantivessem ostensivamente depois da tua elevação na queda.

Vou agora esforçar a cabeça a escrever o *Espelho*. Antes d'isso para ensaiar o *estylo* vou escrever um ou dous folhetins sobre não sei quê. O peor é este rolar de trovões que me estruge na cabeça. Ora vê tu, meu José, que desesperação não poder eu um instante fazer calar estes estrondos, e tamanhos que me acordam em sobresalto! A medicina não tem nada para isto!

Adeus. Tomára-te eu bem entretido a ponto de quando me escrevesses apenas o fizesses em duas palavras. Meu pobre filho, em que has de tu entreter essa alma!

Teu

Camillo.

Meu querido Vieira de Castro.

Vai recebendo de rosto os infortunios com essa triumphante ironia, meu V. de Castro. A tua alegria cá em mim repercutiu como um gemido. Através de lagrimas é que eu li a tua carta.

Não creio que a pobreza te assuste. Essa dôr é indigna de entrar onde estão outras extraordinarias. Não tens filhos; não receias que elles te responsabilisem por lhes teres deixado a herança da tua fatalidade. Caminha serenamente para a pobreza, verás como ella te recebe com um sorriso que a fortuna raras vezes tem.

E' preciso que salves o Ermo do naufragio. Confio muito n'aquella solidão para que a tua alma se retempere. A corôa brazileira deixal-a ir. A tua cabeça é grande de mais para cousa tão pequena. Como monumento de uma noite gloriosa, basta-te a memoria. Que te levem embora tudo que de lá trouxeste; mas que te deixem a casa onde nasceu teu pai, e d'onde provavelmente lançarás um extremo olhar para as paragens lagrimosas da tua peregrinação.

A infamia que me contas do F... é exorbitante! Quem o instigaria? Provavelmente veio d'ahi a depracada. Isto tudo convém á tua defeza. Seria bom que no dia do julgamento esta protervia não esquecesse, porque eu sei que se faz n'ella grande fundamento para a accusação. Vê-se que procuram descobrir crime ou infamia que te denigra o caracter. Elles bem sabem que o arrebatamento da honra e coração dilacerados não são materia para condemnação.

Adeus. Cada vez te peço mais coragem, meu querido amigo.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Pensou bem o Jayme. A carta, posto que excellente, não convinha. O ar, que tens mantido, de indifferença pelas calumnias, alterar-se-hia com o apparecimento d'este papel. Se as affrontas grandes tem corrido livres, deixar passar as pequenas. A honra de teu irmão, se foi aggravada, deve sacrificar-se. A opinião publica não merece a satisfação. Permitte porém que eu te diga que a remessa das joias para o Brazil tinha sido um bellissimo expediente da tua nobre alma.

. . . .

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Povoa de Varzim.

Cheguei aqui ás sete horas da tarde, e estou esperando a sege que ás duas me ha de levar para Seide. Estou peorando debaixo da impressão tristissima que me fez esta feia cousa. Não sou capaz de esperar que a luz do dia m'a mostre de novo.

Tu não imaginas os dolorosos caprichos d'esta enfermidade que me está despedaçando. Lá vejo

no céu a lua serenissima. O estrondo que me rebôa nos ouvidos não me deixa ouvir o mar. Assaltam-me impetos de loucura, quando penso que este inferno não ha de passar.

Volto para a pobre mãi e para os pequenos. Soffro lá menos, como quem vê os braços onde ha de expirar. Não me consideres encarecedor dos meus padecimentos. Eu estou gravissimamente doente, e de certo não te vejo mais.

Era um sonho a minha conjectura da associação dos escriptores? Não me deixam acabar com alguma santa tolice na alma! Parecia-me asneira sem fito aquella constellação de luzeiros grandes e menores á volta d'uma terrina de sôpa de talharim, cruzando brindes, e ungindo os pulsos de Bordeaux falsificado para se arrostarem contra a hydra da ignorancia! Então, o intuito do congresso, a meu vêr, entende com algum monte-pio que permitta aos estomagos letrados não se ajoujarem á vacuidade dos craneos? E' bom. A pleiade não quer resvalar ao abysmo da gloria pela rampa da miseria. Quer ter a certeza de que, na decadencia do genio, mão benigna e previdente lhe ministre a canja de gallinha e a bolacha americana! E' bom. Ha ahi sujeito que se houvesse de engulir a chave de Gilbert, primeiro enguliria a alavanca de Archimedes; o qual rolaria este globo e o faria tombar no espaço, se os tivesse a elles como ponto de apoio da alçaprema. Parece-me que estou a parvoejar. Adeus, meu querido amigo. Se Deus nos deixasse ainda conviver debaixo das telhas do Ermo, com dous raios de entendimento, que cousas não tirariamos da lama para o prelo! Tenho nos miolos aquelles diabos azues do Alfredo de Vigny. Parece-me que vem ahi a sege.

Tenho muito frio. Ha quatro noites que apenas durmo instantes. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Sempre é bom saberes que tens um amigo e eu um admirador em Pernambuco. Mando-te a carta do homem que me parece bom sujeito. Ha quatro dias que não te escrevo. Nem isso tenho podido fazer, unico acto em que entra a vontade do coração. As noites são as mesmas e atribuladas. Hoje veio uma sobre-carga de dôres nervosas nas pernas que me privam de andar. No fim d'esta semana tenciono ir para Villa do Conde começar os banhos; espero não passar do primeiro como no anno passado me aconteceu.

Tu desculpa, meu amigo, estes boletins sanitarios. Entre as contingencias da enfermidade esta de estar sempre a martellar no soffrimento é a mais dolorosamente estupida. Torna-se um homem egoista e quer que toda a gente o esteja contemplando como o pobre que mostra um cancro nas feiras. Eu compenetro-me d'este ridiculo, e vou gemendo e queixando-me.

Eu queria saber como tu ahi passas os dias, e com quem. Disseram-me que tens um dedicado amigo chamado Pereira de Miranda. Conheço-o de vista, e ouvi-o estrear-se brilhantemente na camara em junho do anno passado, se bem me recordo.

Encareço tanto mais a probidade do amigo quanto elle deve ser dos mais recentes na tua carreira

tempestuosa, cujas ondas te hão levado muitos. Alguns dos que ellas levaram na ultima procella estou-os a vêr um dia no lixo entre as alforrecas da praia, quando a tempestade acalmar. Espero que as tuas botas os sintam.

Fujo de te magoar com este assumpto, porque receio que sejam verdadeiras as minhas suspeitas. Dize-me hoje alguma cousa do teu espirito, meu querido amigo.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Accusa uma profunda desanimação a tua carta. E' a mais triste de quantas me tens escripto e a que mais dorida impressão me deixa. Os teus raptos de espirito em antagonismo com essa dôr abafada não me illudem, filho. Receio que estejas escurentando de mais o teu destino. Estás amparado na tua honra, embora o mundo te faça suar o sangue de todos os que se atreveram a sahir da craveira vulgar. Que fugissem de ti uns homens que não podiam louvar a tua desaffronta sem se arguirem de infames, era justo e racional; mas que os bons e na apparencia honrados o hajam feito, é indecencia para que eu não tinha bastante imaginação.

Tenho como certo, meu amigo, que terias procurado o beneficio da morte, se eu podesse duvidar da lucidez da tua razão quando cedeste ao impulso do odio que devia ser medido pelo amor e pela dignidade. Eu tambem, na tua posição, seria o juiz do meu desatino e cuidaria que me lavava da no-

doa e grangearia o perdão da victima, suicidando-me. Quem se lembra, porém, da injustiça do teu acto? Por um lado recriminam-te a premeditação; por outro querem-te abcecado pela allucinação instantanea. As horas que decorreram desde a infiltração do veneno que te assaltou o coração até á explosão terrivel, não devem chamar-se *premeditação*. Esse periodo foi o elogio da tua indole. Deram-te a punhalada: a chaga cancerou-se, a gangrena generalisou-se. Era preciso o decurso de horas e dias. Queriam que tivesses inteirado a vingança matando um homem que se offerecia como o infame amarrado á pontaria de algum cobarde maior do que elle. Abstiveste-te d'essa ignobil gloria. Bem hajas tu. Aquelle homem pertence-te. Se o não matares um dia hei de esquecer-me de que te chamei amigo. Sei, juro que o matarás.

Estou muito incommodado da cabeça e vou sahir para o Porto. Ha tres noites que não durmo. De lá irei talvez para Villa do Conde.

Adeus, meu filho. Hombridade, virilidade, harmonia no teu caracter. Quem viver de hoje a dez annos, vêr-te-ha um dos primeiros homens d'este paiz[1].

Se eu então viver, mostra-me esta carta, ou mostra-a aos meus filhos, se eu tiver passado este inferno.

---

[1] Profunda ridiculez e miseria dos que tiram vaticinios sobre horoscopos da dignidade do homem tão dependente da collectividade dos maus!

Meu caro Vieira de Castro.

Estou em Villa do Conde ha cinco dias. Hontem recebi a tua carta devolvida de Seide. Tranquillisou-me quanto ao estado do teu espirito. E' mau; mas não é o que eu devo sempre recear da tua phantasia mais poderosa do que a razão. Tens ainda no teu passado uma cousa bella e salvadora. E' a saudade de uma pedra e de uma arvore. Quando ha ainda coração para isso, a felicidade póde renascer com uma luz pequenina, mas serena, por que é essa a mais barata e facil de todas, em razão de a desprezarem os cegos, e serem poucos aquelles a quem a desgraça abriu os olhos. Raros são os infelizes que se apartam da sociedade que lhes cavou a sepultura.

Tu vês o Ermo perto ou longe. Ainda que lá ao pé te pareça menos convidativo, um anno alli ha de retemperar-te o espirito, e quanto mais solitario te vires, mais depressa se irá reformando a nova alma com que has de tornar ao mundo. Se sahires de lá cheio de odios, eu hei de dizer-te que são justos; se sahires com mais lagrimas que fel para as perversões da sociedade, serás um homem extraordinariamente bom. Em todo o caso, o que eu pediria a Deus no teu lugar seria o que Manfredo pediu aos gemidos invocados: o esquecimento.

Tenho sentido aqui algumas melhoras. Comecei a escrever um drama em fórmas um tanto largas, contra o costume dos meus esboços. E's tu que o inspiras. O primeiro personagem reflecte a luz que eu posso entrevêr na tua alma através da condensação d'esta grande noite. Quero que elle seja re-

presentado. O Moutinho espera-o para uma companhia que escripturou; mas eu hei de vêr se ao mesmo tempo se dá em Lisboa. Tenho o primeiro acto escripto. O titulo ha de ser o *Sentenciado* ou o *Condemnado*. Escrevo devagar porque tenciono concentrar-me quanto possa, e porque acho difficuldade em escrever. Este incessante estrondo na cabeça, dia e noite, chega ao extremo de me pôr diante a morte como remedio unico.

Em um dia d'estes passei em Moreira. Apeei, e fui até ao fim do arvoredo da estrada. Não cheguei a vêr a casa porque me sentia triste, mas d'uma tristeza incommoda que parou n'uma afflicção toda corporal. Retrocedi, e disse commigo: «Para outra vez.» Essa vez, porém, não virá. A poesia de tudo aquillo está morta. Ainda bem que eu nunca alli entrei...

Vi um opusculo em tua defeza, vindo do Rio. A intenção é boa.

Adeus, meu querido José. Escreve-me quando te não custar.

Teu

Camillo.

Meu querido Vieira de Castro.

Deus queira que não commovas ninguem! — escreves tu. — Eu via a minha vergonha nas lagrimas que eu tirasse aos olhos d'esta ralé. Eu quero lá que chorem! quero que te admirem! quero que se vexem os corrompidos; que te odeiem, que me insultem; que me tirem a mim para a lama, e que nos verberem a ambos. Se alguem, lido o meu livro,

dissesse que eu vingára apiedar uma alma por amor dos teus infortunios, eu viria á imprensa dizer que não seria o mais magoado e entranhado dos teus amigos, se tu solicitasses dos meus escriptos um estimulo á compaixão alheia; e que tu desprezarias o amigo que pozesse a tuà causa diante da piedade, exigindo ella ser julgada pela justiça que entende em pleitos de honra, e não pela misericordia que tem lagrimas para todas as infamias sympathicas.

Infelizmente escrevo pouquissimo, e isso a occultas do medico, para quem a minha cabeça creio eu que está perigosa. As melhoras são sensiveis. Tenho dormido o bastante, e não me aborrecem tanto as cousas e as pessoas.

Eu já tinha reparado na canalhice dos jornaes. Em compensação alegrou-me um folhetim do Pereira Rodrigues. Tu sahirás d'ahi a conhecer a sociedade e envergonhado d'ella. Sahes novo. Tu colherás o fructo bom da semente das lagrimas que hoje vertes.

Das grades de uma enxovia é que se vê bem a lama que anda na rua, dizes. Agradece ao menos á tua desgraça essas claridades que ella te dá. Coragem, filho.

Teu

Camillo.

Meu José Cardoso.

Faltam-me ha dias noticias tuas. Pelo que li n'um periodico espera-se o teu julgamento em outubro. Tu não me fallas d'esse dia. Eu penso n'elle, e não

sei se tremo se me alegro quando o vejo avisinhar-se. O meu convencimento, mais do que vaticinio, é que serás absolvido. Se o não fosses, todo homem de honra e pejo deveria vestir luto. A tua condemnação será um marco da franca estrada da corrupção. Se na vida conjugal d'ahi ávante houver vestigio de dignidade, será isso o resultado da organisação — a inercia incapaz do vicio.

Tive agora um clarão de alegria quando li no *Primeiro de Janeiro* a noticia tirada d'um jornal de Lisboa. Mais tarde te contarei o que é a imprensa do Porto. Espero contar-t'o e vingar-me ao mesmo tempo. Que admiravel! Quando eu estive preso achei grande difficuldade em encontrar um jornal que dissesse *que eu soffria da vista.* Graças a Deus! chamam-te honrado. Bemaventurada prisão a d'aquelles que a imprensa chama honrados!

Alegra-te. Muita gente ha de começar cedo a ter remorsos de te insultar no teu magnanimo infortunio.

De mim, filho, nada te posso dizer bom. Tenho vivas saudades da solidão de Seide. A urbanidade d'estes sujeitos de Villa do Conde afflige-me. Está aqui o Placido de Freitas Costa que falla bem de ti.

A minha doença tem tido algumas intercadencias de abatimento; mas a cabeça peora quando o restante parece melhorar. Eu não tenho esperanças algumas de cura. Poderei viver alguns annos, mas sempre atormentado, e incapaz de trabalhar

ou pensar uma hora. Que velhice tão desgraçada, meu caro José Cardoso!

Quem nos viu em 1857! Adeus.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Tu has de obrigar a senhora do Brazil a ter pudor na parte que escolheu na tua perseguição; has de obrigal-a a respeitar os actos consequentes ao desastre da filha, e a vêr na tua alma despedaçada intactos os ligamentos da honra com o desprezo dos inimigos. Creio até que virá um dia em que ella, se se visse a sós comtigo, choraria o desgraçado que sua filha aqui deixou. Mas, meu querido Vieira de Castro, não te enganes pela vigesima vez com o coração humano. Procura descondensar as tuas trevas a outra luz que não seja a do affecto d'essa senhora, que ha de inferir da tua condemnação a innocencia da pessoa que ella trata de vingar. Tudo isto, assim dito, é baixo em relação ao ponto elevado d'onde olhas as cousas; mas é verdade. Lá do Brazil não vem lagrimas pela filha e irmã fallecida: vem odios, e ardente necessidade de mostrar pelo julgamento que houve um cego enfurecido por assomos de vaidade. Devo conjecturar que indo tu dizer no tribunal que mataste, e omittindo a culpa, farás sentir áquella senhora que és uma alma admiravel. A consciencia dir-lh'o-ha; mas a consciencia de tal dama receio que ande de par com a dignidade. Que, mediante influições religiosas, se lhe quebrasse o animo, debaixo

da tua sagrada dôr e da probidade exagerada dos teus brios, seria possivel, se lhe não conviesse antes dizer que tu matáras uma innocente, por tua propria confissão ou pelo teu eloquente silencio. Dito isto, ha de ser-lhe forçoso não desmascarar os sentimentos de aversão, embora lá dentro chore a piedade, e o espirito se sinta castigado pela nobreza do teu proceder.

Por tanto, meu amigo, eu queria primeiro que tudo vêr-te livre. Se o affecto paradoxal da senhora brazileira é cousa que se anteponha á longa vida que te resta, pergunto eu ao teu espirito em hora de serenidade. Eu queria que as torrentes tempestuosas d'esse immenso mar de angustias em que receio sossobres, queria, digo eu, que tomassem outra direcção, meu desgraçado amigo. Sei como a tua alma é formada; sei que não tens a pauta commum para os teus actos e pensamentos. Se o não soubesse, cuidaria que as tuas faculdades podem esmorecer de enfraquecidas pela tristeza sem um coração onde chores — coração de mãi, ou de irmã — que homens não sabem o que é chorar como tu choras.

Meu filho, um dos grandes galardões que tens dado ao meu affecto fraternal é consentir-me escrever-te com esta liberdade. Não queiras commiserar essa senhora nem os seus filhos. Tu não pódes achar sensações de contentamento, se vaes com a imaginação procural-as onde eu até hoje não tenho visto senão á volta de uma dôr de mãi um apparato de vilanias contra as quaes até os teus inimigos se levantam. Um homem que levantou a cabeça por cima de um fundo abysmo, e se conserva á espera que o despenhem sem pedir sequer o applauso dos

homens de coração, deve vingar-se de quem o persegue tirando-lhe os ultimos recursos. E' o que tens feito. Desde que te atacaram a algibeira, perderam o direito á tua compaixão. E ao teu amor? Pelo amor de Deue!... até breve.

Teu

Camillo.

Meu José Cardoso.

São nove horas da noite de quinta-feira. Sahiu d'aqui, ha uma hora, o teu Antonio, que me esteve lendo um bello opusculo-biographico.

E' pena que sagradas censiderações o forçassem a rodear a voragem, com medo de lá ser emborcado pela opinião, ou — o que mais creio — de magoar a tua pobre e santa alma.

O meu drama está mal tecido; mas ha por lá dôres, que é mais duradouro condão que o do estylo. Esta cousa de estylo faz-me lembrar uma sazão alegre que florejou na nossa vida. Nós, tu o verás, ainda havemos de crêr que nos estamos remoçando alli por Seide ou pelo Ermo.

A immensa poesia do teu coração não póde morrer; nem cuides que fóra do coração possas encontral-a. A tua eloquencia era d'elle, os teus atrevimentos de generosidade eram todos coração. Do lá te sahiram as flôres e os vulcões. Tu terias sido bastantemente feliz com essa entranha no lugar commum dos sisudos temperados com um pouco de impudor. Lá ao diante, no declive da vida para a morte, has de olhar para áquem d'esta paragem, e terás soberba das dôres que soffres; e,

quando tanta gente conjura em te afogar no fel os sentimentos de homem de bem, tu serás piedoso até com os infames.

Teu

Camillo.

Meu José Cardoso.

Recebo a tua de 29.

Na leitura do drama vi correr algumas lagrimas em caras rebeldes. Um dos que me pareceram mais dignos da minha condescendencia na leitura foi o Barros, ex-deputado. O Germano é um bello escriptor, e muito teu affeiçoado.

Não te afflija a demora no julgamento. Os teus amigos desejam-na. Sei bem como tu pensas; mas n'esta desgraçada causa não está só o teu coração. Tu não eras egoista na felicidade: não o sejas no infortunio. Compartem d'elle teus irmãos, e os que se sentem pela alma teus parentes.

Que tola calumnia a da tua mensagem aos amigos de F...! Ha doze annos teria graça a criança loura que tu eras então a diplomaciar com os anciãos que se agarraram ás inscripções do homem!

Quando os infames vão tão longe, que lamaçaes elles não terão remexido! Deves ter annos muito de prova para rebater as frechas de insultos que te hão de, apesar de tudo, varar o peito. Coragem para o dia tremendo!

Teu do coração

Camillo.

Meu José.

Não me espanta o que me contas do procurador regio. Esse homem é muito do ministro do Brazil, e commensal muito frequente de um tal Ulrich, deputado, brazileiro, rico, etc. Além de que, a experiencia da cadêa, obtida n'um anno e 16 dias, relaciona-me com todos os infames que compem para dentro das grades. Lembra-te das sovas que eu dava n'um *** por causa dos insultos feitos á ***. E mesmo eu não tinha contra mim senão o dinheiro d'um sujeito incapaz de sacrificios grandes. Tu tens contra ti as devassas de Lisboa, incapazes de gastar vintem, pagadoras generosas em moeda de couro (já a usaram as matronas matriarchas); mas é para recear a algibeira da senhora do Brazil que me dizem ser rica e quasi tanto como respeitavel. Não suspeito que ella vingue prostituir a imprensa de cá. Os jornaes portuguezes com vilissimas e raras excepções, se não tem procedido briosamente tambem se não tem emporcalhado. Bem é de crêr que se hajam tentado com dinheiro forte alguns escribas. Os temiveis não acceitariam; os despreziveis ninguem quer alugal-os. Eu vou vêr se o *Primeiro de Janeiro* me deixa por lá ir frechando a vara de porcos d'ahi.

Trato de vêr se se imprime o drama a tempo de eu ir em pessoa entregar a cada jurado um exemplar com dedicatoria. Este acto não póde ter consequencias boas nem más. No drama ha de apparecer uma carta que te hei de escrever.

Quando eu estava compondo esta frouxa composição, podia dar-lhe bons matizes de sentimento,

copiando alguns trechos das tuas cartas, e collocando-os na bocca d'um personagem que lá representa o teu sagrado infortunio. Não o fiz temeroso da profanação. As tuas cartas hão de ser lidas quando tu e eu estivermos em cinza. Ainda tenho entre mãos o romance. Esse não me corre com o *contentamento* (que palavra tão mal cabida!) do drama. Como ha n'elle menos allegorias, a dôr é mais funda, e a cada passo sinto atrophiar-se-me o cerebro.

Teu do coração

Camillo Castello Branco.

Meu amigo.

Era bem de esperar que a *Biographia* désse margem grande a commentarios infames. Por alli não hade o causidico provar o teu atheismo; a pontaria é feita a outro escopo. Tu bem a descortinas. A defeza d'uma adultera ha de ser apresentada no tribunal como desmoralisação do defensor, e prova de incapacidade d'elle para se desforçar da affronta. Entretanto, creio que não defendes lá a culpa; apenas invectivas contra a villania da perseguição. Sobre tal assumpto, creio que *** te escreverá, não sei para quê. Eu por mim terei grande prazer se lá no tribunal fôr injuriado juntamente comtigo. Não obstante, esta satisfação não tira que eu converse com o advogado da senhora do Rio.

Não gostei de vêr a noticia do teu esperado julgamento ainda em novembro. E' cedo; releve-m'o a tua justificada impaciencia.

As cartas vindas do Brazil são documentos do grande descaramento que lá vai! Com que gente te metteste, meu filho! Afinal te convencerás de que a differença que fez Aristoteles entre homem e homem, se não é bem christã, é verdadeira. O peor é a surpreza que a tua carta, ácerca do Trovisqueira, vem fazer na sociedade. Ninguem imaginava que elle podesse proceder deshonestamente.

Mostrei ao Germano a tua carta. Gosto que vejas o que elle de ti pensa. Dize-me se com certeza és julgado em novembro.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Tenho as tuas cartas que são duas. Não respondi por por ter estado incessantemente occupado no traslado do drama.

Gostei que me não mandasses alguma das minhas cartas: em verdade, eu teria pena de as vêr debaixo dos olhos de muito infame. Ensoberbeço-me de que as tenhas em tanta valia. A tua alma fez-me justiça vendo n'ellas mais alguma cousa que palavras meditadas de banal consolação.

A imprensa, meu caro José, não tem sido comtigo villã como o foi commigo. Espanto-me!

Quando eu estava preso, um jornal do Porto escreveu o seguinte: «O snr. D. Pedro v, visitando as cadêas da Relação, desejou conhecer dous presos *notaveis:* José do Telhado e Camillo.» Isto é que é refinar a injuria!

Devia ser-te dolorosissima a solidão. Esse moço desafortunado que estava comtigo de noite devia de ser-te agradavel companhia; mas espero que te não quebrem o coração com isso. Tens obrigação de não ter sensibilidade. Dôr houve uma só na tua vida: as maguas que vierem serão abençoadas, se te fizerem chorar.

Volto para o Porto ámanhã com o manuscripto do drama. Ja lá se falla contra elle, dizendo que insulto a cidade da Virgem. Não ha palavra que insulte ninguem. Provavelmente estão-se conjurando para a pateada.

Affectos.

Camillo.

Meu presado Vieira de Castro.

Encontrei aqui a tua carta de 16.

Não me dás novidade com os amores da senhora F..., pessoa que eu muito pesarosamente não podia respeitar conformando-me sequer por delicadeza comtigo. Era-me já notoria a sua garridice de casada, e conjecturou a minha experiencia que os lutos lhe não abastardariam a condição. Eu sabia isto de pessoa tua quasi inimiga: acreditei; e, calando-me quando tu m'a encomiavas com insolita deferencia, dei a suprema prova do meu respeito ás tuas illusões. Agora, visto que ella nada é já em tua alma, direi apenas que...

Os jornaes escrevem que serás julgado no dia 28. Creio que será deferido o julgamento pela razão que me deste de se interessar a accusação na delonga; eu, contra os teus votos, peço a Deus que sejas julgado mais tarde.

Reli a *Biographia* procurando os pontos vulneraveis. Pouco vi que offenda a moral; e nada que não seja digno da tua alma affectuosa. Por esse lado é clara e segura a boa sahida do Jayme. E, se elle attende ás pequenas cousas, contemos com mais forte applicação ás grandes. Não sei como elle entenderá a tua defeza: oxalá que elle proponha a tua generosa abnegação, deixando a ao respeito dos bons espiritos.

A imprensa conta o caso de um padre que te acompanha muitas horas na cadêa. Eu não sabia d'isto, nem creio. Apenas conheço um primo teu que o podesse fazer. Prouvera á Providencia dar-te esse contraste para contrabalançar no peso de algumas duzias de infames.

Está o drama a imprimir. Escrevi uma dedicatoria pouco palavrosa. Juro-te pela vida de meus filhos que não dou valor algum ao escripto como cooperador para influir no animo do publico. Fôra necessario que eu não conhecesse esta e essa gente.

Adeus. Teu, sempre teu, meu querido infeliz.

Camillo.

Meu querido amigo.

....

Vão-te de mim estas alegrias no dia do teu julgamento. De mãos erguidas peço á Divina Providencia que, a não poder ella alumiar o coração dos teus juizes, te dê tanta coragem quanta te fôr precisa para coroares o teu infortunio. Eu tenho o coração cheio de lagrimas n'esta hora, e não acho mais consolação que a da esperança de morrer e saber

que não viverás n'este mundo mais do que os felizes.

Adeus, meu querido filho. Não te peço que me dês uma nova que me enlouqueça de alegria, por que a não espero. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu José.

Está a terminar o teu supplicio. Depois d'essa provação do julgamento começarás a sentir Deus. Tens padecido immenso porque não perdoaste ; e não perdoaste porque eras homem ; porém, a mão de Deus vai erguer-se sobre a tua alma, e então a sentirás em toda a plenitude da honra. Eu sinto no meu coração um impulso sobrehumano a chamar-te o espirito atribulado para fóra d'este mundo. Sinto-me religioso ao mesmo passo que conheço a necessidade de igual esteio para ti. Póde ser que Deus nos queira dar ao mesmo tempo esta consolação. Elle tem visto a dolorosa piedade e a admiração respeitosa com que tenho assistido á tua desgraça. Dirá elle á minha alma que te abra diante dos olhos lagrimosos os livros que ensinam as crenças de Lacordaire—o racionalista que experimentou o toque divino de Paulo —, do padre Felix e de tanto espirito de hoje que provaram a fé ardente com que creram pela santa morte que tiveram? Porque não ha de ser verdade, meu querido filho, a divindade de Christo, e a santa coragem dos martyres? Porque ousamos duvidar da celestial origem da religião em cujo seio os mais desamparados dos bens

da vida encontram a dôce preexistencia da bem-aventurança?

Eu, ha seis mezes, que vergo a um peso immenso de desventura, traspassado de dôres de corpo e alma, e a sentir ainda sobre o coração o peso d'estas duas crianças. Tenho tido relampagos de luz, que de subito me levam a esperança para Deus. Tenho orado, e hoje ouvi com profundo recolhimento os meus filhos orar por ti.

Quando um homem chegou a essa ultima barreira de desgraça em que estás, ou morre esmagado e suffocado sob o peso dos inimigos, ou se levanta inabalavel com os olhos postos em Deus. Crê, filho, e sentir-te-has a triumphar. Olharás para os algozes sem os vêr ; e refugirás do passado, dando o restante das tuas lagrimas aos teus crucificados irmãos que choram ao pé de ti.

A minha alma irá onde estiveres, martyr!

O que tenho visto escripto contra ti são os dous libellos e este papel. Que inimigos tens, filho! Como a honra da intelligencia humana se ha curvado diante das tuas dôres! Se não houvesse um ou dous infames, quem sahiria contra ti pela imprensa! O' meu amigo, que enxovalho vês tu n'esse papel? Não o vejo eu. Alli ha um couce de rancoroso inimigo. Com a tua desgraça não é possivel a zombaria.

Não terás tempo para lêr mais, nem eu cabeça para te escrever. Sahi da cama, ha momentos, e torno para alli onde parece que me negreja a tristeza do tumulo.

Alma, meu desgraçado!

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Se Deus me désse saude para eu estar ao pé de ti, agradecer-lh'o-hia com as mãos erguidas. Eu desde hontem que estou anciadissimo por saber de ti alguma cousa. Pedi a duas pessoas que me telegraphassem... Chega o *Commercio do Porto*. Por elle soube que deviam chorar as almas que te viram abatido. Fulgurou-me n'alma um relampago de esperança n'este momento! Quem sabe, meu Deus! quem sabe se te absolvem, meu filho? Como eu curvaria a cabeça diante de Deus, se ainda te visse livre nos meus braços! Terrivel nova me dás ámanhã, se este raio de luz não vem da Providencia! Meu querido amigo, seja o que fôr. Salve-se a tua razão e o teu talento, assim como a tua honra se salvou aos olhos mesmos dos que te condemnarem. Vive, meu filho, vive, que o resplendor do teu martyrio é formoso. A alma que te arrastou até ahi, não poderá jámais espertar em teu coração um acordar de remorso. Tudo isso era preciso para que os annos da velhice te não fossem lacerados pelos remordimentos que travam da alma ao avisinhar-se da barreira eterna. Tu vaes perante Deus com a expiação cumprida do que houve desmisericordioso no teu desastre. Os homens o que fizeram foi levantar a tua desgraça em pedestal bem alto. Quando os teus sobrinhos forem homens elles citarão com orgulho a honra que te crucificou; e a allucinada senhora, que te manda ultrajar, deixará aos seus successores a memoria de ter delapidado os bens ganhados com honra para defender o crime de sua filha.

Alma, Vieira de Castro. Se ahi não tiveres um peito bem cheio de coração — lagrimas, vê Deus n'essa solidão, e vê-me de mãos postas diante de ti e d'Elle.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Estarás julgado? Se no meu coração fallasse Deus, estarias obsolvido. A esperança de hontem reforçou-se com os artigos da defeza. Magnificos! São a amostra do superior talento do Jayme. Quantos hoje me vieram perguntar por ti, e tinham lido o supplemento do *Primeiro de Janeiro*, me alentaram com as suas esperanças. Crê-se possivel a tua absolvição; mas, ao mesmo tempo, releio a tua carta, onde dizes: «E' certo que serei condemnado.»

E, se o estás a esta hora, eu antes queria essa dôr grande da minha vida; a incerteza atribula-me. Porque me não dizem d'ahi a terrivel nova que eu pedi? Isto faz-me suppôr que foste condemnado.

Se o foste, choremos e levantemo-nos d'este abatimento. Separa o passado de ti; entre o que foste e esperavas ser, e o que és e serás, está uma cousa esmagadora como a morte. Renasceste. Não tens passado; começas hoje. Ao que foste apenas te liga o que a honra, n'alguma hora, te disser que sejas. Se n'esse ponto, embora negrissimo, pozeres os olhos, já tens uma razão forte para que vivas. Tens de completar o teu caracter. Aniquilaste o

punhal que te feriu: é mister quebrar o braço que o vibrou. Grande e nobre aspiração para homem dos teus sentimentos. Eu peço perdão á Providencia, se ha n'isto um rancor que não serve para consolar desgraçados da tua condição. A um homem ordinario e vulgar seria como instigal-o a ser o que a honra lhe não aconselha. A ti, não, Vieira de Castro. Em materia de dignidade creio que não te suscito pensamento que não haja ganhado em tua alma a consciencia d'um proposito inabalavel. Em uma das tuas cartas ha uma phrase que m'o assegura; e, ainda sem ella, adivinhava-te por causa mesmo do teu silencio.

Se eu te via absolvido, aqui, comnosco, meu querido amigo! Se Deus me désse, no concurso de tantas dôres, esta alegria! Eu sei que nunca mais um riso bom te alumiaria o rosto. Sei que tarde se descondensaria a negrura que envolve o teu passado. Mas que immensa confiança eu tinha no amor de teus irmãos e no meu!

A estas horas se está representando no Porto o drama. Hontem me asseveraram de lá que os... em obsequio á viuva do Brazil, iam reprovar com os pés a audacia. Não o patearão, porque os pontos, em que podiam fazel-o, não os percebem. No restante, como te não vêem no palco, espantam-se de não achar a occasião opportuna do desforço. Oxalá, porém, que o meu drama tenha essa immerecida gloria.

Estou ancioso pelo correio d'ahi. Sei que me não pódes escrever; mas alguem me escreverá. Se tu fosses absolvido, póde mesmo ser que teu irmão m'o dissesse. Não sei, meu Deus! Porque conheces a impaciencia das minhas dôres, aceita-me esta

como d'um infeliz que não sabe amar senão infelizes maiores. Adeus, meu filho.

Teu

Camillo.

Meu amigo.

Sei já tudo. Sinto vontade de te felicitar. Hoje comprehendo que nenhuma outra situação te convinha. Tens por ti o respeito de muitos que te haviam vituperado. Adivinho a apinião publica — a infame que colhe as flôres de sobre a lama que atira aos infelizes e corôa os com ellas. A sociedade tem penetrantes remorsos de te haver injuriado. Hontem pedia a forca; ámanhã alcunhará de iniqua a sentença que te não abriu as portas do carcere, para ella ter o jubilo de te insultar outra vez. Bem. Dez annos de degredo. A Relação converterá isso em cinco. Tens trinta e um annos. Estás honrado, estás pobre, estás debaixo d'um castigo que te depura do que se passou menos piedoso na tua catastrophe. Não ha no teu infortunio senão gravidade tragica, desgraça para assombro e lagrimas. Compaixão! para quê? Basta-te o respeito. Passas assim, nobre condemnado, para que ninguem ousasse motejar-te. Odiaram-te? Optimamente. As devassas tripudiam? Bem! a humanidade, a sociedade o pagrá. «Sei que pratiquei um grande crime; *mas isso não é commigo.*» Bravo! meu querido amigo! Não ha nada mais alto, mais santo, mais lagrimavel! Lagrimas, porém, de veneração por essa tua egregia alma. Em que estás pensando n'esta hora, meu filho? Não farás de ti mesmo este alto conceito? Fazes. Não ha quem

mais de animo frio assistisse ao ruir espantoso da sua felicidade. Ergue-te d'essas ruinas, e verás que és mais que um homem.

Agora, meu querido José, peço a Deus que me deixe erguer cedo d'esta cama para te ir abraçar.

O meu terror passou. Hontem fui victoriado no theatro por amor de ti. Hoje creio que lá serás adorado no infeliz que tem uns traços remotos da tua desgraça.

*** tem chorado esta tarde. Porque? Ella esperava-te livre, esperava-te aqui; e todavia a cada hora a assaltava a convicção de que não podias ser absolvido, depois que a honrosa franqueza das tuas respostas no tribunal exigia que tamanho triumpho de dignidade não sahisse á praça d'este infame mundo sem pungente castigo.

Meu filho, adeus. Beijo as tuas faces; mas quero-as enxutas de lagrimas.

Teu

Camillo.

Meu presado amigo.

Não te escrevi hontem nem ainda hoje posso dizer-te parte do que me enche o coração. Tenho agradaveis noticias da tua heroica conformidade Não me enganei comtigo, filho. A carta que hoje recebeste encontrou-te descarecido de alentos. Cessou a minha missão de consolador. D'ora em diante os teus amigos devem pedir-te coragem nas suas angustias.

Estou de cama: perdi ambos os ouvidos: ficaram-me horrendas dôres, que me tomam toda a face.

Não ha que fazer d'este podre estojo de uma alma que Deus deixou acabar alanceada por obscuras dilacerações. As tuas desgraças, meu querido amigo, encontram-me abatido demais para que eu me restringisse a lamental-as. Soffri muito pensando nas tuas noites de carcere. Não hei de soffrer pensando nas do desterro, porque hoje creio que vai Deus comtigo.

Assim se julgava em Jerusalém... Que sublime é aquillo!

Adeus, Vieira de Castro. Beijo as tuas faces com extremos de pai.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Recebi a tua carta escripta depois do julgamento e outra hontem. Algumas terás minhas que se tem encontrado com as tuas. No concurso de desventuras que te assoberbam, tem faltado a da doença. Não sei se este beneficio te é concedido para que toda a força da sensibilidade se te concentre na alma, visto que as dôres corporaes quebram as do espirito. A mim, graças a Deus, equilibram-se umas com outras, de maneira e fórma que me não seja permittido um instante de contentamento, nem sequer de esperança n'elle. Este tormento dos ouvidos é d'uns que eu d'antes imaginava que me endoudeceriam se durassem uma hora. Como se não bastassem vinte mezes de ouvir incessantemente uma zoeira de mar tempestuoso e um silvo de vapor, accresceu agora a dôr penetrante de lado a

lado. Ora vê tu, filho, no que se tornaram aquelles dous rapazes que em 1858, na travessa do Laranjal, diante de um inspirativo fogão, conversavam ácerca de... Que tombos do mundo e de nós! Tu estás ahi a olhar para as trevas que vem; e eu, envelhecido, acurvado para o tumulo, e a resvalar para elle por entre os braços de dous filhos!

E onde, meu filho! onde doze annos depois, paramos a olhar para o passado! Não sei se um quarto de carcere cederia em tristeza a um em Villa do Conde.

Passam-se semanas sem que eu tenha sequer animo para sahir da cama. Não posso trabalhar, e difficilmente entendo o que leio, quando os olhos se não esquivam.

Deliberamos ir para ahi no principio de janeiro, não obstante eu ter de lá sahido doentissimo. É bem de suppôr que ahi estejas; mas, se houvesses de sahir mais cedo, eu iria já. Presumo que não pódes sahir sem que a Relação responda ao aggravo.

Mil cousas te quero dizer, menos proprias d'esta carta. Adeus, meu querido amigo, santa affeição que symbolisas todos bem que poucos dias de alegria no fim da minha mocidade. Mortos somos ambos. A posteridade, sempre curiosa, notará que dous tamanhos desgraçados se houvessem prezado tanto. Não é isto vulgar. Deus me deixe viver para que eu possa escrever a tua biographia, e sentar me no banco dos réos a responder á pergunta infame da razão que eu tinha por te julgar tão honrado, tão bom, tão martyr, e tão digno de se padecer por ti. Adeus, meu filho.

Teu

Camillo.

Meu amigo do coração.

Que valeriam dramas, se a tua desgraça não fosse o drama? Uma idéa no theatro, e essa escripta a medo, como quem receava damnificar a tua posição, é o que é a obra que o *mundo*, este mundo do Porto, teria reprovado, se tu não transparecesses alguma vez no personagem em que os parvos quizeram vêr-te. Ainda bem que os doutos não viram no meu drama armadilha á curiosidade, e menos especulação vil. E' aquillo que te digo na dedicatoria: uma composição em que fluctuam idéas que alguma vez esvoaçariam no teu animo.

A opinião publica desfizeste-a e refizeste-a no modo como respondeste ao juiz. Poucas palavras vingaram mais do que o optimo discurso do Jayme. O que geralmente se diz de ti é que *tiveste razão*. Não póde dizer-se mais, senão que te absolveriam todos se fossem jurados. Eu não os creio, meu amigo. Urgia que o jury estivesse fulminado pela tua dignidade para dizer que não estava provado o que tu confirmavas, honrando-te com o feito de homem de bem. Foi a corôa de esplendido martyrio com que remataste a tua magestade no infortunio. Se houvessses fugido em vez de te apresentares á justiça, terias procedido com vulgar e feio desaccordo. Se sahisses absolvido, ser-te-ia impossivel com vinte annos de solidão conseguir a rehabilitação que te deram em tres dias.

Se estas crianças me não tivessem como chumbado n'este grilhão de soffrimentos, eu pedia a Deus licença para me dispensar do peso da vida. Adeus,

meu filho. Até qualquer dia. Sinto uma tristeza infernal.

Teu

Camillo.

Meu querido filho.

Teu irmão levantou os olhos da alma para onde eu fitára os meus. Bello coração e superior entendimento. Vou fazer nôvo esforço por te vêr. Hoje, tenho tido uma leve melhora. Acabo de lêr um livro que me fez chorar. Chama-se *Nossa Senhora de Lourdes.* E' uma traducção que d'ahi me enviou não sei quem. Tem uma maviosa historia a recepção d'este livro. Eu estava na cama ás 7 horas da noite, tristissimo, aborrecendo quantos livros me lembravam. Pedi que me trouxessem um mau livro de Gauthier: *Mademoiselle de Maupin.* Abri-o; enojou-me. N'isto, chega o correio com o livro de *Nossa Senhora de Lourdes.* Abri seis paginas no proposito de não lêr mais. Li tudo, li 465 paginas. Chorei! Bella cousa chorar! se sentires um raio de fé na tua purificada alma, lê ao menos seis paginas.

Adeus! quem me dera vêr-te nos meus braços!

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Li todo o processo. Eu não pensava que umas cartas de bacharel facultavam o alvedrio de tão su-

perlativas infamias como ahi vão no insulto do advogado da authora! Aquillo, se não é original, foi imitado de algum causidico que sahiu da taberna para o fôro, e d'aqui para o esquecimento da humanidade envergonhada. (Nota 2.ª). Lá me vi enxovalhado; mas que direito temos nós a queixarmo-nos, se tu não te queixas, meu amigo?

A' volta do pedestal d'um anjo de bello marmore apparece ás vezes n'um jardim um sapo com a sua pelle rugosa a reçumbrar peçonha. E, por desgraçada analogia, estava ao pé do vomito bilioso do canalha o discurso de Jayme Moniz. Que bello feixe de flôres orvalhadas de lagrimas! Que talento a competir com o coração! Eu chorava lendo-o. Que doce angustia não seria ouvil-o!

Vi-o uma vez. Era um semblante doentio, elegiaco. Espalhava-se-lhe nos olhos a luz da fronte, onde um formoso anjo da tristeza parecia ter bafejado inspirações das que vem de outra vida. Contemplei-o, e cada vez que os periodicos fallavam da enfermidade d'elle, eu contristava-me como se o tivesse no coração. Mas o mais bello da tua defeza não foi a eloquencia d'elle: devia de ser a commoção. Que triumpho elle alcançou, podendo chegar ao periodo final sem o exprimir soluçando! A tua desgraça deixa aquelle discurso, como as estatuas que se curvam a chorar sobre as urnas das cinzas nas sepulturas. Se um dia podéres dar-me o retrato do Jayme, eu t'o agradecerei muito. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Não te escrevi ha quatro dias. Desejei conversar com o teu mano Antonio, que fez o favor de me procurar; mas não pude ir á hora em que elle estivesse desoccupado.

A tua ultima carta deixa-me uma suave esperança de que as tuas lagrimas emfim se esgotem, e o luto não vá além do tempo em que póde vestil-o uma honrada alma. Quanto me revelas de profundas commoções t'as adivinho eu pela intuição que é o talento dos grandes desgraçados. Distingues a alma que trahiu da alma que amou; d'esta chamou Deus a si a luz que era sua, e por isso ainda te alumia as visões e t'as amargura com saudades. Resta-te, pois, esse vasto infortunio, a religião, o mysticismo que mais tarde se desfigura em tranquillidade absoluta de consciencia, absorvida toda na honra, que tem sido, e só essa, o teu amparo.

Eu nunca te disse, meu querida amigo, que todo o meu terror consistia na idéa de que a final o crime te parecesse inferior ao desforço. Desde a hora em que oscillasses na injustiça ou demasia da tua vingança, o teu tribunal intimo matar-te-hia, antes do julgamento cá de fóra. Depois, porém, que li o processo, desfez se-me todo o receio, e alegrei-me com vêr-te absolvido diante de ti proprio. Insisto em te dizer que os dez annos de degredo são o preço por que compraste o direito de ser encarado com respeito pela maioria, e com odio por alguns; mas com motejo, com piedade insultadora, por ninguem. A ti o que te matava fulminantemente seria a irrisão. Essa foi que tu sopesaste para todo o sempre.

N'outra situação — na vulgar dos que toleram — as tuas lagrimas seriam ridiculas; as que hoje chorares, ou por excesso de compaixão, ou por amor extraordinario, são respeitabilissimas. Adeus, meu Vieira de Castro. Dá-me a consolação de saber que ha uma hora em que vês alguma luz diante de ti.

Teu

Camillo.

Meu amigo.

Sente-se no coração a causa de me não enviares o retrato do Jayme. Como é que ainda ha almas assim? Com que perfumes do céo resistem ellas á peste do mundo? Por isso esse rapaz vive tão só comsigo, tão apartado da gente. Uma noite, encontrei-o n'uma rua despovoada, quasi reclinado sobre o hombro de uma senhora. Creio que toda a sua vida era ella; nas lagrimas d'esses olhos se teria elle visto, em noites de doença, e nos dias sem sol, sem alegria, sem outra consolação que a das lagrimas que fazemos chorar. Os desterrados que se afazem ás tristezas d'uma convivencia assim santificada por a propria indifferença da sociedade, por via de regra são bons, e mais depressa acham o raio de luz que leva á Divindade. Entre as cousas divinas vê-se a alma chorada da mãi e a certeza de outra existencia. E depois, deixar ir a vida de tempestade em tempestade; a salvação é segura; o farol do porto nunca se apaga.

Dize-lhe que *nós* lhe agradecemos infinitamente o affectuoso respeito com que mandou desviar a inju-

ria de sobre a sepultura das nossas alegrias. Dize-lhe que ella penou dezenove mezes encarcerada entre paredes que gotejavam, e que desde então, ha onze annos, ainda não teve um dia em que a desgraça a não pozesse diante dos insultos da sociedade. Dize-lhe, em fim, que ella teria abençoado o marido se a matasse, visto que esta sociedade não prescinde de atirar lama ás que não morrem, e santifica as que morreram. Está muito castigada. Digo-t'o eu como um penitente o diria a Deus para haver misericordia pela humildade da confissão.

Sinto-me hoje muito doente, meu filho, e incapaz de pensar. Adeus, até breve.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Escrevi hontem e hoje um opusculo que te dedico. Suggeriu-m'o uma conversação que tive com um abbade, no caminho do Porto para aqui a teu respeito. Este homem havia sido condiscipulo em Coimbra de teu tio Antonio Manuel. Contou-me elle um caso de adulterio, que eu refiro. Guardei quanto pude e quanto devia respeito ás cinzas da snr.ª D. Claudina — respeito á porção da alma immaculada que tu extremas do que houve deploravel na condição d'essa senhora. A'manhã vou ao Porto fazer imprimir esta pequena cousa, que valerá tanto como as outras no teu destino. Nada, miseravelmente nada. Este e outros escriptos meus em que o teu nome vier, são legados que eu deixo aos meus filhos, para que elles os transmittam como prova de

que eu te quiz muito, e dei testemunho da tua dignidade. Bem sei que, a feição d'esse villanaz do tribunal, a sociedade me está asseteando com insultos. Quando appareceu o *Condemnado*, uns periodicos portuenses de dez réis assobiaram-me a valer. Um d'elles pedia-me que escrevesse o drama do meu crime com uma mulher que fizera morrer de paixão o marido. Achei certo bom senso n'isto, dada a hypothese da capitulação pathologica da molestia do defunto. Adeus. O Santos crê que o drama seja bem acolhido.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo

Lá vai o anno que abriu a represa das tuas amarguras. Nenhum da minha vida foi tão acerbo como este. Nada espero do que vem, nem dos outros. Algum tempo a espectativa da morte consolou-me de muitas dôres. Isto succedia no tempo em que eu não tinha justiça quando me queixava da sorte. Agora, depois que estas creanças brincam felizes na minha negra atmosphera, e a respiram com delicias, a morte apavora-me.

Ha tres dias que estou na cama olhando para estas neblinas do mar que me gelam a alma. Lembro-me de ti, atando o passado com o presente, e fugindo da perspectiva do nosso futuro de ambos. Punge-me quando quero, — e não sei nem posso — dar-te consolações. Meu querido amigo, não tens amigo mais dedicado nem mais infeliz. Assim devia

ser. Os afortunados não saberiam chorar por ti por não haverem chorado por si mesmos.

Meu filho, esperemos.

Teu

Camillo.

Meu querido filho.

Esta tua carta, meu amigo, deveria eu aceital-a como merecida, se eu houvesse escripto o drama como eu sei que o podia fazer, cheio de inspirações da tua desgraça. Tenho diante de mim dous invenciveis empeços: um e principal o sagrado respeito que não deixava transferir d'ahi para um palco um homem como tu; o outro, era o medo de que a gentalha infamasse o escripto com as vaias de especulação.

Desviei-me pois muito de ti, e apaguei no meu espirito quanto pude a tragica poesia que paira sobre o tumulo. Bem viste que fiz gravitar a acção do drama para uma filha com que eu quiz affrontar a suspeita de que eu ia pintar-te, ao par de não sei que infame.

Desejo muito que appareça o opusculo que escrevi. Lá deixei fallar mais o coração e espirrar o fel sem que elle bata na cara senão dos que vivem. Escrevo-te com grande difficuldade na cama. Estou bem doente, meu filho.

Meu querido amigo, eu não me lembro de ti sem lagrimas. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu amigo.

Dize-me como está a tua alma, filho. Quando me faltam as tuas cartas, receio que a saude, ao cabo de tantos abalos, se te enfraqueça. E' bom e justo conjecturar que não desejas viver; mas eu que prevejo uma épocha de tranquilidade no inverno da tua vida peço a Deus que lá te deixe chegar, e que os meus filhos ainda deponham nas tuas mãos as cartas que recebi tuas n'esta desgraçada occasião.

....

A verdade terrivel que eu já vou experimentando é uma tristeza com ancias de desesperação que me não deixam trabalhar, e que tudo me veste de negro. Estou adivinhando, persinto o abrir-se um abysmo que me vae devorar a vida, ou, peor, a razão.

Deus se dôa de desgraçados como tu e eu.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo do coração.

Peço-te perdão pelos desgostos novos que o meu drama te está grangeando. O primeiro é o artigo do *Jornal do Commercio* de sabbado. Se aquillo é verdadeiro, o drama desagradou e cahiu a pontapés da moral publica. Se aquillo é mentira, é mister desfaçatez muito animosa para vir assim adulterando o que o publico pensou do drama. As recitas seguidas parecem desmentir o critico. Seja como fôr:

protestei; viu-se o protesto; pateiem-me; mas que te poupem, meu querido amigo. O *Diario de Noticias*, cujo couce eu esperava, houve-se mais benignamente. Ha jornaes que nada dizem, e louvados sejam por isso.

Parece-me que escreverei algumas cartas ao G. de Meirelles ácerca do meu drama, se a imprensa d'ahi me provocar. Então é que eu hei de revolver odios e fedores de boas almas remexendo a fundo nas latrinas. A tua desgraça ha de apertar mais a orbita de degredo da sociedade — degredo em que eu me expatriára ha muito. Não deixarei de mim outra memoria boa.

Com muito prazer dedicarei o livro ao teu amigo de Pernambuco. Tenho pena que m'o lembrasses.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Estou espantado. O que ahi se diz do drama é tudo quanto eu não podia imaginar. Pesa-me que a imprensa o não diga. Hoje escrevo a *** pedindo-lhe que me remetta o que se houver escripto contra o *Condemnado*. Estou reunindo os elementos para escrever uma carta que, se me não engano, ha de valer mais que o drama. O *Jornal do Commercio* será o escopo ostensivo; mas eu queria envolver nas roscas do vergalho o F... e o F...; e, se o F... me dér azo a inflamar-lhe os seus antigos brios, estimarei. Eu sou menos bom do que tu. Quero me só com os infelizes bons. Que saltem para o ou-

tro lado todos os infames. Não ha ninguem mais independente com a resalva d'um caldo de couves. A raiva do J... desafiei-lha com duas allusões a um famoso artigo sobre a *Inviolabilidade da vida humana*, que o Herculano mandou de Casal de Lobos, segundo é fama.

Os olhos não me deixam escrever, filho. Estão afogados em lagrimas; mas olha que são de ophtalmia.

Alvoroça-me uma alegria vinda não sei d'onde. Tu não irás para a Africa. Deus não te abandonará a estes cafres nem aos outros.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Escreveu-me hoje o Santos, espantado da guerra surda que lhe faz a imprensa, e, ao mesmo tempo, diz que o drama é applaudido. Conta-me da pateada é inaugurada por dous, que succumbiram ao estrondo da manifestação contraria. Este espanto do homem é irracional. Eu sinceramente te digo que esperei a noticia de terem sido quebrados os bancos na primeira representação. Pois é possivel que dez grosas de *cocottes* ineditas não dispozessem das ferraduras dos maridos e amantes contra o drama?! Onde está o brio d'esses alcouces?

O *Condemnado* devia ser já retirado da scena, visto que está impresso.

A' excepção do *Primeiro de Janeiro*, não houve um jornal que dissessse duas palavras affectuosas ao livro, e este mesmo desde que viu a catadura da imprensa de Lisboa, encolheu-se silencioso, e com-

mungou no conciliabulo do que por ahi chamam respeito á moral.

Eu lucto. Vou escrever logo que d'ahi venham farrapos com que eu possa bandarilhar essa gente.

Que queria o F.? Que queria esssa senhora de quem a sociedade diz o que eu não ousaria bosquejar muito em sombra? Oh meu caro amigo, se Deus me desse saude, e um clarão de alegria, com que amor d'arte eu não entraria de tamancos por esses lamaçaes dentro!

Levantei-me á noite, porque a alma me dava phreneticas vibrações. Tenho andado duas leguas no ambito do meu quarto, e não comsigo acalmar a febre nervosa que me faz o pensar na impossibilidade em que me vejo de fugir para sempre d'este infame paiz com os meus pobres filhos.

Reparte commigo das tuas dôres que eu tenho coração para ellas.

Teu

Camillo.

Meu Vieira de Castro.

Alegrou-me a tua carta de hontem, meu querido amigo. As que me tens escripto depois do julgamento convencem-me que a desgraça não feriu a tua poderosa compleição intellectual. Lá está o teu espirito, a graça fulgurante, o lume vivo dos coriscos de sarcasmo que são, a meu vêr, o supremo talento d'este seculo — a feição litteraria que unicamente quadra ás cousas e ás pessoas do nosso tempo. Parecer-te-ha puerilidade; mas alargou-se-me o

peito de jubilo quando pude rir-me, pela primeira vez, depois que me esereves d'essa casa.

Quanto a entender com a imprensa de Lisboa, não poderei aceitar a teu parecer. Se não fôr já, será na 2.ª edição do *Condemnado*, se se fizer depressa. Se não, escreverei no *Primeiro de Janeiro*. A'manhã fica prompto o opusculo. Vale pouco como estylo e como tudo. Tem valor intrinseco, só para ti. Olha que o padre já morreu depois que eu comecei a escrever a narrativa. Era abbade nos suburbios de Guimarães. Lê a ultima pagina e dize-me que raivas eu vou accender n'esses peitos de materias azotadas inflammaveis! Eu queria que essas duas paginas finaes fossem desenvolvidas pelo talento do Jayme. Se eu te podesse defender, fallaria n'aquelle sentido duas horas, e pouco mais diria. Não citaria criminalistas nem physiologistas. Desprezaria as futilidades do alfayate, das economias, da casa alugada ou devolùta, etc. Póde ser que d'ahi resultasse o darem-te condemnação de maior pena. Eu tenho dito que só um homem podia defender outro na tua situação: eras tu. N'este paiz, ninguem mais. Tu eras, e *serás* o mais eloquente homem de Portugal. Quando tiveres a minha edade, terás restaurado a tua primazia. Eu já te não ouvirei; mas pedirei aos meus filhos que se façam vistos de ti. Has de ser tu quem os ha de fazer homens. D'aqui t'o peço.

Teu

Camilo.

Meu querido José.

Devemos hoje receber o opusculo. Não ajustam as idéas finaes que vão n'elle ao que tu adoptarias na defeza de um réo nas tuas circumstancias. Eu não saberia, meu filho, tirar da *fria* premeditação as illações directas e commoventes da desculpa. Um realce d'alma, uma concepção introversa deixa-me entender o teu espirito; mas com palavras, com argumentos não vingaria ninguem, que não fosses tu com o teu talento e as tuas experimentadas angustias, convencer nem sequer persuadir. Desforços de tal ordem serenamente meditados! Deus me livre da sombra dos infernos que atravessaste até chegar ao leito onde o teu coração já não podia receber um abalo de piedade. Eu concebi que os dias ou horas que intercorreram desde a affronta ao desforço foram uma cadêa de idéas, umas a derivarem das outras, fechada em fim pelo elo da morte. Poderei ter-me enganado. E porque não? Quem é que póde julgar-te? A tenta da psychologia não alcança o abysmo onde tu meditavas ou premeditavas. Parece-me pois que me desencontrei da tua alma e razão no modo como expliquei muito superficialmente o que foi em ti a *premeditação*. Esta tua carta deixa-me meditativo, a scismar como um habil artista da palavra, mais ou menos accêsa pela paixão, poderia abalar a consciencia d'um jury. Hei de tentar, como artista, como romancista alguma vez esta these que me causa um assombro ligado ao desejo de a poder seguir de modo que tu a applaudisses.

Os meus filhos receberam os teus recados. O

Jorge vê muito o teu retrato, e fixa-o com tristeza. Adeus, fiiho.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Recebo duas cartas, incluindo uma a *Secreta* que hei de lêr devagar. Já a li de fugida, e folguei de vêr que tocaste os pontos capitaes em que eu assentaria a tua defeza a dentro do rigoroso circulo da premeditação.

Agora fallemos da tua mágoa por amor da má interpretação que a maldade ou a estupidez pódem dar á narrativa. Primeiro que tudo, contei uma historia ouvida, e essa historia *não era a tua.* Em segundo lugar, seria inverosimil que a mulher agonisante dissesse ao sacerdote: *amei e fui amada:* se amou, esqueceu o amor ao través do supplicio de annos; se foi amada, não ousará dizel-o ainda que o sinta. O que ahi ha não só verosimil, senão verdadeiro, é o marido dizer: «Mentiu-me! se me não amou, fingiu-o; eu aceitei a mentira e a mulher; cahida a mascara, vi a infame; castiguei-a na extensão da perfidia. Quiz demorar-lhe a agonia tanto quanto podesse, aproximando-a da duração da minha irremediavel desgraça — coração e orgulho esmagados.»

Mas a que vem isto? Repito: eu não quiz contar a tua desventura nem no *Condemnado* nem n'este folheto. N'aquelle criei o que quer que fosse que defrontasse um caso verosimil e désse ares de analogia com o verdadeiro. Na narrativa, aceitei uma

historia que julgo verdadeira, e que me parece bem trazida ao intento. Se n'este ou no outro escripto eu intentasse bosquejar muito em sombra a snr.[a] D. Claudina havia de vestir-lhe a memoria de lutos molhados de piedosas lagrimas; mas a severidade não inclinaria reverente a cabeça diante do seu tumulo. Ora por isso mesmo que eu o não podia assim fazer, é que, de todo em todo, abstrahi de referencias reprovaveis a tal senhora a quem tu has de perdoar primeiro de que os teus amigos. Que a sociedade esgaravate nos meus dous escriptos referencias, personalisações, pontarias cobardes, embora; mas tu, meu amigo, não deves ahi vêr senão hypotheses, pretextos, inquadrações em que o dramaturgo ou romancista busca mostrar as correlações da tua catastrophe.

Quem ha de inferir do que eu escrevi a incerteza em que estou da probidade com que diligenciaste o teu casamento? Pois não bastaria para mim o que basta para os teus inimigos — as cartas impressas no processo? Vês o lado pessimo das cousas, e sobejam-te direitos á desculpa. O folheto (verás) não impressiona ninguem para bem nem para mal. Devo dizer-te que as tuas expansões só me magôam por que exprimem o teu desgosto. Não obstante, eu me consolo com a certeza de que elle — o folheto — não será these para allusões, nem ha de ser ferido pelo lado que se te figura.

Adeus, meu querido José. Abraço-te.

Teu do coração

Camillo.

Meu amigo.

Reli as magnificas paginas da tua inexprimivel dôr. Bem m'o dizia eu que só tu eras idoneo para arrancar um réo ás presas da justiça; e direi agora mais, que nem tu, se a experiencia te não désse o baptismo d'esse fogo infernal que faz os athletas, os esmagadores da hydra que se chama a Razão social. Esta razão tem momentos de se aquecer e diluir a um raio do céo; o raio é a palavra que entra, punge, dilacera e repuxa do pedregal a fonte das lagrimas. Um jury assim sopesado e como coacto, é misericordioso, é compassivo, é bom sem o querer ser. O homem que assim o subjugou é a mais sublime cousa humana que Deus creou. E' o que tu foste uma vez, quasi brincando com o teu talento; é o que ninguem podia ser em Portugal, desde que tu cerraste os teus labios com a mão que beijaste na primeira hora da tua viuvez.

Ha não sei que semelhança entre a eloquencia e o raio O raio abraza, pulverisa quasi sem queimar; a eloquencia deslumbra quasi sem persuadir. Nos lances supremos da especie do teu desaggravo levado a juizo, cumpria raciocinar menos e apertar mais o coração. A logica das multidões é a dos jurados. Da lama petrificada não ha fusil que tire faisca. Pareceu-me argumentador sobre-excellente o Jayme; e, depois que o reli, sem deixar de o admirar muitissimo, notei que apenas uma vez o *ecce Deos* lhe relampagueou no espirito.

A que vem tudo isto, meu amigo? Ah! queria dizer-te que n'este papel que hoje te devolvo está tudo o que não estava no discurso da tua defeza,

nem nas cousas que eu tenho escripto indirectamente apropositadas a ti.

Mais tarde poderás escrever um formoso livro com lagrimas; mas não o escreverás. De hoje a dez annos, do homem que és, não existirá um atomo: tudo se haverá desfigurado em alma, em faculdades, em impressões. A desgraça não vai além de certas balizas, e dentro d'ellas ou mata, ou succumbe. As saudades eternas são as que deixam as almas que nos felicitaram, que nos dulcificaram o travor das cousas baixas da vida, que nos honraram o talento ostentando a soberba de serem nossas. Essas sim; lembram-nos sempre, porque nos fallam do céo, e não nos estão contemplando de lá nos carceres ou nos desterros. Perdão, e adeus, filho.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

Ha muitos dias que não te escrevo. Tenho estado como atrophiado de alma e de corpo debaixo d'um peso de tristeza que me esmaga. Estas crianças estão-me sempre a pedir contas do futuro que lhes vou preparando — um ponto negro que me salta ao espirito cada manhã e me faz dos dias uma cerrada escuridão. Ainda bem, meu pobre amigo, que são desgraçados os que mais te querem, e por isso se sentem impellidos para as tuas dôres que ensinam coragem aos mais cobardes.

Dize ao Pedro dos Reis que o seu escripto sahe, precedido d'uma carta minha, no *Primeiro de Ja-*

neiro. Gostei muito da idéa e da fórma. Bom seria que esse moço empregasse as suas horas a trabalhar, de modo que ao sahir d'ahi possa *vender* as suas desgraças, como eu fiz quando sahi da cadêa.

Hoje, toda esta carta é de quem pede uma consolação á alma generosa que ia velar as horas dolorosas de um enfermo de typho. As tuas lagrimas devem ser boa consolação para quem as merecer. Os pequenos são felizes: este contraste é o dos anjos a brincarem á volta d'uma voragem, d'onde eu os vejo a resvalar para o meu seio. Deus m'os não tire ainda assim. Hontem, vi e festejei um teu sobrinho. Tirei-o pela semelhança comtigo e com o Antonio.

Teu

Camillo.

Meu José.

Não me tem faltado alguma das tuas cartas. Fallei ha pouco ao Germano de Meirelles no sentido da tua carta. Disse-me que os folhetins escriptos á pressa e na occasião sentiam-se da falta de harmonia, e requeriam ser refundidos para sahirem mais lustrosamente em livro. Além de quê, alguns apreciadores de má fé e má alma lh'os tem menos-cabado com a pecha de muito lyricos e pouco logicos. Por maneira que o talentoso rapaz teme-se de cahir no desagrado dos litteratos. Seja como fôr, instado por mim, espero que elle os retoque e reproduza. Se elle apanhasse o estylo e amputasse parte dos adjectivos explicaria melhor e persuadia mais. Ainda assim, o Meirelles tem muitissimo talento a germinar para ao diante, não te parece?

Alegra-me a esperança de que virás para o Porto, se a pena te fôr commutada em algum tempo de prisão. Eu cuidaria que te tinha mais perto de nós, e que a privação da liberdade te seria adoçada pela continua presença dos teus, e dos amigos que te mereçam tal nome. Adeus, meu querido José. Abraçamos-te todos com saudade e esperança.

Teu

Camillo.

Meu querido Vieira de Castro.

Commoveu-me o teu affecto aos meus filhos. Agradece-t'o a minha alma. Eu não comprehendo o apartar-me d'elles, senão para morrer. E' de esperar que, passados annos, a necessidade me dê forças, e elles mesmos me dêem exemplo do desprendimento. Elles hão de facilmente desligar-se de mim como eu, ha trinta annos, suspirava por não ter familia que me nublasse o sol dos quatorze annos. E' tudo providencial. Estas avesinhas emplumam e alam-se para regiões onde os pobres velhos dos paes não pódem acompanhal-as. E' então que a gente desce d'ellas, que vão voando, os olhos para a terra onde nada nos fica, e dizemos: «Acabou-se tudo: agora podemos morrer.»

Entretanto, meu caro amigo, se elles deverem a ti o seu futuro, formarão uma das paginas mais lagrimosas da tua biographia — lagrimas que são a delicia das almas que só sabem chorar quando a admiração toca o enthusiasmo, e chegam a entender que ha n'este mundo alguma cousa em que a luz de Deus ainda reverbera.

Como não receberia eu no coração o teu alvitre de impellir os meus filhos para fóra d'aqui!... Se elles forem um dia, pedir-lhes-hei que não voltem.

Deixa-me triste o que me dizes da Relação. A' vista dos teus receios, eu antes quizera que o processo chegasse ao supremo tribunal e lá fosse annullado. Sei que te aterrra o supplicio de um novo julgamento; mas que abençoadas torturas se sahias d'ellas com a liberdade de envelhecer e morrer debaixo das tuas arvores! Que te estou eu fallando em velhice e morte? Vaticino que terás ainda n'esta terra a posição de que te precipitou a fatalidade. Como na tua queda não pesou sentimento infame nem degradante, a rehabilitação é tão natural e necessaria que nem tu farás esforços para ella, nem o mundo concessões para t'a dar.

Folgo de me não haver enganado com respeito ao opusculo. Os que ahi falaram d'elle superficialmente não viram sombra das tuas suspeitas. Consta-me que a extracção tem sido mediana aqui e ahi. Meu querido amigo, peço-te que não dês grande pezo ás minhas tristezas. Eu pejo-me de me haver queixado da sorte, a quem só por um supremo esforço de coragem poderá consolar dôres alheias. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu querido collega.

Chamo-te collega porque fazes sermões. Aqui, ha dois mezes, um padre de P... (vê tu onde chega a minha fama agiologica!) escreveu-me, pedin-

do-me um sermão sobre não sei quê, pelo qual me offerecia 45$000 réis fortes. Nunca do pulpito da minha cabeça teria sahido cousa tão cara, se eu podesse prégar. N'aquelle lance o intelecto estava fanhoso e a piedade fria. Respondi que não. Mas no paquete seguinte vieram as dez libras. Agora estou á espera que o padre me declare um Bossuet larapio. Tenho a ordem á espera que elle a peça, ou que me incumba de converter o gentio de P...

Has de mostrar-me um dia o teu sermão. Faltava-me vêr isto! Tu, meu José, a compulsar os Chrysosthomos e os Damascenos através d'uns oculos de prata.

Resolvi o Germano a tirar o folheto; supponho porém que elle o não poderá fazer até ao dia 12, em razão de querer retocar os folhetins e concatenal-os mais logicamente. Hoje lhe direi o que fôr preciso para activar a impressão. O *Condemnado* foi para o Rio em pequeno numero de exemplares. Penso que foram cem. Duvido que o lá representem, sabido o effeito de Lisboa. Os artistas, a meu vêr, querem estar de boas avenças com as maiorias, sejam ellas boas ou más.

Não me admira a pequena venda do folheto de teu irmão.[1] Em primeiro logar não contava cousa desconhecida. Em segundo estava escripto sem acrimonia e com a maxima seriedade. Em terceiro logar era muito barato. A inducção que tiraste do desafecto por ti é inexacta. Esta gente queria que o

---

[1] A 1.ª edição biographica de Vieira de Castro, escripta admiravelmente por seu irmão Antonio, está esgotada ha muito tempo.

folheto revelasse os pontos culminantes da tua vida em relação á catastrophe. Sobejam as revelações no processo; mas esperavam que teu irmão se detivesse n'aquelle passo. Além de tudo, se a biographia fosse assignada por outro qualquer nome, embora obscuro, vender-se-hia abundantemente. Isto não impede que tu olhes para o mundo como antes o vias. Eu queria escrever sobre o opusculo no * * *; mas tu ignoras quem são aquelles rabbis da imprensa? Aquelles homens lançam na cuia da balança as idéas, e na outra cuia quinze tostões. Se os quinze tostões sóbem, a idéa lançada á circulação é boa; se descem, a sociedade póde subverter-se. Razão porque não quero entender com elles, e ha muito que os não trato. O Germano escreveu ácerca da tua biographia. Não obstante, fallarei com elle, pedindo-lhe licença para escrever depois que elle o fez. Adeus, meu querido amigo.

Teu

Camillo.

Meu José.

Não me tens dito nada das tuas occupações n'essa casa. Sei que tens ahi bastantes livros; [1] mas

---

[1] A livraria de Vieira de Castro, no Limoeiro, constava dos seguintes authores: *Cicero*, *Bescherelle*, *Cavour*, *Chateaubriand*, *Guizot*, *Felix*, *Camões*, *Cinq-Mars*, *Agricola*, *Pelletan*, *Lamartine*, *Darimon*, *Barrot*, *Quinet*, *Macaullay*, *Castilho*, *Gautier*, *Girardin*, *Rapet*, *Byron*, *Mezières*, *Heine Bossuet*, *Homero*, *Lamennais*, *Lerminier*, *Gœthe*, *Filinto*, *Shakspeare*, *padre A. Vieira*, *Ovidio*, *V. Hugo*, *Villemain*, *Fléchier*, *etc.*

não sei se pódes lêr com attenção. Escrever é o que mais quadra ao teu espirito. As idéas alheias não pódem entrar em coração e alma onde ha enchentes de amargura. O allivio que póde dar a intelligencia é o da expansão, o esvasiar-se em affectos ou odios a superabundancia do rancor ou da saudade.

A tua saudade deve ir até onde a honra te pozer a baliza. Póde ser que o coração por vezes trave lucta com a tua dignidade, se te deixares ir com elle provas para mim a doçura do teu caracter e a profundeza do amor que te levou ahi. Todavia, eu, se Deus me ouvisse, pedir-lhe-ia que tivesses sempre o fito posto no futuro, e te compenetrasses da certeza de que na tua vida se abriu um intervallo negro, uma vicissitude que ha de ser allumiada forçosamente pelo sol de dias bonançosos.

Adeus, filho. Hoje estou soffrendo muito da zoeira e d'uns vagados que me assustam. Esta infelicidade da doença não me deixa ir vêr-te. Figura-se-me que me ha de apanhar longe de casa uma febre cerebral. Que terrivel é este soffrimento! Se me dissessem antes de eu adoecer que havia de estar assim dous annos, eu cuidaria que ao fim de poucos dias preferiria a morte. Assim são os cegos e todos os desgraçados a quem a Providencia lhes deixa uma alma contente nas suas trevas. Mas eu! como está esta pobre alma, Vieira de Castro! Adeus, filho. Olha que eu só tenho estes desafogos comtigo. Se fosses feliz, não me queixaria tanto.

Teu

Camillo.

Meu José.

Todos os jornaes publicaram a dadiva e a rejeição. Como isto está! Espantam-se de o delegado não receber de bom rosto o ferrete na testa! Escrevi agora uma local para o *Primeiro de Janeiro*, e já a enviei a vêr se ámanhã a publicam. Receio que a achem mordente. Se m'a rejeitarem mando-t'a.

....

Respeito a sermões, meu filho, escrevi algumas duzias d'isso. Nunca li nada nem sei onde se lê a boa doutrina. Sabido o texto (o que se aprende no Evangelhe do dia) pegava a discorrer e a correr segundo a piedosa phantasia me esporeava. Algumas vezes collaborava o coração mais ou menos. Todos os meus sermões eram ignorantes de theologia como qualquer bispo, exceptuando o de... que esse é mais ignorante que qualquer bispo... O que elles tinham melhor que a theologia era linguagem commovente. Quem tiver isto em maior copia será o melhor fabricante de sermões. Ora que não farás tu, se quizeres? Mas, pelo que vejo, queres escrever alguma bibliotheca de prégadores! Pois escreve, filho: escreve tudo que te entretenha.

A local sahiu. Ainda assim *estrellaram-n'a*. Vê-se que respeitam quem dá prendas de dous contos. Ou seria antes em deferencia ao M...?

Adeus, meu querido José.

Teu

Camillo.

Meu José.

Porque me não escreves ha tantos dias ? A' espera de carta vou adiando escrevêr-te, e quem sabe se estás doente, ou triste a ponto de te aborrecer escrever ? Teu mano esteve aqui ha dias, e pareceu-me menos descontente do teu estado.

Ha muito tempo que não fallei ao Germano; mas teu irmão lhe fallou; talvez saibas se elle trata de publicar o folheto. N'esta casa pesa uma atmosphera de fria tristeza, tanto maior quanto lá fóra ha alegria. Para consolação nossa, sabemos que estes gritos não deixam ouvir os gemidos de muitos infelizes em maior grau. O teu carnaval, meu pobre amigo, foi como o meu de 1851. Eu era então mais feliz, por que n'esses tres dias ninguem me procurou. Penso que sou hoje mais desgraçado, porque então olhava para a vida doze annos depois, e imaginava-a pelo coração d'aquelle tempo. De hoje a doze annos sentirás um vacuo maior na alma, a qual se recordará do tempo que hoje te parece calamitoso. Tens tu saude, meu querido amigo ?

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Eu não esperava que raios tão intensos de alegria rompessem a escuridão da tua vida, e menos ainda que alguma hora eu sentisse o prazer de abençoar uma parte d'esta sociedade, na qual eu imaginava extinctos todos os bons sentimentos. A corôa

dada ao Jayme Moniz tem a mais brilhante significação; e, vinda do Brazil. E' tudo que a providencia te podia dar. Eu hoje tenciono escrevcr a noticia para o *Primeiro de Janeiro.*

Ouvi lêr as cartas do Brazil. Tocou-me a simplicidade da carta do Albino. Aquillo é um homem ás direitas. Peço-te que digas ao doutor Jayme que eu não podendo dar-lhe diamantes para a corôa, quizera poder dar lhe as lagrimas de alegria que elle apreciaria superiormente.

. . . .

Teu

Camillo.

Meu José.

Folguei que te agradasse o folhetim. Sei que no Porto foi gostado de muitos e reprovado como virulento por alguns. Regala-me a apreciação dos segundos. Mas o que me lastima é que d'ahi nem de cá me não falle ninguem á mão. Anda o Germano a desafiar a imprensa, e não ha sequer um anonymo que nos ladre. Desprezo ou cobardia? Se esse homem chamado Ernesto querelasse ao menos!

Hoje respondi á academia dramatica sobre licença para representar em Coimbra o *Condemnado.* Por affecto de rapazes que te lá conheceram é que o drama se representa. Em Villa Real tambem se está ensaiando. Veremos se se annuncia em Cabeceiras de Basto.

. . . .

Ha tres dias que me dava cuidado o teu silen-

cio. Hoje não esperava eu carta. Afflige-me o teu abatimento. Comparo-me comtigo nos dias de ha onze annos, e vejo-te incomparavelmente mais infeliz. Se eu soffria, com que palavra se ha de dizer o que passa em tua alma! Certamente a liberdade em Africa te ha de alumiar a alma escurecida ahi; mas, olha, filho, os teus amigos esperam que lá não vás, e contam com a tua condescendencia e conformidade. Estas delongas na Relação parecem-me bom annuncio, e estou convencido de que ha quem trabalhe poderosamente a teu favor. Eu queria que te convencesses como eu, e até que te interessasses na tua redempção, para que a esperança te fosse amparando. Vê que estás muito novo, meu amigo, que a tua alma não póde nem deve cahir. N'essa escuridão deve alumiar-te a honra — a honra que todos vêem, e até os teus inimigos confessam.

Deus permittirá que a nuvem tenha passado e o teu espirito volte á prodigiosa serenidade que tu me deixavas entrevêr nas tuas ultimas cartas.

Adeus, meu filho.

Teu

Camillo.

Meu José.

Dou-te uma boa nova. O morgado de Pereira vai comtigo para Africa. Este homem tem a sua casa perdida ou muito empenhada, e espera, bem fundado, resgatal-a com o negocio em Africa para o qual elle tem vocação, força, saude e coragem. Não leva mais de um conto de réis; mas tu lhe da-

rás a parte correspondente nos interesses, ou maior segundo os grandes serviços que elle póde prestar. Tu serás o espirito, e elle o braço Se a agricultura te convier como fonte mais copiosa de riqueza, deixa-lhe a elle a direcção d'esse mister, que tens um homem ao pintar. Além de tudo, levas comtigo um homem que sabe ser amigo como um cão e que tem alma á proporção da força Eu exultei quando o vi enthusiasmado com esta idéa. Ahi o tens no principio da proxima semana, e a mim com elle. Quer conversar comtigo, e fazer-te sentir que não mudará de proposito, e que não voltará para Portugal senão comtigo. Deixa a mulher e os filhos; e como a casa em que vivem tem de ser vendida para pagamento de dividas cujo juro devora os restantes bens, vão ella e os filhos para a casa de Seide que D. Anna lhe offereceu. Isto tudo parece-me que te deve alegrar, meu filho.

Já deves saber que o F... sahiu depois de uma escandalosa exposição de torpezas que durou vinte e cinco horas. Como a tua situação me parece magestosa depois d'este ultimo brado a teu favor!

Eu, infelizmente, não posso escrever a tal respeito!...

Até terça-feira, penso eu.

Teu

Camillo.

Meu José.

O *Condemnado* levantou-se. Com a maxima sinceridade te digo que eu desejei quando o concluí vêl-o repellido em Portugal como lá foi no Brazil. Se a sociedade me recebesse aquillo bem, dir-se-hia

que o meu protesto era vão, e o escripto uma superfluidade. Se eu affrontei os infames, porque me hei de doer do desforço d'elles? Eu não vim a converter, filho, vim provocar. Ora agora contra o couce é que eu não protesto.

Vamos ao importante. A local da corôa sahiu hoje. A corôa levantou grande poeira no Rio: tornou-se de espinhos para a tua sogra. O *Condemnado*, como drama, é que não podia nem devia offendel-a por metade. Se ella alguma hora o lêr, verá que eu respeitei quanto devia e podia a memoria de sua filha. Se tu não encontraste alli desdouro, com que direito o encontraria ella? Na corôa, porém, ha acinte, ha apologia do teu acto significada no brinde a quem t'o justificou como lance de honra. Talvez que nem os signatarios comprehendessem bem o alcance do presente, e os odios que hão de seguir-se.

Teu irmão está tão enlevado nas tuas propensões ao negocio de Africa que não será maravilha lá vêl-o. A' senhora já elle disse que talvez fosse a Africa estar seis annos. Ella porém, sem lhe impugnar o passo, disse que o acompanharia. Esteve elle contando-me o que tenciona fazer para que o teu commercio se estenda a Inglaterra — o de marfim especialmente. Eu tenciono pedir-te que me deixes ter cá sociedade com teu irmão. Bello futuro para o grande orador, e para o romancista invalido! Depois as crianças serão homens, e apenas saberão lêr o meu nome nas capas dos livros. Isto encanta-me!

Teu

Camillo.

Meu José.

....

Devias ficar pasmado da minha sahida; se não antes da minha desgraça. Quatro noites sem dormir, a violencia das duas jornadas, e em meio d'isto a alma esmagada no centro d'umas trevas mais, muito, incomparavelmente, muito mais negras que as tuas. Comprehendo que as molestias te dobrassem mais cedo que as desgraças moraes. Se eu ha doze annos, quando comecei a ser tão infeliz, padecesse como hoje, ter-me-hia matado. Estes pequenos em vez de me adoçarem a vida, amarguram-m'a com o que são e com o que hão de ser. Que será d'estes infelizes a quem Deus fará gemer com o peso do meu castigo! A's vezes cuido que d'outro mundo se contempla a continuação ou o effeito das más obras que se cá deixaram a fructificar. Os filhos expiando a culpa dos paes seria estupida crueldade, se os paes, com o inferno na alma, os não vissem d'outro ponto, sem lhes poder enviar um estremecimento de angustiosa compaixão. E' horrenda, e é assim inintelligivel a eternidade das pennas.

Adeus, meu caro José. E' bem de esperar que eu ahi volte brevemente.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Assim como tu me dizes que o meu folhetim é bom, costumo eu dizer aos doentes irremediaveis que o ar do semblante não accusa a gravidade da molestia. São delicadezas bem entendidas, filho. O que me resta do que fui é um descernimento lucido para lamentar o que sou. Esta debilidade de espirito explica-m'a de sobra a doença cerebral. Em quanto padeci grandes dôres nervosas, escrevi com phantasia e facilidade ao passo que ellas me estorciam os nervos; mas, depois que a molestia se localisou na cabeça, o deperecer foi rapido. Se ainda hoje a muito custo escrevo d'isso que vês, ante-vejo a completa paralysia do cerebro, e em seguimento a morte.

Basta de choradeira.

E' admiravel a dedicação do Albino Guimarães e a idéa então é soberba de honradez, de pondonor e respeito a ti.

Teu do coração

Camillo.

Meu caro Vieira de Castro.

Magoou-me a noticia do fallecimento de teu tio. Ainda ha pouco fallamos d'elle quando jantavamos ahi. Posto que a tua alma transborde de dôres, creio bem que te não achou impassivel a nova triste. Deus sabe se a tua desventura lhe pesou bastante nos fios consumidos da vida! Aquelle pondonoroso velho de

certo louvou o teu desforço, mas sentiu profundamente a tua desgraça.

Teu irmão enviou-me hontem as obras do Alvares d'Azevedo. Agradeço-t'as. Eu queria-as sómente emprestadas para as lêr *** ; porém, trazem escripta uma dedicatoria em teu nome. Ficam como estimado mimo entre os poucos livros estimados.

Teu

Camillo.

Meu José.

Folgo muito de saber que escreveste. Mandame o teu artigo; mas dize-me se é desagradavel para ti que se saiba a procedencia. Lerei cuidadosamente as provas. Não te prometto que elle se publique d'uma assentada, porque o jornal está carregado de *materia*; e o B... tem muito d'olho a materia que lhe estruma o papel e o abrolha em fructos de corôas. No entanto verei se o consigo.

Passei duas horas deliciosas com o teu Antonio, que me leu um bom folhetim sobre o affecto ás velharias. Aquelle sadio e previsto espirito sabe o que é fazer que as boas letras e o brilhante estylo sirvam os interesses do seu commercio. Tua cunhada tem a aureola da mãi terna e da esposa carinhosa. N'um relanço de dez minutos vi-lhe bem todas as formosuras da alma que Deus lhe doura com a felicidade domestica.

Recebe um abraço de todos, e o coração do

Teu

Camillo.

Meu José.

Achei o teu trabalho excellente como estylo, e creio que o é como doutrina. Prezo-me de não entender a parte mais substancial d'elle. Quanto a alterações apenas fiz uma que verás no começo por causa de um periodo de setenta linhas, que era preciso rarefazer. Tambem substituí a palavra *parir*, e o *rebotalho;* uma por muito physiologica, a outra por não ter fóros de fidalga lusitana. Não digo bem: a palavra é portugueza; mas não está bem no teu artigo que é todo selecto e escripto, como lá dizem, de luva branca. Isto me relevarás, por que m'o exigiste.

Eu estimo que teu mano ahi esteja n'esses dias. Permitta Deus que elles não sejam mais amargurados que os outros.

Vou vivendo, meu amigo. O Jorge está muito magrinho e privado de ir ao ar. Estou a vêr quando Deus me põe aquelle cadaversinho sobre o coração. Se assim fôr, digo-te adeus para sempre.

Teu

Camillo.

Meu querido José [1].

O dia de hoje não tem de ser mais angustiado para ti que o de hontem e o de ámanhã. As commemorações pungentes, meu filho, são as da saudade. Tu eras mais desgraçado no dia oito. A' vol-

[1] No anniversario da morte de D. Claudina Guimarães.

ta de ti estavam infames que te viam affrontado. No dia de hoje o rugir dos odios dizia que tu não eras homem para ser escarnecido nem lastimado. Se hoje vivesses tranquillo e ignorante do opprobrio que duas ou tres pessoas conhecessem, eras incomparavelmente mais digno de compaixão. Se eu fosse um dos que o soubesse, não poderia fitar-te sem me saltarem as lagrimas.

Agradeço a Deus estar comtigo teu irmão. Eu não sei que te possas queixar da sociedade tendo por ti a alma d'elle que poderia ser extremosa, mas não ser recta e grande da honra, que é o aço que mais lhe retempera as qualidades de amigo. Dá-lhe um abraço meu. Envio-lh'o como commemoração d'este dia em que tu subiste pela escaleira da desgraça a uma altura d'onde assoberbas os infames.

Teu

Camillo.

Meu caro José.

Eu adivinhei todas as afflicções que te levou o Santissimo Viatico á cadêa. Quem lá o acompanhou e te foi insultar com as phrases e com a curiosidade, honrou o Christo como se quer. O que eu admiro é que Elle se não peje dos obsequios de tal canalha.

Eu n'estas cousas de actos religiosos estou bonito. Cada dia, filho, me sinto mais escurecido, mais atheu. A razão, a experiencia, o mundo de baixo, não ensinam mais nada. Ora quem é que ha de sacudir as azas da lama, e voar para cima? Hei

de morrer como quem se vinga e escarnece das amarguras que me esperavam no inferno de cá — porcaria que nos dispensa de crêr na outra de lá. Olha, se eu lá estivesse, quando ahi foi essa horda de senhoras, eu sahia-lhe ao cimo da escada, e perguntava-lhes o que queriam. Depois, despiria o casaco para lhes fallar, em mangas de camisa, o mais selecto palavriado das cavalhariças. E acabaria por pedir-lhes o attestado que mundifica as toleradas. Ora aqui tens a lição que eu daria.

Teu

Camillo.

Meu José.

Escrevo-te de Braga onde cheguei agora. Veio commigo um ricaço de Benguella, com tres filhos mulatos. Este homem quiz ir vêr-te ao Limoeiro; mas não achou quem o apresentasse. Esteve vinte e nove annos em Africa; enriqueceu a agricultar cana para agua-ardente. Disse-me que tu, empregando na agricultura oito a nove contos de réis, deves ter duzentos no fim de dez annos. Achei-lhe demasiado espirito prophetico quando elle por fim me disse: «O Vieira de Castro não ha de negociar por muito tempo; porque elle ha de ser o motor do desmembramento das colonias e o presidente da republica.» E ajuntou: «O governo se fosse esperto nunca para lá mandaria semelhante homem com tanto talento.» Cousa singular! Este homem é fino. Chama-se M......, e é da Povoa de Lanhoso.

Confrontando os teus artigos com as previsões

d'este sujeito, não pude deixar de o admirar e saudar-te desde logo imperador de Angola. O que é certo é que tu tens destinos extraordinarios, e estás no primeiro acto da tua funesta celebridade. Não viverei para vêr os outros; mas adivinho que o ultimo será uma cousa, seja o que fôr, deslumbrante. Uma cousa sei eu que deslumbra completamente os fulgores da vida... Adeus.

Teu

Camillo.

Meu querido José

Estive em Braga tres dias, e em todos te escrevi. A'manhã é que ainda vamos para Seide, e pouco tempo lá estarei. Dava-me já cuidado a falta das tuas noticias, quando hontem o Antonio me disse que estavas bom, e confidencialmente me communicou o bom exito dos teus negocios quanto ao Ermo. Deus te dê algumas felizes soluções nos teus desejos para que te não seja tudo escuro.

Vou muito triste a Seide. Quando me lembro dos dias que alli passamos, figura-se-me que elles pertenceram á minha época de felicidade. E, com tudo, eu já então era desgraçado como hoje e como ámanhã. De todas as tuas dôres a que mais pena me faz é a saudade. A saudade! que tormento, meu amigo!

E o plastico que lá foi para dar a demão ao busto! Olha que é relevantemente comico a embaçadella do Phidias quando te viu desbarbado! Ahi o temos a escanhoar no barro, mas com a desfortuna de lá te não conhecerem no Rio! Póde ser

que a intenção, posto que especuladora, não viesse dos teus inimigos. Em todo o caso, fizeste bem, meu filho.

Teu

Camillo.

Meu José.

Penso no dia de ámanhã com mais receio do que tu. Não me consterna o augmento do prazo, porque prevejo que antes de dez annos taes terremotos sociaes ha de ter havido que a entrada em Portugal te seja não só franca mas solicitada. Que visualidades de romance, meu José!... Cubro a minha asneira com as reticencias.

Por em quanto, meu filho, a minha cabeça não amanhece. Sento-me, pego na penna, e fico-me com ella apontada ao papel como quem esperasse uma idéa para a arpoar com os bicos. Em meio d'isto pedem-me lá de Lisboa 30$000 réis de decima annual como escriptor; e de cá 9$000 como cavalleiro. Quando te levantares com a republica d'Africa, Guiné, Ethyopia, etc., faze-me guarda-mór da torre do tombo que eu vou para lá. Se não houver torre do tombo, quem contará á posteridade a origem da tua dynastia?

Brinquemos a chorar.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Parecia-me incrivel o aggravo da pena, com tudo eu esperava-a; esperavam-a todos porque os juizes

não se esquivavam a dizel-o ainda antes de vêrem o processo. Creio bem, meu amigo, que a sentença te foi indifferente. Tu voltarás para Portugal antes dos dez annos. Como, e por que indultos, não sei, nem o diria se o soubesse. Tenho medo de ser tolo aos teus olhos, ou ameaçar doudice nas minhas imaginações. No Porto fez pessimo effeito a decisão. Está tudo por ti. Mas que monta? Despresivel caridade a que vem do odio saciado. Eu, meu filho, sinto-me esmagado pelo peso do teu infortunio, e não posso com a idéa de que te não hei de vêr mais. Adeus.

Teu

Camillo.

Meu José.

Recebo a tua carta. Agradeço a Deus a coragem que te elle dá, meu querido amigo. Agora recebo a carta inclusa. Se eu tiver mais saude do que tenho n'esta hora, vou tambem. É bem de crêr que não, porque a alma adivinha-me que te não verei mais. E' terrivel tudo isto que está passando na tua vida. Desgraçados aquelles que te conheceram e amaram. Eu devia forçosamente conhecer-te. Amei um José Augusto, que morreu afogado. Outro José Augusto que morreu despedaçado de paixão ahi em Lisboa. Tu eras o meu terceiro amigo. Adeus, meu filho.

Teu

Camillo.

Meu José.

A*** recebeu hontem a tua commovente carta, e foi comtigo chorar na vida que lá nos fica para além de nove annos, nos dias ultimos da nossa felicidade. Fomos desgraçados todos a um tempo. Morreremos sem saudade do que deixamos, porque teremos gastado a alma a deplorar o que irremediavelmente se ha perdido.

Ha cinco dias que padeço mais e muito. No dia quinze d'este mez faz um anno que eu tive a primeira ameaça de congestão. Não creio que estes ataques tenham prazos fataes; mas é certo que os padecimentos se aggravaram com a aproximação do calor.

Dizes-me uma cousa incomprehensivel. Se o supremo tribunal só entende em nullidades de processo, que lucra a parte no recurso? Com o pretexto de augmento de pena, parece-me isso absurdo, até mesmo porque o maximo d'ella são os quinze annos. Não comprehendo o alcance d'estas infamias.

Aquelle Severino, que te procurou, é um optimo homem. Conheci-o em tempos remotos chefe pagador de tropas. Depois, vi-lhe o nome assignando umas correspondencias contra mim. Depois, soube que elle vivia pobre em Lisboa, e dei-lhe que fazer e uns 400 réis por dia. Tive então occasião de o avaliar melhor, e achei-o bom e bem apalpado pela desgraça. Li que elle agora fôra ou ia ser despachado para escrivão d'alfandega de Ambriz.

Estamos muito tristes, filho. A*** tem cem annos no coração. Deus te livre d'isto que é peor que

tudo. *Esperas*, meu querido amigo! Então ainda ha na tua existencia o melhor d'ella. Mas que pena não ter eu a tua idade para ainda te vêr vigoroso e grande n'algum ponto menos espadanado do sangue e lama em que tudo isto de Portugal vai envolver-se!

Teu

Camillo.

Meu José.

O F... escreveu-me pedindo-me um manuscripto de seis paginas com o meu nome, para elle publicar. Acrescentava que o producto o livraria de difficuldades. Ora, tendo eu publicado oitenta e cinco volumes e contando as difficuldades pelas paginas, entendi que o homem pedia uma asneira, e publicando as seis paginas ajuntaria mais uma ás difficuldades existentes. Não lhe respondi por tanto. Além de que, o homem é doudo, e eu estou calejado do attrito com doudos.

E' impossivel que o F..., lendo as ultimas tiras do teu folhetim, não te conhecesse; jámais, descobrindo o C... a procedencia do Limoeiro. Onde diabo está o atheismo que lá viu o syndico? Quando muito, ha lutheranismo na tua apreciação boa ou má do catholicismo. Em Portugal, não ha seitas nem dissidencias: ha cocheiras e cavalgaduras, mormente em materias theologicas. Olha, meu filho, tu imaginas bem o que é isto; mas não medes toda a profundeza d'este poço de ignorancia, d'onde as asneiras sahem alcatruzadas pelo F..., que é o mais sabio dos philosophos do Chiado. A respei-

to de Deus, quem sabe alguma cousa n'esta terra são os passaros que o cantam de madrugada.

Meu querido José, adeus.

Teu

Camillo.

Meu José.

Eu já sabia a historia da inclita rameira. Parece-me que m'a referiu o fornecedor do livro. Este sujeito possue bons exemplares de cousas irritantes.

Continuo a passar muito mal e muito amargurado. Não vou para Seide porque morro lá de tedio. Não sei se irei para a beira-mar. O melhor seria ir alli para o Repouso. Veremos onde se desfaz este guano. Tem saude, filho, e não a exponhas. A vida quieta olha que não a damnifica. Os frades apenas sahiam da cella para o refeitorio, e tinham saude de burros sadios. Adeus, filho.

Teu

Camillo.

Meu caro José.

Não me recordo do nome do desorelhado romano. Esta molestia cerebral apagou-me muitas lembranças, ganhadas com muito trabalho; porque fui sempre escasso de memoria. Entrelembro-me porém, de ter sido mutilado em nariz e orelhas um primo de Mario, por ordem de Silla. Não me lem-

bro do nome, e penso até que a historia lh'o não dá. De certo não é este o outro.

Aqui no Porto ha muito quem te attribua as *Farpas*, quero dizer a *Carta*. Acham-na boa. O Eça de Queiroz que está aqui, disse que lhe parecia tua.

Folgo que não te desagradasse a *Advertencia das Colonias*. (Nota 3.ª). Eu, quando escrevo de ti, desmando-me em liberdade excessiva tocando nas tuas chagas com mais franqueza do que o fazia rosto a rosto comtigo. Se estás contente com a virulencia da phrase, que eu nunca posso avelludar quando desfecho contra os teus inimigos, tambem eu estou contentissimo.

Teu

Camillo.

Meu José.

Não te escrevi hontem porque, logo que recebi a tua carta, resolvi ir hoje a vêr se podia serenar a irritação em que estás, justissima, porém prejudicial ao teu espirito e corpo. A's onze horas da manhã tinha a malinha prompta para sahir de tarde; mas a noite pessima que eu tinha passado promettia o embaraço gastrico que está começando.

Peço-te pelo affecto que te tenho que te hajas com paciencia n'esta provação horrenda. A tua dignidade não póde conformar se com a indifferença dos sevandijas e dos egoistas; mas, meu amigo, aceita o mundo como elle é. Não te abandonam porque estás condemnado nem porque te julguem criminoso; abandonam-te porque te consideram impres-

tavel, porque não pódes ser util. Aqui tens a explicação chata da cousa que te espanta e exacerba. E, depois, filho, creio que exageras o teu desamparo. Lembra-te da minha reclusão ha onze annos. O meu delicto era irrisorio no entender dos meus amigos, e os *meus amigos* não íam lá. Das pessoas que eu conhecia foram lá cinco, e das que me não conheciam poucas mais para *me vêrem* e injuriarem com a sua curiosidade. Pois tu não entendeste ainda a sociedade?

Vê lá o que escreves, José. As tagantadas é bom dal-as, mas não no ar; quando vibrares o látejo seja de modo que estale nos couros. Que te não vão tomar á conta de desespero esse desforço, e d'ahi lhes dês motivo para satisfação. O que os afflige é vêrem-te sereno, a escrever, a ter saude, a esperar, com a tranquillidade laboriosa d'aquelle D. Francisco Manoel de Mello que escreveu cincoenta e nove volumes na torre velha de Belem onde esteve preso nove annos, e innocente. A coragem d'uns desgraçados é a coragem d'outros que sabem medir-se com os mais infelizes, logo que não poderam medir-se com os infames. Tenho-te dito muitas vezes, meu filho, que pesadas essas dôres do carcere com as ignominias da liberdade, não ha que hesitar na escolha.

Recebo outra carta tua.

Pareces-me melhor, graças a Deus.

Teu

Camillo.

Meu amigo.

O Antonio disse-me hontem que estavas adoentado. Mortifica-me o receio de que peores. Hoje recebi o opusculo. Já li as paginas que entendem com as mulheres que ahi foram. São bellas, tocantes, e *tuas*. Farejo que o teu livrinho não estalará como suppunhas. Está muito grave para isso. N'este paiz só faz estrondo o escandalo ou a chalaça. Um livro bem pensado e bem composto apenas impressiona os dez litteratos intelligentes que por ahi vivem lurados na sua obscuridade. O restante é a malta dos noticiaristas, gentio que os porteiros de Paris levariam na vassoura para as carroças. O senso publico — a gente que compra — como fica dito, quer que Offenbach collabore no livro, e, se não fôr este, então o L. d'A. Parece-me que a *Consciencia* não terá grande procura. Conclusão. Adeus, meu querido amigo. Restabelece-te, e não descreias da felicidade como o mundo a póde dar.

Teu

Camillo.

Meu José.

Não recebi ainda a carta que me enviaste para o Porto. Provavelmente vem hoje. Triste cousa é que não estejas livre da tosse; mas não ha que recear d'ella na tua compleição. Grande mal é padecer, ainda que a doença seja mortal. Quando me dizem que ninguem morre de zunidos nos ouvidos, para me consolarem, parece-me isto escarneo. Pois o

morrer já, não seria melhor que viver mais dez annos com esta irremediavel mortificação?

Gósto que me digas se a venda do teu opusculo é regular: parece-me que ha pouco publico para escriptos d'aquella ordem. Póde, porém, ser que os que o não percebem, o inculquem por amor proprio, e assim se vão enganando uns aos outros. Talvez que eu esteja sendo injusto com as intelligencias do meu paiz.

Ainda te lembras d'esta aldêa? Estive ha pouco ao pé d'aquella pedra *monumental* onde astá o teu nome. As arvores que então se plantaram abraçaram-se, e afogaram a pedra n'um escuro que faz lembrar um tumulo. Tumulo das nossas alegrias se me afigura aquillo. Eu era ainda o rapaz de trinta e sete annos, e tu quasi uma criança.

Acho tristissima esta vida do campo. Como não trabalho, as horas são infinitas; e, como não durmo bem, as noites são-me ainda peores.

Tem paciencia com as tuas dôres, e lembra-te dos que soffrem.

Teu muito do coração

Camillo.

Meu presado amigo.

*** recebeu hoje o exemplar que lhe mandaste da 2.ª edição. Ella t'o agradecerá. (Nota 4.ª). Fiz a terceira leitura com o mesmo agrado. Se fizeres terceira edição deves purifical-a das palavras *mesmo* como adverbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outro em D. Francisco Manoel de Mello;— da palavra *imbecil* como synonymo de

inepto, parvo, etc. — e da palavra *banalidade*. Nenhuma é portugueza, nem exemplificada. Um escriptor de grande voga usou-as; mas esse escriptor não é bom modêlo. *Imbecilidade* é a fraqueza physica; *banal* não se encontra sequer em vocabularios portuguezes: ha o *frivolo, futil*, etc. Isto parece-se com as nossas questiunculas do Ermo, em 1860. Olha que estes reparos são caturrices que já ninguem faz senão eu por amor a uma pieguice chamada vernaculidade que ainda ha de fazer que ninguem me leia.

Teu

Camillo.

Meu querido amigo.

A tua carta, noticiando a inesperada brevidade da partida, alvoroçou-me tristemente. Eu não o suppunha nem ninguem. Supponho, porém, que, ainda mesmo que decida o supremo tribunal no dia vinte e seis, parece-me que nove dias depois não te deixarão partir, a menos que os teus amigos não se esforcem por conseguil-o. Notei, quando estava preso, que os degredados eram intimados um mez antes, e que no ministerio competente se pedia com muita antecipação a lista dos presos no caso de sahirem. Eu seria cruel se te desejasse ahi mais um mez inutil e atormentado, quando, desde que respirares o ar do mar, sentirás o coração e a alma a ganharem azas. Entretanto, emquanto ahi estás, e me escreves, como que te sinto viver ao pé de mim.

Não queres que eu ahi vá. Ai, filho, eu não poderia ir. Quem te mostrar lagrimas, ou t'as fi-

zer chorar, faz-te mal. Evita ainda que as pessoas de tua familia te vejam partir. Poderás? Sei que terás mais coragem para a saudade que para o abraço do *adeus*. O morgado deve ahi estar hoje. Dá-lhe um abraço, e dize-lhe que na segunda feira me vou d'aqui embora, nem peor nem melhor do que vim. Vou peor, porque vou desilludido d'esta esperança. Adeus, meu querido José.

Teu

Camillo.

Meu querido José.

Ao morgado nunca esfriaram os enthusiasmos de ir; longe d'isso, a sua inquietação era a demora do processo. Já elle me havia dito que, se o supremo tribunal annullasse, iria sem ti. Suppunha, porém, e eu tambem, que o recurso seria decidido mais tarde. N'esta hypothese, descançou e cuidou menos em arranjos de partida, de modo que a noticia inesperada o contrariou, já porque naturalmente lhe devia abalar o coração de marido e pai, já porque o embaraçavam negocios de dinheiro, de colheitas e até de segurança do restante dos seus haveres a favor da mulher. Entretanto, não mostrou sombra de intenção de não ir. Logo que chegou a Seide onde estava a mulher, sahiram logo para aviar as cousas. A'manhã vem elle aqui. Hei de fallar-lhe no sentido da tua carta sem a menar reserva. O teu melindre é honrado, e a minha responsabilidade não é pequena, se elle lá por desventura não fosse feliz ou perdesse a saude. O Ferreira Lapa pintou-lhe sinistramente a Africa, ainda assim a regra de mor-

talidade que elle estabeleceu respeitava aos degredados submettidos aos trabalhos proprios d'elles, e á vida devassa que elles lá vivem. E' claro que se o morgado fizer lá o que faz aqui não póde contar com a saude que tem cá. Espero que não. Se tu lhe prescreveres um methodo de vida, elle ha de observal-o. A ti, meu querido amigo, não é preciso que te aconselhem. A tua robustez não te ha de enganar. Sei que estás alegre com o alvoroço da partida. Podéra não! Sentes a plenitude da vida assim que voltares a Portugal as costas, deixando após ti a raiva dos inimigos que te vêem partir sem infamia, com todo o vigor da tua intelligencia.

Eu desejo não morrer sem que tu de lá me digas que vives serenamente. *Feliz*, nunca m'o dirás. Fujo de pensar na conjectura de ainda te vêr. Póde ser, meu Deus! Cá ficam as duas crianças para te mostrarem os traços do teu amigo de treze annos.

*** chorou com o final da tua carta. Calemonos: é um dever não te dizermos o que se pensa, o que se diz e sente de ti n'esta casa, onde te vimos feliz para outra viagem. Adeus, meu querido.

Teu

Camillo.

CARTAS PARA AFRICA

Meu querido José.

Tive grande pena de não te escrever no paquete de dezeseis. Só depois, fallando com teu irmão, soube que havia sempre n'aquelle dia mala. Rece-

bi duas cartas do morgado, e sentia a falta da tua, quando me veio devolvida de Famalicão para o Porto, onde estou desde que sahiste de Lisboa. A tua carta aguou-me o contentamento que me deram as do morgado, descrevendo-me rapidamente a tal qual satisfação da viagem. Para mim a unica felicidade compativel com o teu infortunio é vêr que te respeitam e te admiram com affecto, sentimento muito diverso da commiseração que tu rejeitas. A tua carta, porém, mais intima, e, por desventura, mais verdadeira do que os exteriores que affectas entre os que te vão por amor suavisando o desterro, encheu-me de tristeza. Esse pressagio de morte vale nada; mas o desejo de morrer é muito. Sei que o afazer-se a gente a pensar-se e *vêr-se morto* é meio caminho andado da sepultura, e o outro que falta é mais suave; já lá não nos ficam as carnes espedaçadas nas desillusões, nos terrores do *nada*, nas saudades do que deixamos. Ora, meu filho, a que vem isto? Está já a carta a resentir-se de quinze dias de cama, d'onde sahi agora para te escrever com muita difficuldade... Se no seguinte paquete não tiveres carta minha, fica entendendo que acabaram os meus soffrimentos e que estou mais feliz do que nunca. A cura é impossivel. Não se regenera o sangue em circumstancias de vida tão deleterias. Olha que já vejo estas crianças com esta insensibilidade significativa de estar isto a desfazer-se. E' a providencial apathia, o morrer primeiro interiormente, o desatarem-se nós que me pareciam horriveis de partir. No entanto, quando voltares á patria — d'aqui a cinco annas? — já acharás os meus pequenos em circumstancias de os poderes ajudar. Deus lhes não falte com a mãi.

Eu não posso continuar. Vou escrever duas linhas ao morgado. Desculpa as tristezas tão improprias para quem as tem tamanhas como tu Adeus.

Teu

Camillo.

Meu José.

O teu Antonio mandou-me a carta que lhe escreveste de S. Vicente. E' pallida a alegria que me ella deu. Não posso crêr que as considerações d'essa boa gente que te admira diminuiram as tuas tristezas, filho. Oxalá que a Providencia te renovasse o coração para ainda o sentires viver do futuro. Escrevo-te estas duas linhas com muito custo. A minha enfermidade até já me faz angustias, se me demoro segundos a escrever. Não ha palavras para o que soffro; é a anemia mais desgraçada que dar-se póde. O meu cerebro está ralado e dissolvido em sangue. Pede ao morgado que me desculpe de lhe não escrever n'este paquete. Dize-lhe que tive ha dias boas novas da sua familia, e que lhe agradeço as noticias que me tem dado da sua boa viagem. Deus o ampare e o veja pai das criancinhas que todo futuro libram na felicidade do pobre desterrado. Adeus, meu querido José. Eu escrevo-te para te dar a certeza de que ainda vivo.

Teu

Camillo.

Meu querido José

Cuidei que teria carta tua n'este paquete. Provavelmente não ha ainda tempo. Não tenho fallado com alguem que me esclareça, porque ha muitos dias que não vou á rua. O meu estado não é mais grave; mas não sinto leves melhoras. Estou ancioso por saber que impressões ahi recebeste, e com que santa coragem convertes as más em virtude de conformidade. Deram-me quasi seguras esperanças de que a tua paragem em Africa seria pouco demorada; mas este *pouco* é um relativo que me não deixa esperanças de te vêr. Penso que está entre nós o muro que separa a vida da eternidade. Essa supposição fundada na minha pertinaz doença foi que me impediu de ir vêr-te.

Noticias de Portugal lá as terás dos periodicos. Presume-se que ha ministerio para longo tempo. Deus o permitta, porque eu em teu favor espero muito do Sampaio e do Jayme. Verdade é que lá está um personagem, com alma de Bragança, onde se aninham implacaveis rancores; mas ainda assim espero que a vontade dos ministros e do procurador geral da corôa prevaleça.

Davas-me, meu filho, uma grande alegria se me dissesses que estás entretido com negocios que te fazem esquecer a patria; e mais ainda se a tua saude não soffresse algum abalo.

Teu mano Antonio tem estado em Madrid, d'onde escreveu excellentes cartas para o *Primeiro de Janeiro*. E' assombrosa a actividade, e a força de vontade d'este rapaz cheio de nobilissimos sentimentos. Não o vejo ha muito tempo. Assim que eu

podér sahir, irei pedir-lhe que me diga de ti alguma cousa.

Adeus, meu querido filho.

Teu do coração

Camillo.

Meu querido José.

Vi as cartas escriptas ao Antonio. O melhor d'ellas é não conterem palavra de queixa por falta de saude. Vaes ou ias gozando a felicidade immediata á do contentamento que é a suprema. Depois, outra satisfação grande para mim é vêr como lá te festejam. Se fosses em viagem de recreio ou official não poderias ser melhor recebido. Se te houvessem commutado o degredo em dous annos de carcere em Portugal, soffrerias angustias incomparaveis. A' perversidade dos homens tirou a mão da Providencia os flagellos. Elles cuidavam que te crucificariam; e tu achas ahi um ar que te renova o espirito, affeições que te fazem estimar a vida, e bases sobre que assentes o edificio da velhice tranquilla.

O Antonio observou que o teu espirito vai fluctuando em diversos designios. Ainda bem, com tanto que a final não optes por algum que desconvenha. Seria caso estranho que fixasses deliberadamente o que has de executar, antes de compulsares mão por mão as cousas e as pessoas. Gosto d'essa natural versatilidade que é da tua indole; e, mais que tudo, alegra-me que a tua condição vá renascendo n'essas manifestações. Marasmado, abatido, e como espantado da estranheza d'esse mun-

do é que eu não queria vêr-te; por que então considerar-te-hia perdido.

Tenho-te escripto não sei quantas cartas, sempre em occasião de grande abatimento. A minha enfermidade não cessa nem me deixa esperar melhoras. Que eu não torno a vêr-te é certo, filho!

....

Teu

Camillo.

Meu caro José.

E' meia noite, estou na cama, e não tenho aqui outro papel. Ha bastantes dias que por aqui passo sem forças para affrontar esta Noruega do Porto. A minha doença não tem progredido; mas não ha já que esperar melhoras. Exhauriu-se tudo. Agora, venha de Deus a paciencia para ir resvalando n'este vagar á cova. Os meus filhos estão bons, e a mãi, com a alma atormentada pelo presentimento do meu breve fim, ostenta um ar de esperança que seria incrivel, se não fosse contrafeita.

D'esta vez não vi a carta que escreveste ao teu Antonio. Vejo esta que me escreves em que, com bem poucas palavras me deixas vêr até ao fundo o abysmo da tua tristeza. Eu vi toda a tua alma no cemiterio. Transferi-me á tua situação e senti o coração cheio de lagrimas. Que lance de olhos não seria o teu por este passado que aqui deixaste ligado ao tempo das minhas saudades! Tão depressa, meu filho! Tu ahi, e eu a acabar! Praza a Deus que a dôr te não faça no espirito a morte antecipa-

da, a oclusão das vistas da alma, este sentir-se a gente a escurecer por dentro, como eu por suprema desventura me sinto. Lá vai o que eu pensei que me salvaria sempre, e me seria galardão para todos os heroismos de paciencia; lá vai o trabalho. Não posso, não sei escrever. Ha mezes principiei um livro, que foi mandado para o prelo; e está parado porque, se me esforço por escrever, a cerração é completa. Feio egoismo este, meu filho! sempre a fallar-te das minhas desgraças!

Eu penso, José, que tu poderás achar tranquillidade de animo, quando o habituares a qualquer trabalho. Parece-me que voltarás aos teus livros, e ao teu talento de escrever, quando toda essa peçonha te entrar no sangue sem o deteriorar.

Afóra as lides commerciaes, deverás ter um lavor de espirito que te introverta, e te vá dando estes modestos contentamentos que parecem ter comigo o que quer que seja de influição providencial. Eu senti-os; e hoje morro porque os não posso gozar.

A advocacia deveria ser-te manancial de grandes prazeres; mas não sei se ha ahi quem te seguisse acima de que eu penso que ahi deve ser o fôro. Se isso te désse dinheiro, não seria necessaria a ovação dos auditorios; mas eu desconfio que as retribuições hão de estar na proporção da mesquinhez do commercio. E' pena, meu amigo, que não tenhas bem pronunciada vocação para a fertilidade dos romances. Tu verás como é bom crear gente que nos falla, que nos colhe as lagrimas do coração e as faz filtrar ao livro. Ai! que saudades me chamam ao tempo em que eu amava as figuras da minha phantasia, e visitava os locaes onde as tinha

feito viver! E que fontes de dôces lagrimas tu não tinhas aberto para que a verdade não faltasse ás tuas imaginações! Como serias procurado e lido!

Teu

Camillo.

Meu querido filho.

Gostei muito da tua invocação. Mandei-a ao *Primeiro de Janeiro* onde sahiu trasladada. O exemplar, que o Miranda Henriques offereceu a sua mamã, mandei-o encadernar para lh'o entregar. A encadernação não póde ser luxuosa porque não ha aqui quem a faça, nem quatro laudas se prestam a isso. Ámanhã vou pessoalmente entregal-o. D'esta vez não vi a tua carta ao Antonio, porque o não tenho encontrado. Ha muitos dias que o inverno me não deixa sahir. Os meus padecimentos de cabeça tem-se aggravado irremediavelmente.

....

Tristissimo tambem tu estavas quando me escrevias. Has de assim ter muitas horas; mas quem as passou ha dous annos da natureza das tuas é cobarde se succumbir ás que hoje te ennegrecem o espirito. Para ti não houve senão uma desgraça enorme que te remiu das outras. As voragens que se abrem ao lado da tua devem ter luz. *Supremum salus nulla esperare salutem.* Mas, ainda assim, tens um horisonte: a caridade. Eu já sonhei que te via ainda novo a atirar dinheiro ás rebatinhas aos pobres. Se morreres, velho, entre crianças soccorridas

pela tua fortuna, terás um funeral que te levará processionalmente pela posteridade além.

E' formosa idéa essa das doze lições. E' a tua segunda caridade em Africa. Sê o Paulo d'esses ephesos. Ajunta á peregrinação o apostolado...

Horrorisa-me a palavra *suicidio* escripta por ti. Se queres rejubilar os teus inimigos faz isso. Deixa esse epitaphio de remorso sobre as tuas cinzas. Valha-te Deus! Não vês o alto ponto em que te collocou a tua honra! Meditas a sahida dos miseraveis cobertos de opprobrio! Isso é inferior a ti e ao conceito que me mereces.

....

Teu

Camillo.

ULTIMA CARTA [1]

Meu amigo.

Dás-me ruins novas. A saude que estavas gozando ha dous paquetes, parecia-me um extraordinario beneficio que Deus te concedia. Se principias a ser doente, deploro-te sobre todas as amarguras da tua vida. Eu não conheço nada mais digno de lastima

---

[1] D'esta extensa carta apenas se trasladam algumas linhas. Não comprehendo hoje a prophetica amargura das ultimas palavras.

que um simulacro de vida cortado de achaques. Ha muitos annos que não sei o que seja uma hora de saude. Os meus prazeres n'este antro chamado o viver são as poucas horas em que durmo, se as não sobresaltam as nevroses subitas ou os sonhos horrendos que me prostram a alma.

Teu irmão enviou-me para Seide a tua carta. Não vi a peça do desembargador, nem sabia que até esse santo intuito das prelecções te era agourentado por dissabores. Pensas bem, filho. Não falles nem escrevas para esse gentio. Volta a tua actividade a outro norte intellectual. Escreve um livro, que se possa aqui publicar. Um livro para cada anno. Uma cousa reflectida onde não transluza phrase que pareça queixume contra os homens ou contra as cousas. Põe a tua provada dignidade acima de tudo, e faz sentir a amigos e inimigos que o teu talento anda alto em quanto as tuas mãos mexem em cafés e balsamos. Estou bem certo que os teus livros, romanescos ou scientificos, hão de ser lidos com interesse. Faz de modo que, na volta de Africa, encontres em Portugal a tua reputação consolidada.

A *Infanta capellista* ha muito que está desfeita. A consciencia entrou-me pela algibeira. Perdi muito, cavei difficuldades, mas sinto-me bem commigo.

Escrevi depois um romance, que te hei de enviar no proximo paquete, intitulado o *Carrasco de Victor Hugo José Alves*. Aproveitei grande parte da *Infanta* — tudo que não embarrava pelo throno; mas ainda assim não lhe expongi algumas ironias que me hão de custar injurias dos abjectos que são aos cardumes á volta do rei.

Ainda não recebi o teu retrato, que já pedi ao

Antonio. Agradeço-t'o, e fica certo que não sahirá da minha gaveta.

. . . .

Adeus, filho. Lembra-te. Escrevo ao pé da pedra em que está o teu nome. Cobrem-na dous cyprestes.

Teu

Camillo.

APPENDICE

Para que não se percam as oblações da amizade levadas á sepultura de José Cardoso Vieira de Castro, colleccionei algumas chronologias, que não são todas as que abençoaram a memoria do insigne orador. Algumas sei eu que as ungiram sinceras lagrimas; e ainda hoje o nome querido revive nos corações luctuosos que lh'as deram.

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

Da vida d'este homem, morto duas vezes, morto para o mundo antes da morte o tirar do mundo; da vida d'este homem, que acabou a vida antes de morrer, segundo a expressão de Seneca, *consummare vitam ante mortem*, póde escrever-se o que elle do alto da tribuna parlamentar, d'onde se comprazia em semear de flôres de rhetorica o caminho que haviam de percorrer os argumentos que despedia contra os adversarios, disse uma vez das sombras da lanterna magica, que se succedem, revezam-se «nos panos do muramento, vivendo o minuto da existencia das sombras: etherea, rapida, fugaz, como as phosphorescencias dos marneis [1].»

Tudo foi rapido e fugaz n'aquella vida febril, agitada e tumultuosa: triumphos, glorias, esperanças, sonhos, enthusiasmos, jubilos intimos. Tudo isto passou, turbilhão dourado, como folha levada pelo vento. Era o vento da desgraça. Apagou quanto

---

[1] Vieira de Castro — *Discursos parlamentares* — 1865-66. Pag. 36.

elle tinha de bom, generoso e fecundo no coração, crenças e affectos, semente divina de heroismos e dedicações, e encheu com as cinzas da duvida e do desespero o sacrario vazio onde aquelles affectos e crenças se tinham gerado, nascido e crescido. Abriu-lhe em seguida as portas do carcere, e depois d'um captiveiro de mezes, durante os quaes aquella alma, no sinistro isolamento feito de repente á roda de si, gemeu, padeceu e consumiu o resto das suas forças n'uma agonia excruciante e demorada, arremessou com elle para longe da patria, dos seus, das recordações da infancia, dos sonhos da mocidade, para longe dos sitios em que elle tinha triumphado, amado e sido feliz, para longe do céo e das flôres da sua patria, para longe d'este sol creador a cujos raios se accendera o seu engenho e dilatára a sua alma. Finalmente veio a morte e levou-o. Onde a desgraça passára, esterilisando tudo como a pata do cavallo huno, mocidade, esperanças, chimeras, illusões, sentou-se a morte armada da fouce, como a pintavam os antigos. Triste, triste, triste!

Que resta hoje dos combates em que o academico consumiu as primeiras forças e os primeiros enthusiasmos da sua juventude, dos triumphos que ao orador politico grangeou a sua palavra vigorosa e elegante, das esperanças de que o homem se nutriu, das felicidades que sonhou, do ideal que todo o trabalhador julga entrever ao cabo da sua lide e que incita o sabio a não desesperar da sciencia e o pobre a não desesperar da riqueza?

E todavia nunca houve, por menos entre nós, carreira a que o futuro promettesse mais, destino mais brilhantemente começado, fado na apparencia mais feliz.

Grandes predilecções litterarias, que o distinguiram e acompanharam sempre, levaram Vieira de Castro nos primeiros annos a experimentar o seu talento em tentamens de diversos generos; escreveu alguns artigos no *Nacional* do Porto, folhetins na *Revolu-de Setembro*, e o *Atheneo* teve-o por collaborador effectivo muito tempo. Todavia a sua obra litteraria de maior significação é a Noticia da vida e obras de Camillo Castello Branco, que seria de todo o ponto um bom livro, assim como é um livro curioso, arriscado e intrepido, se a tendencia para o estylo gongorico, grandes phrases exageradas e palavras retumbantes não prejudicassem o sabor da linguagem no que respeita ás leis do gosto [1].

Este livro, — pormenor talvez ignorado da maioria dos que o leram e conhecem, — foi feito n'um segundo andar da rua dos Algibebes, onde Vieira de Castro vivera com Camillo Castello Branco ha doze annos, em 1860 [2]. Existencia tranquilla, retirada do

---

[1] Apreciação inexacta, resultante da falsa idéa que o snr. S. Nazareth fórma do *gongorismo*. O estylo de V. de Castro demasiava-se em pompas, tecia-se com superabundancia de fios do melhor ouro; mas, com toda a certeza, não peccava pelos trocadilhos e conceitos forçados — os quaes caracterisam a desprezada e desde dous seculos obsoleta escola de Luiz de Gongora. Quem quizer conhecer os seus discipulos em Portugal, procure-os no pulpito do seculo XVII, nos romances atoantados d'esse tempo, em Jacintho Freire de Andrade, e, ás vezes, no padre Antonio Vieira, exceptuadas as *cartas* e os papeis politicos.

C. C. B.

[2] Inexactidão. O livro foi escripto, estando eu no carcere.

C. C. B.

mundo, esquiva ao bulicio e ás agitações da sociedade. Nem pensava em politica, nem lia jornaes. Nenhum dos dous, nem Camillo nem elle, sahia de casa, a não ser algum bocadinho á noite, e isso mesmo raras vezes. Como n'esse tempo não havia ainda jornaes de noticias, era cada qual senhor de chegar e partir quando muito bem queria. Os prélos não diziam nada. Por isso ninguem, ou quasi ninguem sabia que Camillo e Vieira de Castro aqui estivessem. Estes dous homens, tão extraordinarios por mais d'um titulo, passavam na sombra e recreavam-se com o mysterio em que se envolviam. Iam apenas á casa da rua dos Algibebes Julio Cesar Machado [1], que morava n'esse tempo perto d'aquella casa, n'uma esquina do sexto quarteirão da rua do Ouro, e João Ignacio da Cunha.

Camillo estava n'uma das suas épocas de não querer trabalhar. Enfastiado de tudo, como que fatigado da vida, e quasi que com asco ás letras, não queria vêr livros nem ouvir fallar n'elles; Vieira, que tinha por elle uma amizade que tocava as raias do fanatismo, afinava por aquelle grande espirito, e tambem não queria lêr. O resultado era n'aquella casa não fazer-se outra cousa senão conversar. O leitor que imagine o que alli iria de philosophia, de ironia, de observação, de critica, n'aquelles cavacos permanentes!

Vieira tinha a nota do enthusiasmo ou a da ira; Camillo, a do desdem, a do riso, a do desprezo. Mesmo quando gracejava, o primeiro tinha como

---

[1] Devo á sua obsequiosa amizade estes preciosos apontamentos ineditos. D'aqui lhe agradeço.

que lagrimas e apostrophes nos seus ditos; Camillo, homem superior e homem experiente, vasava n'um sarcasmo um mundo de idéas.

A singeleza de costumes de Vieira de Castro n'essa época parecia desmentir os boatos que se haviam espalhado a respeito dos disturbios da sua vida de estudante. Contava-se que elle em Coimbra fizera época, não só pelo prestigio da sua palavra e pelo ardor da sua eloquencia, mas pela coragem dos seus actos, muitas vezes pela imprudencia e loucura d'elles. Entretanto, ao vêl-o, quasi que não se acreditava em semelhante cousa: eram dôces as suas fallas, e no trato com os amigos, meigo e docil como uma criança. Ninguem diria que fosse aquelle gentil moço, ceremonioso, delicado, o terror das noites de Coimbra e dos dias do reitor!

Que differença entre esta sua passagem em Lisboa ha doze annos, tranquilla e ignorada, e a sua entrada no parlamento, onde veio em 1865 representar um circulo da opposição! Que celeuma que se levantou á roda do seu nome! Que tempestades e que triumphos! Como foi applaudida com calor pelos amigos e pelos adversarios acerbamente criticada a sua estreia parlamentar, estreia audaz e brilhante que o snr. Antonio Rodrigues Sampaio, grande amigo de Vieira de Castro, saudava no dia immediato d'este modo na *Revolução de Setembro*: «Nem a tribuna antiga nem a moderno nos offerecem melhores modêlos de eloquencia.»

Esta apreciação, na qual a amizade influia mais que o juizo recto e imparcial de quem a fazia, não era comtudo inteiramente destituida de fundamento. Vieira de Castro nascera para fallar. Era fado seu, como fado seu foi a sorte desgraçada que teve. A

sua natureza intrepida e audaz amava a luta, a embriaguez e as commoções do combate. A tribuna era o seu elemento. Subia a ella como o soldado sobe ao assalto. Sentia-se grande e forte n'aquelle mesmo lugar d'onde Garrett desfolhára os primores da sua palavra academica, que realisou entre nós o ideal antigo, o consorcio da força e da eloquencia tão amados dos gregos. Como o author do discurso de Porto Pirêo, tinha, ainda que em grau inferior, a elegancia e a força, e uma cousa que mais ninguem teve depois de José Estevão: o calor, a chamma interior, a inspiração, o chamado fogo sagrado, que não se sabe d'onde vem, se desce do céo como o espirito que illuminou os apostolos, se se eleva do coração como o amor, a fé, o enthusiasmo, mas cujo poder é assombroso e cuja força é irresistivel. Onde elle experimentou, de uma maneira definitiva, esta irresistivel força e este assombroso poder foi n'aquelle celebre *meeting* do Porto onde elle fallou por espaço de quatro horas, e que constituiu um dos episodios mais notaveis da nossa vida politica n'estes ultimos annos. O seu discurso, diz quem o ouviu, foi um rugido e uma colera, uma magnetisação e um milagre [1]!

Foi o canto do cysne, a ultima vibração d'aquella palavra sonora e eloquente, o ultimo som d'aquella voz possante e inspirada.

Já Vieira de Castro estava casado. Tinha visto o novo mundo: percorrera a America do Sul, no

---

[1] José Cardoso Vieira de Castro, antes e depois do seu julgamento, por seu irmão Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro. Pag. 50.

meio dos triumphos que lhe grangeava diariamente o seu talento de orador, posto por elle ao serviço da caridade em mais d'uma festa de beneficencia; visitára a America do Norte, no meio das preoccupações politicas de que a *Republica* sahiu armada como Minerva da cabeça de Jupiter; dos Estados-Unidos trouxera este livro valoroso e audaz, a mais ardente profissão de fé democratica que até então se fizera entre nós; das terras de Santa Cruz trouxera o amor, a paz, a felicidade, o lar.

Tudo isto, porém, devia durar pouco. A estrella funesta que desde os primeiros annos disputára, no destino d'aquelle homem, com assustadora pertinacia, o lugar á estrella propicia a que elle devêra os seus primeiros triumphos, illuminou subitamente com o seu lugubre clarão os horisontes até alli de ouro e purpura d'aquella feliz e gloriosa existencia. Subitamente, por um capricho extravagante e brutal da sorte, cahiu por terra, como se fôra castello de cartas levantado pela mão debil d'uma criança, o edificio onde todos julgavam que morava o amor, a gloria e a felicidade. Foi uma catastrophe espantosa, e cujo desfecho fez lembrar o tragico final d'aquella peça em que o poeta inglez resumiu, em versos que hão de sobreviver a todas as idades e a todos os cataclysmos, tudo quanto póde haver de mais dôce no amor e tudo quanto póde haver de mais cruel no ciume.

Desde este dia Vieira de Castro póde dizer-se que morreu.

A's vezes na cadêa, onde eu ia visital-o frequentemente, — confesso-o sem pejo nem temor dos odios que ainda possa resuscitar a sua desgraçada memoria, — animava-se com a presença dos poucos

amigos que iam vêl-o, e que pela sua parte faziam constantes esforços para o alegrar e distrahir, conversava, fallava, ás vezes discutia até calorosamente; mas tudo isto era rapido, fugaz, ephemero. Minava-o a tristeza, o pezar, a nostalgia de todas as cousas que lhe tinham sorrido na vida e que elle tinha amado. Olhava melancolicamente através das grades para o Tejo, que lhe passava defronte da janella tinto do azul voluptuoso d'este sereno céo, para o sol que parecia ter medo de entrar n'aquella triste morada. Todavia supportava tudo com heroica resignação, com um estoicismo verdadeiramente antigo. Aquella alma, açoutada por tempestades que fariam sossobrar os animos mais varonis e resolutos, não teve nunca uma hora de desfallecimento. Estava como aquella arvore de que falla o padre Antonio Vieira n'um dos seus sermões: despojada das folhas que a revestiam, das flôres que a guarneciam, dos fructos que a enriqueciam, presa ainda pelas raizes, e sustentando-se na terra (mas não da terra), espera a arvore em pé a ultima cahida [1].

Era uma alma de tempera rija, uma consciencia corajosa e forte, que jámais conheceu desfallecimentos cobardes ou condescendencias vergonhosas. Depois do julgamento lhe ouvi dizer mais d'uma vez que não voltaria a Portugal, mesmo no caso da intercessão d'algum amigo valioso lhe alcançar uma commutação de pena, sem completar os quinze annos de degredo a que estava condemnado.

---

[1] Segundo sermão da cinza, prégado em Roma no anno de 1673.

Este valor na desgraça deve merecer algum respeito á sua memoria. Que respeitem ao menos a memoria os que não poderam perdoar ao homem.

SANTOS NAZARETH.

Morreu no degredo; mas eu não o choro. Logo que elle deixou de padecer, as pessoas que o estimavam, e se doiam da sua desgraça, devem dar graças á divina Providencia que lhe commutou em agonia de instantes o supplicio de quinze annos — o interminavel supplicio de toda a vida. Eu adorava-o, e ainda assim não choro n'esta certeza atroz de mais o não vêr. Mais atribulado martyr do que foi Vieira de Castro ainda os homens não condemnaram algum. Mais dôce coração e cerebro mais ardente de egregios enthusiasmos não sei onde os houvesse mais infelizes. Morreu, queria morrer, ouviu-o a misericordia de Deus. De Deus!... porque não? O' crucificada vida, acabarias tu ahi n'esse cemiterio de Africa?...

Em 13 de setembro de 1871, quando elle ia caminho do degredo, escreveu-me da ilha de S. Vicente estas palavras: «Levo não sei que sobresaltos de que vou morrer. Penso serenamente na morte, e é isto o que me faz crêr n'ella. Vejo a morte como um descanço... Estas tristezas tem tudo com a voz interior da minha alma que me diz que o meu dever é morrer... E' claro que o meu destino é um absurdo, e fugir d'elle seria salvar-me. Os teus filhinhos que ponham as mãos para Deus por mim e por ella...»

Elle tinha amado muito a desventurada para quem pedia os suffragios de dous innocentes. Ia perdido, a sorrir á morte, a crêr que era honra sua seguir a alma que o abysmára, e pedia que orassem por ella a Deus.

Em 21 de novembro de 1871, dizia-me: «... Tenho horas de escurissima melancolia... Em dia de finados fui ao cemiterio. Vesti o meu luto e fui lá. Eram seis horas da manhã; ouvi umas missas, e passeei depois por entre as sepulturas. Deus viu-me do céo por um punhado de lagrimas com que me deixou consolar. Tive pena dos mortos de Loanda, meu filho. Não haverá no mundo outros nem mais desamparados nem mais esquecidos. Não ha uma sepultura visitada por flôres; rara pedra tem epitaphio, e nenhuma urna que tenha orvalhos! Ha, ao redor dos canteiros, umas arvoresinhas com umas flôres rôxas e brancas. Atirei com algumas para cima de uma sepultura sem nome, e trouxe umas poucas para te mandar a ti. Estão alli mirradinhas, mortas e debruçadas n'um pequeno calix. Tencionava mandar outras tambem ás senhoras de minha familia; já puz, porém, na carta ao Antonio que não mandava nenhuma: podia ser agouro.»

No dia de finados do anno seguinte, Vieira de Castro já era um dos mortos no cemiterio triste de Loanda. Alli jazia em meio dos desamparados e esquecidos que lhe haviam desafogado o coração em lagrimas consoladoras.

Em 22 de fevereiro d'este anno escrevia-me: «Eu tenho tédios mortaes. Volto a sorrir á possibilidade de morrer; mas agora sem tristeza; é com placidez, com animo frio, sem presumpções falsas, que penso e desejo isto. Nenhum sentimento me

prende á vida. O da familia e dos quatro amigos verdadeiros esse lá irá para a minha sepultura vigiar por mim... Vou dizer-te uma cousa com toda a frieza do meu animo. Ando desconfiado de que venho a acabar pelo suicidio... N'esse final, ninguem verá a *vaidade*... Mau é quando eu começo a pensar muito na mesma idéa, e este desatino anda ha tempos com insistencia a martellar-me no cerebro. Deixa vêr.»

Não se suicidou. Vidas tão vigorosas e capazes de tamanha enchente de amarguras não se aniquilam. Desejava a morte, esperava-a da mão de Deus.

Ajoelhou na capella do cemiterio, pedindo-a. Orou pelos desterrados que o precederam na redempção. Nunca vi tão grande infeliz com tão entranhada fé. Se o convencessem de que Deus se compraz em que vivam deshonrados os que o confessam, Vieira de Castro seria a esta hora o maximo orador portuguez, o tribuno que arrastava as multidões, o engenho adquado a occupar os mais elevados postos da politica. Mas elle, morto no coração, perdeu a memeria das glorias adquiridas, e a esperança das que lhe promettia a energia do seu talento.

As suas ultimas cartas para mim revelavam a gravidade da doença que o ia extenuando. Em todas se lastima de que a sua agonia vá sendo tão demorada; mas de seu irmão Antonio, o seu primeiro amigo, escondeu elle sempre a enfermidade e os presagios funestos. As ultimas doze horas, que dizem os telegrammas terem sido o prazo da doença, foram a exacerbação dos derradeiros paroxismos. Um amigo e seu companheiro, me escreve em 12 de setembro que receava muito pela vida d'elle, e se espantava da serenidade com que entendia nos

negocios commerciaes em que buscava acalentar as dôres da alma.

Permittisse Deus que elle, nas suas horas finaes, não visse a imagem de sua extremosa familia e dos amigos que lhe adoram a memoria.

Ao sahir de Lisboa, em 4 de outubro de 1871, me escrevia o meu pobre amigo: «Adeus... Se por lá morrer, decerto sobe a minha alma com a tua imagem.» O' meu Deus, a vossa immensa bondade de certo desviou do espirito d'elle, na hora do trespasse a memoria das pessoas que o amavam.

Alma que me serás exemplo e conforto nas minhas dôres n'esta breve vida que me resta, perdôa-me se eu te não amei quanto devia. Quando eu me sentir dobrar pela desgraça, pedirei á tua imagem qne me ensine a soffrer n'aquella inquebrantavel honra com que aceitaste o immenso calix que, em fim te afastou dos labios o anjo bemdito do morte.

Camillo Castello Branco.

No dia 5 d'outubro, ás 9 horas da noite, entregou a alma ao Creador o exc.^mo snr. dr. José Cardoso Vieira de Castro, victima de uma febre perniciosa fulminante!

Geral foi o sentimento de Loanda inteira! No dia seguinte teve lugar o seu funeral a que assistiu a primeira sociedade d'esta cidade.

O snr. governador geral veio prestar o ultimo tributo de amizade ao seu antigo amigo, pegando n'uma das argolas do caixão e acompanhando a pé até o cemiterio o carro mortuario.

A' beira do sepulcro o snr. Urbano de Castro recitou a bella allocução que démos n'outro logar. Notou-se uma coincidencia notavel — que no mesmo dia e hora em que Vieira de Castro era accommettido pela febre que d'alli a poucos momentos o havia de trasladar ao sepulcro, fazia justamente um anno que desembarcara em Loanda, terra do seu exilio e seu tumulo.

A' exc.^ma^ familia do finado enviamos d'aqui os mais sentidos pesames e acompanhamos na justa e profunda dôr de que tambem estamos possuidos pela prematura morte do nosso desditoso amigo.

LOANDA 9 D'OUTUBRO DE 1872

Cahiste tu tambem victima infausta,
A mim tão caro, a Portugal, ao mundo,
A's musas, ao saber, cahiste Elmano!...
Já fria o corpo teu lapida encerra
E o somno funeral teus olhos fecha!
Sombras, sombras sem fim, cobrem teu rosto
E no silencio do sepulcro existes!
Antecipada mão do tempo avaro
Rompeu a teia da existencia tua!

J. A. DE MACEDO.—*Epicedio.*

José Cardoso Vieira de Castro já não existe.

E' já prêsa da morte aquelle vulto, aquelle colosso, que por base tinha a fama e seus tropheus, por aureola as irradiações do talento e os brilhantes fulgores do genio, verdadeiras emanações da divindade!

Vieira de Castro, o academico laureado, o rigido tribuno do povo e da liberdade, o orador consummado, irresistivel e victorioso jaz hoje enregelado pelo frio da morte e arremessado á escuridão perpetua do sepulcro!

....

A imprensa periodica de cujos fóros Vieira de Castro foi sempre acerrimo defensor e propugnador, não póde deixar de registar com dôr profunda esse successo infausto e cobrir-se de negro crepe pela perda irreparavel que acaba de soffrer!

A nós, seu amigo, que o acompanhamos nas horas amargas da provação e do desterro, a nós que sentados com elle á margem do seu Euphrates, no meio d'essa Babylonia corrupta e devassa—lhe ouvimos soltar sublimes canções, fructo d'aquelle genio inspirado e divino, resta-nos a vivissima saudade que nos opprime o peito!

Vieira de Castro!...

Martyr sublime da honra, que por ella te precipitaste do mais alto fastigio da grandeza e do poder para o abysmo mais negro e mais profundo aos olhos do vulgo e da multidão, martyr invicto que tudo affrontaste, que tudo jogaste e malbarataste em unica defeza do teu nome e da tua probidade, adeus!!

Descança em paz á sombra do repouso e do sepulcro.

Tecer teus elogios, formar tua apotheose, é empreza tão impossivel, como é impossivel á humilde avesinha seguir o vôo remontado da aguia real.

Vieira de Castro!—Teu nome é a synthese mais completa de toda a grandeza, de toda a sublimidade, de toda a veneração!

Genio como o teu não se exalta porque se deprime: admira-se, venera-se, adora-se!

Tua memoria será bemdita em todo o tempo e em todas as gerações!

A posteridade passando por teu tumulo descobrir-se-ha respeitosa ao lêr o teu epitaphio:

AO MARTYR DA HONRA

(*Mercantil*, de Loanda).

A' MEMORIA

DO

DR. JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas lutuosas.
. . . .
. . . .
Honrem as cinzas, honrem a memoria
D'esse, que do mundano atroz conflicto
No céo desfructa singular victoria.

BOCAGE. — *Eleg.*

Morreu o Deus da palavra, assim escreveu o nosso primeiro jornalista, consagrando um artigo ao passamento do grande tribuno portuguez, do Cicero do nosso parlamento — José Estevão Coelho de Magalhães. E nós, com a face banhada do pranto que a dôr arranca, diremos: — foi cahir nos ardentes areaes d'Africa uma estrella brilhante que n'aquelle céo nebuloso se mergulhou em densas tre-

vas. Deixou de existir aquelle que o infortunio enorme, uma desgraça sem nome, atirára á terra do degredo da patria, do estremecido amor da mãi e da familia, da estima dos amigos, alliados pela fraternidade litteraria; — o successor de José Estevão, — José Cardoso Vieira de Castro: — o amigo que havia pouco nos honrava com expressões puras da sua alma, do affecto de um coração nobilissimo.

O grande orador, portentoso, rico de imagens, poderoso de eloquencia, brilhante pelo estylo, foi seccar as suas corôas, os seus laureis de triumphos obtidos nas gigantescas lutas da palavra, — n'um paramo, para onde partira da patria que honrára!

Vieira de Castro *vergou sob o peso da sua cruz: mas não á ignominia d'ella.* Succumbiu ao transe da sua insondavel agonia; expirou-lhe nos labios ungidos de lagrimas o verbo eloquente, cuja magia arrebatava as multidões.

Deus escutou a fervorosa prece do nobre e grande desgraçado; quiz estancar as ultimas lagrimas d'aquelle honrado coração e enviou-lhe, como dôce trago, a morte que o martyr da honra de certo recebeu com a resignação de quem expira *vergado ao peso de sua cruz.*

No dia 5 d'outubro, pelas 9 horas da noite, aquelle espirito que ainda nos ardentissimos areaes de Africa scintillava pelo fulgor do talento, eclipsou-se. A Vieira de Castro cerrou-se-lhe a noite; a nevoa da morte toldou-lhe a vista, e atirou ao tumulo toda a seiva de uma mocidade preciosa.

Morreu Vieira de Castro, rei da palavra; desappareceu da terra aquella voz sympathica e eloquente que se cobria de applausos de todos os seus collegas na camara popular.

Quem o diria?! Que o colosso d'essas gloriosas e incruentas lutas, o Deus da palavra, que o soberano da eloquencia, cuja voz potente em cada discurso contava triumphos completos, derrotava egregios talentos, havia de ir banhar a radiante fronte, e para sempre sumir-se no ardente clima d'Africa?! Que aquelle cuja voz nobre, gesto verdadeiramente varonil, que supplantou poderosos adversarios, havia de ir, pelo amor á sua muita honra, no sol dourado da manhã da vida, no desabrochar das flôres do genio, seccal-as, desfolhal-as n'esse clima inhospito, sem perfumes, mas cujas exhalações lhe ENVENENARAM a vida preciosa!... Quem diria que aquelle coração nobre e leal, que não dava treguas ao adversario no campo da discussão, nas lutas da palavra, que só o deixava no ultimo arquejar da vida intellectual, longe de ter na patria longa vida que ennobrecesse, e, como José Estevão, quando a morte lhe cortasse as prisões da existencia, junto ao palacio da legislação portugueza, se lhe erigisse memoria como áquelle tribuno, a quem succedeu, — na terra do degredo, teria modesta campa, copada por tristes cyprestes que no gemer lugubre dizem em lutuoso pranto da natureza: — aqui jaz um homem que honrou a patria, e que por amor da honra abandonou gloria, renome, honras e posteridade!

«Faltava-te morrer, Vieira de Castro», escreveu o teu eloquente amigo o primeiro romancista portuguez, — Camillo Castello Branco: — sim, e faltava-te morrer «para que em tua sepultura se respeitassem as cinzas de um grande coração, estremado na honra e na desgraça!»

Eis-te, nobre amigo, na sepultura, onde as vo-

zes da lisonja se não escutam, mas onde o pranto amigo vai correr; onde a saudade requeima as faces pallidas pela dôr do amigo finado. Eis-te na sepultura, n'esse abysmo onde te fez resvalar a mão que osculavas e ungias estremecido das lagrimas da felicidade!

Ainda bem que a morte foi acabar uma tristeza irremediavel. Sequestrado da patria, não te cuspiram nas grinaldas dos teus triumphos; choraram sobre ellas: — não as salpicaram de lodo nem de pó. A tua alma, martyr da honra, viu do céo, onde de certo terás recebido a palma de teu martyrio, a cidade de Loanda, chorar o passamento de tua curta vida, onde as flôres da tua corôa desabrocharam em espinhos, oh grande espirito!

Todos, authoridades, magistrados, commercio e povo acompanharam o cadaver do finado illustre á sepultura.

O carro funerario tambem foi um carro de triumpho, se bem que triste. Ladeavam-o com as faces orvalhadas de lagrimas os primeiros homens d'aquelle paiz: para onde se mandam degredados, mas onde ha corações doridos que soltam vozes de angustia quando vêem esconderem-se na sepultura talentos egregios, caracteres nobres, que honrariam a patria, se o infortunio os não ferisse!

A' beira da sepultura ainda amigos dedicados, que tinham lagrimas para prantear um infeliz, commemoram-lhe as glorias e o infortunio, uma desgraça sem nome.

Nós, em homenagem á amizade que nos ligou áquelle grande e respeitavel desgraçado, aqui, n'estas poucas linhas, como desabafo a uma lacerante angustia, lhe consagramos um tributo á sua memo-

ria, e são ellas as saudades que depomos sobre sua campa.

J. A. d'Ornellas.

(O Direito).

VIEIRA DE CASTRO

O vapor *Cambridge*, chegado dos portos d'Africa, trouxe-nos uma triste noticia.

Vieira de Castro morreu!

Vieira de Castro que ainda hontem dominava, com a sua esplendorosa eloquencia, o parlamento portuguez; Vieira de Castro, esse filho dilecto das idéas ingentes e sublimes do porvir, cujo nome voou, ainda ha pouco, de bocca em bocca como um hymno d'amor social; Vieira de Castro que, ebrio de amor e de esperança, trouxe das terras americanas a mulher que devia enlutar-lhe o viver, archanjo formosissimo que elle sonhou em horas de longo meditar; Vieira de Castro já não existe!...

Quantas vezes, por sob o céo tristuroso do exilio, elle, o liberal convicto, elle, o patriota fogoso, mas sincero, quantas vezes, repetimos, não recordaria, com pungitiva saudade, o paiz que lhe foi berço, o paiz que admirou o genio fulgurante do seu talento!

Quantas vezes, com os olhos fitos no céo africano, não sentiria elle bater-lhe o coração, que repousava dentro de tão pequeno ambito!

Que poemas deslumbrantes, lindos de profundissima tristeza, não estariam gravados na retina da sua riquissima imaginação!

E Vieira de Castro, a victima do crudelissimo destino, morreu, tombou como roble gigante, pedindo, talvez, ao Senhor dos mundos por aquella, que lhe roubou as paisagens esplendidas do seu paiz, do seu Portugal, do seu berço querido!

Eil-o, no verdor da mocidade, quando os pulmões deviam aspirar o ar embalsamado da sua patria, quando o mundo lhe devia sorrir através o prisma da ventura, eil-o... hontem proscripto, hoje no pó das sepulturas.

Nas azas dulcissimas, nós, como liberaes, como admiradores do teu talento e condoídos tambem da desgraça, que te anciou em quanto vivo, nós, repetimos, te enviamos uma saudade, um dolorosissimo adeus!

Possa a tua alma encontrar, na mansão celestial, o premio que Deus concede aos caracteres generosos como o teu!

(O Liberal).

NOTAS

AO

VOLUME PRIMEIRO

É-me aprazivel colligir n'este livro a gloriosa estimação com que foi recebido o livro do snr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro. O melindre d'aquelle escripto ameaçava exito perigoso. Fazia-se mister talento, verdade incontroversa, grande prudencia, e honra muito afouta para que ninguem pozesse a ponta de um dedo sujo n'essas candidissimas paginas. Triumphou o imperio da probidade sobre as paixões ruins. A biographia de Vieira de Castro estabeleceu simultaneamente a honra dos dous irmãos que se adoravam.

Transcrevo as mais distinctas apreciações que appareceram nos periodicos.

NOTA 1.ª

BIBLIOGRAPHIA

José Cardoso Vieira de Castro, antes e depois do seu julgamento, por seu irmão Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro — Porto, 1871.

E' tarde talvez para fallar d'uma publicação que tirava o seu principal interesse d'um successo que, como todas as cousas d'este mundo, veio a ser esquecido com facilidade igual á avidez e sobresalto com que ha nove mezes eram indagados e repetidos os seus mais insignificantes pormenores.

Que haya um cadaver mas, que importa al mundo?

Mas como eu não venho com mão iconoclasta vasculhar cinzas d'um tumulo que se cerrou para sempre sobre a juventude e a belleza, nem revolver feridas d'onde cahe continuamente, indo confundir-se com o pó e tornar-se pó como elle, a alegria, a esperança, o futuro d'uma existencia fadada para essas mesmas cousas dôces e risonhas, que perdeu para sempre; quer parecer-me que ainda será tempo de citar, com o respeito que nos devem merecer todos os intuitos generosos e todas as acções elevadas, a piedade eloquente e o persuasivo amor com que o snr. Antonio

Vieira de Castro, n'um opusculo sympathico por todas as razões, faz a defeza de seu irmão. Vê-se por ella que é carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue, tanto o desditoso réo como o angustiado defensor.

Para a rehabilitação moral do primeiro, ha de talvez ser considerada inutil esta voz que se ergue poderosa, e toda vibrante de sentimentos affectuosos, para cobrir com o seu misericordioso carinho a honra e o caracter d'um homem para quem o tribunal mais foi calvario expiatorio que pelourinho infamante. Foi proferida essa rehabilitação pelo jury, pela imprensa, pela opinião, e lavrada está solemnemente por essas tres grandes forças, reconhecidas e acatadas nas sociedades modernas, que a ellas devem todos os progressos do espirito e da consciencia humana. Mas ainda que por outro lado se não recommendasse, o opusculo do snr. Antonio Vieira de Castro tem o merito de revelar incidentes e episodios da vida de seu irmão que se estavam conhecidos dos amigos d'este, eram completamente ignorados do publico em geral

Mostra-nos principalmente a primeira parte do opusculo o academico, espirito levantado, coração sensivel, alma aberta a todos os sentimentos generosos e a todos os enthusiasmos legitimos, imaginação meridional, talento de orador, e sobre tudo criança imprudente, d'essa imprudencia que tem gerado os heroismos e as dedicações loucas que fazem franzir a sobrancelha aos egoistas, mas que obrigam os astros a sorrir. São igualmente narrados n'esta primeira parte do opusculo os triumphos alcançados na tribuna portugueza pelo academico, então já deputado; mais tarde, as honras obtidas no Brazil, onde pôz a sua palavra eloquente e apaixonada ao serviço da caridade e da beneficencia; depois do seu casamento, a viagem que fez aos Estados-Unidos, em cujas instituições e em cujos costumes deu a beber ao seu espirito, educado nas praticas constitucionaes da velha Europa, o fecundo leite do progresso e da liberdade americana (sirva para exemplo o opusculo que depois publicou em Portugal com o titulo de

Republica); na volta a este reino, os seus ultimos esforços e as suas ultimas luctas para volver á carreira parlamentar, depois de vêr mallogrado o intento de passar novamente ao Brazil, onde queria ir advogar.

Tudo isto é contado precipitadamente, febrilmente, mais como quem falla de que como quem está escrevendo; em todas as paginas, por baixo da febre e precipitação de estylo com que estão escriptas, se sente um coração tumido, como os troncos onde o maio faz subir a seiva, de sentimentos acrisolados por uma desgraça irreparavel.

A segunda parte é essencialmente consagrada a refutar varios pontos da accusação tanto particular como do ministerio publico. Ahi a dôr, o sentimento fraternal fica afogado nos impetos da replica e na vehemencia dos argumentos. Tem, porém, tão persuasivo tom de sinceridade o que é dito e afflrmado n'essa segunda parte do opusculo, quasi sempre apoiado pelo testemunho authorisado de pessoas respeitaveis, que não ha lugar para suspeitar de infidelidades criminosas a paixão que póde agitar aquellas paginas.

Não esperem de mim uma apreciação litteraria do snr. Antonio Vieira de Castro. Seria mal escolhida a occasião para discorrer sobre as purezas ou impurezas da sua linguagem, sobre as boas ou más qualidades do seu estylo. Notarei simplesmente que ha annos publicou elle uma traducção da *Familia*, de Paulo Janet, que se recommenda pela intelligencia com que está feita, não lhe faltando elegancias de estylo, apreciaveis n'um escriptor, quanto mais n'um simples curioso, e por um pequeno prologo muito bem pensado e sentido.

SANTOS NAZARETH.

Hontem mesmo chegou do Porto e já se acha á venda em todas as lojas, um pequeno livro que tem por titulo — *José Cardoso Vieira de Castro*, e que é escripto por seu irmão Antonio. Segue-se n'esse livro a vida de Vieira de

Castro, passo a passo; luctas, gloria, grandezas, e desgraça. Está escripto com verdade, que é a melhor defeza, e com affecto, que é o melhor talento. Separa os dous irmãos um intervallo de annos; o mais velho é mais louro: o mais novo é mais alto; não se parecem até, talvez, no rosto — mas sente-se que vive uma só alma n'aquelles dous corpos. E' como que uma pessoa em dous involucros. A conformidade moral é tão forte que chega a fazer esquecer as dessemelhanças physicas. De uma vez, na prisão, conversando, succedeu-me como que confundil-os, e continuar com um a conversação que principiára com o outro. Era como se cousa alguma me indicasse que mudava de interlocutor. Dos dous irmãos o que se achava mais perto de mim seguia a idéa desde o ponto em que o outro a deixára, sem a minima hesitação. Em todo este tempo de infortunio, o triste irmão tem-se dedicado a Vieira de Castro com um carinho sublime, e este livro em que se honra o nome e a vida d'aquelle infeliz moço é uma nova prova da nobreza de affecto de seu irmão.

J. CESAR MACHADO.

PUBLICAÇÃO

Anda já nas mãos de muitos um opusculo ultimamente publicado e que tem por titulo *José Cardoso Vieira de Castro antes e depois do seu julgamento*, por seu irmão Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.

O interesse que ainda move e moverá sempre a grande e lamentosa catastrophe a que anda associado esse nome, que em varias circumstancias se tinha tornado tão illustremente notavel, justifica a attenção que já uma parte do publico presta ao escripto que mencionamos.

E' elle com effeito digno de leitura, porque dictado pelos mais nobres sentimentos e escripto com a insinuante

singeleza que só dá a verdadeira convicção, expõe em toda a sua luz um caracter que tudo leva a crêr generoso, mas que uma funestissima aberração pôde entenebrecer.

E' esse o fim d'esta publicação, como se evidenceia da sua leitura e como diz o irmão do infeliz encarcerado, o snr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro nas seguintes linhas da advertencia que precede o seu trabalho:

«A primeira parte d'este opusculo estava destinada á publicação antes do julgamento que teve lugar nos dias 29, 30 e 31 de novembro. Sendo, porém mostrada ao snr. Vieira de Castro, obstou elle tenazmente á realisação dos nossos desejos dizendo, que por modo nenhum consentiria que fosse prevenido o animo de seus juizes.

«Devo confessar que me parecia indispensavel subtrahir á pressão de uma opinião pouco justa um homem, cuja pureza de sentimentos tão profundamente eu conhecia. Não foi sem violencia que cedi.

«Em compensação, permitta-nos o leitor, agora, que a sociedade proclamou o seu veredictum, que nós digamos a verdade com todo o desassombro, e que nos não prendam falsas considerações de modestia, porque fallamos de um irmão.

«Desde que o destino nos flagellou com tão grande infortunio, e logo depois que as interpretações tão variadas como erroneas conquistaram uma direcção falsa á opinião, foi sempre nosso proposito esclarecer o publico a seu tempo, com as nossas palavras, que seriam a expressão fidelissima da verdade.

«Assim, pois, vimos rogar a attenção publica para os factos que passamos a narrar, bem como para as breves considerações que nos suggerem as duas accusações que no tribunal foram feitas a um homem, que se preza de ter empenhado sempre todos seus recursos em demonstrar que era bom filho, bom irmão, optimo marido e grande cidadão.

«Apparecemos, pois, perante o publico em nome de dous

sacratissimos principios, da verdade e da honra de uma familia.»

Santo e louvavel mobil, que nós veneramos e que a opinião publica do paiz, a quem é dedicado o opusculo, não deixará de acatar.

M.

(Commercio do Pôrto).

BIBLIOGRAPHIA

O snr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro acaba de publicar um opusculo que tem por objecto relatar alguns dos factos mais notaveis da vida de seu irmão, e rebater as calumnias que se levantaram pela occasião da enorme desgraça, que arrojou o snr. José Cardoso Vieira de Castro ás cadêas do Limoeiro.

Essa publicação honra a intelligencia e o coração do author, cuja nobreza d'alma se revela em cada uma das paginas que a amizade traçou sob os estos do mais vivo enthusiasmo fraternal.

Se fosse possivel desligar Vieira de Castro da horrivel tragedia da rua das Flôres, appareceria, depois dos factos narrados por seu irmão, a sua notavel personalidade illuminada pelo mais esplendido clarão das sympathias publicas.

Ao correr-se o véo que encobriu as delicadezas d'aquelle coração, o levantado d'aquella alma, o enthusiasmo d'aquelle espirito em que referviam em cachão as mais nobres paixões, a justiça individual recúa absorta, sem força para condemnar, e as lagrimas borbulham dos olhos presenciando o eclipse d'um talento predestinado, d'uma alma elevada que se sumiram nos abysmos do infortunio.

Agora que a justiça dos homens pronunciou a sua sentença, que a sociedade tomou o seu desforço, apparecem

as palavras d'um irmão, não a implorar piedade ou misericordia, mas a rebater o infame reptil da calumnia: não a apresentar attenuantes, mas a salvar do naufragio a honra d'um desgraçado, que espiritos mal intencionados tentaram envolver nas ruinas da fatal catastrophe.

Ao findar tão notavel trabalho o leitor defronta com um Vieira de Castro totalmente differente d'aquelle que a opinião publica phantasiára a seu grado, e insensivelmente presta homenagem ao author que, sem se apartar da verdade, soube ser escriptor correcto, advogado eximio e irmão incomparavel, e que, esquecendo a hombridade que ostentára n'um dolorosissimo transe, deixou fallar o seu coração, e pondo mão delicada em feridas ainda gotejando sangue, a ninguem molestou ou offendeu. O defensor conquistou assim metade das sympathias, que ninguem depois da leitura de tão brilhante trabalho negará a José Cardoso Vieira de Castro, embora condemne o modo por que elle vingou a sua honra ultrajada.

(*Progresso Commercial*).

Tem sido muito procurada a *Biographia do snr. Vieira de Castro* escripta por seu irmão Antonio. São geraes os louvores de toda a imprensa das provincias a este opusculo; interessante, pelo que narra da *vida academica*, *parlamentar, das viagens*, *das publicações*, *luctas de tribuna*, *e actos de beneficencia* feitos com a palavra do biographado; e convincente, pelos documentos authenticos e valiosos que publica. O preço, que é baratissimo, concorre com tudo o mais para que o snr. Antonio Vieira de Castro veja a sua obra já em tão pouco tempo quasi por toda a parte espalhada, e, sem divergencias, bem aceite e premiada. E' notavel em obra portugueza, e onde eram tantas as amarguras do author, a delicadeza e fina urbanidade que se não desmentem nunca! Por tudo isto tem sido muito felicitado

o snr. Vieira de Castro, e terá a maior satisfação de vêr em pouco a sua edição esgotada. Assim o crêmos pelas informações que temos da venda consideravel feita já nas livrarias do Porto e Lisboa.

LIVRO IMPORTANTE

E' o intitulado *José Cardoso Vieira de Castro, antes e depois do seu julgamento, por seu irmão Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.* Lêmos com avidez este livro, que é uma completa desaffronta de uma victima illustre atrozmeute calumniada no seu infortunio — *Vieira de Castro*, o *martyr da loucura da honra*, como em phrase sublime e eloquente o chamou o seu erudito patrono, e nosso amigo, o dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz.

O livro que temos presente não é simplesmente a expressão eloquente da dôr do amor fraterno: é mais — é a luz que irradia por sobre o lugubre quadro de uma honra maculada pelo infortunio e pela calumnia atroz; é a reparação solemne á desdita sem par de um genio brioso que pensou, no seu delirio vingar no sangue a honra de esposo, que lhe fôra ultrajada.

Dizia a calumnia que Vieira de Castro era ambicioso, e o livro que temos presente prova-lhe uma abnegação sem rival; que era perdulario, e o livro confunde esse aleive; que desbaratára o patrimonio de sua esposa, e o livro faz desapparecer essa falsidade; que se apossára das prendas de sua consorte, e o livro prova que o desditoso martyr as apresentou, não só as que trouxe do Brazil, como as que comprou na sua viagem para Portugal, e as que cá comprrou; a calumnia accusa de dissoluto a Vieira de Castro, e o livro prova que este grande martyr da sua propria honra *só vivia para a esposa e para a familia!*

Tardia, mas completa é a reparação que constitue o notavel livro *José Cardoso Vieira de Castro, antes e depois do seu julgamento.* Os menos benevolos têm n'este livro as

provas da injustiça com que julgaram o homem brioso, o talento esplendido, que hoje jaz entre ferros — nas medonhas trevas, onde o infeliz tem em vida a sua nobre alma sepultada!

«Abençoado o esforço do amor fraternal» como bem diz um nosso collega do *Viriato*, dando a noticia do livro que temos presente, «que assim recollocaste o idolo da familia no altar que lhe pertence.»

Este livro foi, pois, o balsamo puro generosamente derramado por sobre um coração golpeado, pelos mais inexoraveis que condemnavam a victima da honra Vieira de Castro sem o ouvirem, sem commiseração para com um desgraçndo, que tantas lagrimas causa aos homens pundonorosos.

«O livro,» escreveu ha pouco um companheiro de prisão de José Cardoso Vieira de Castro, e amigo particular do nosso primeiro romancista, Camillo Castello Branco, «d'onde a verdade resalta a cada periodo, escripta em linguagem a um tempo castigada e facil; o censo de boa logica e razão tucidissima com que faz derivar até de todo esclarecer as suas proposições; a eloquencia facil mas apaixonada que persuade e commove; a intenção, ás vezes amarga, mas sempre digna; a explosão do sentimento, emfim, tudo revela, a par de um vigoroso espirito, um coração dedicado. Este livro é o ultimo golpe descarregado sobre as accusações contra um moço, que tão mal julgado e tão mal comprehendido foi.»

Bem haja o amor fraterno, sublime e inspirado que poderosamente desaffrontou o desditoso que esmagado pela dôr como que lhe falleceu o verbo eloquente para defender-se.

O snr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Gastro tem recebido, dizem os nossos collegas da capital, pelo seu trabalho as mais honrosas felicitações dos nossos mais distinctos escriptores — especialmente o snr. visconde de Castilho, que dirigiu pelo mesmo motivo ao snr. Lopes Vieira de Castro uma sentida e eloquentissima carta.

E' merecedor de taes honras o snr. Lopes Vieira de Castro.—No seu primoroso trabalho enlaça s. ex.ª com o amor fraterno a *justiça e a verdade*, põe ao conhecimento de todos a honrada vida academiea e politica, a caridade do desventurado talento que triumphantemente desaffrontou, de cuja vida escreveu sentidas e honrosissimas paginas.

O nosso respeito ao grande infortunio do desditoso José Cardoso Vieira de Castro; as nossas felicitações a seu digno irmão o snr. Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, pelo seu notavel opusculo. Juntamos os nossos agradecimentos pela offerta do exemplar que se dignou enviar-nos.

João Augusto d'Ornellas.

(Direito).

O snr. Henrique da Cunha, moço provinciano de bastante merecimento, acaba de escrever um livro de considerações philosophicas, ácerca do julgamento do snr. José Cardoso Vieira de Castro.

Tão franca é a opinião do snr. Cunha ácerca das tristes occorrencias, a origem d'aquelle julgamento, que termina o seu escripto com as seguintes palavras: «Em Vieira de Castro não ha delirio, nem instinctos ferozes; ha o pundonor, o nome, a gloria, a gloria offendida. Ha uma dôr que mata e uma agonia que se sente e não se explica.»

O folheto revela talento e sobre tudo espirito pensador e dado a investigar a verdade. A proposito d'este assumpto direi que o livro *Vieira de Castro, antes e depois do seu julgamento*, escripto pelo snr. Antonio Vieira de Castro tem tido procura digna da elevação e primor com que está escripto.

Esperava-se talvez um escandalo, a condemnação violenta de todo o julgamento e encontrou-se a biographia do condemnado, com os melhores annos da sua vida, as suas alegrias, os triumphos, as suas boas qualidades, as suas

loucuras de criança, as suas luctas de homem, tudo escripto com o fogo da mais decidida amizade, e por um irmão que valeu para o condemnado a melhor das mães.

(Primeiro de Janeiro).

Appareceu á venda em Lisboa o opuseulo intitulado *José Cardoso Vieira de Castro, antes e depois do seu julgamento.* E' escripto por seu irmão com toda a elegancia de um verdadeiro escriptor e com o desassombro e a rectidão de espirito de um homem de honra e de caracter. Tem sido muito procurado e muito lido.

(Correspondencia de Lisboa para o *Progresso do Porto*).

NOTA 2.ª

Convencionou-se que um certo musculo que nós temos, como qualquer outro animal, servisse para designar os grandes levantamentos da paixão e da honra.

O musculo, em verdade, não passa de ser um orgão ôco e contractil; mas o pundonor e os doces sentimentos é que ainda não estão esburacados de todo.

Entendem alguns caturras que abrir o coração a um raio d'amor,—verdadeira aurora da felicidade e do extasis,—e receber em vez d'esse clarão vernal, um enxurro de peçonha e de lodo, não é cousa para estimular sorrisos; nem se lavam taes manchas com agua de flôr de laranja, como se podem lavar as faces de um beliz.

D'aqui resulta que em organisações de uma sensibilidade melindrosa o estremecimento é mais vivo; e não admira que cáiam mortas algumas flôres quando a tempestade do desespero e da angustia açouta as arvores e os homens.

Foi isto, em meu entender, que suscitou a composição de Camillo Castello Branco—*O Condemnado*,—drama em que fallo não para bulir sacrilegamente em nenhum tumulo, nem para remexer estupidamente em nenhuma chaga, porém que devo memorar com acatamento, não só como trabalho de arte, mas tambem como resposta audaciosa á medonha interrogação que a fatalidade póde levantar sobre um leito.

Não quero prender-me no laço de applicações mais ou menos directas; aquillo para mim é uma these, uma proposição, um enunciado, em fim, que cada qual póde defender ou contradictar segundo a noção que tenha do justo ou do injusto.

Ha um homem que entrega o nome, a honra, o amor, o futuro, a tranquilidade, a bemaventurança nas mãos de quem elle julga que será sacrario e baluarte, nas mãos que elle beija, convencido que ellas terão pureza sempre para não manchar o thesouro, vigor constante para o manter e sustentar bem alto. *O my fair warrior!* é a exclamação pitoresca com que estes credulos do bem depõe o seu mundo no regaço inaccessivel das esposas.

Subitamente, os sonhos de roaa dissipam-se, os nevoeiros sagrados rarefazem-se; ha o acordar aos empuxões de um phantasma. Relanceiam-se os olhos em torno, e vê-se partido, mutilado, apodrecido, desfeito, todo esse ninho onde cresciam os filhos, e que a plena confiança enchia de respeito e de amor.

O aturdimento chega. Cerram-se os olhos, mas vê-se tudo através das palpebras. Caminha-se, mas os joelhos vergam. Tenta-so fugir ao montão das ruinas infames, mas tropeça-se e cahe-se. N'essa queda póde encontrar-se um cadaver. Não o defendo; lamento-o. Quem póde assignalar raias ás temerosas explosões de uma alma em labaredas? Quem póde marcar limites ao raio? Impossivel.

Nem todas as chammas lavram de igual modo.

Ha o fogo a que se aquecem os pés e ha o incendio que devora Roma.

Deus me livre de contemplar com a serenidade glacial de um Nero a enorme scintillação que se diffunde, que ruge, que desmorona e que devasta; mas oxalá que não se apaguem do mundo os derradeiros vestigios d'esse melindre austero, d'essa nobreza impaciente, d'esse calor que affronta, d'essa religião que constitue a familia, d'esse culto celebrado no lar, d'essa castidade sublime e pathetica, d'essa devoção piedosa em que ella, — a mulher — levita immaculado, le-

vanta sobre os filhos a benção materna, sem que a consciencia lhe possa chamar indigna.

O *Condemnado* appareceu em beneficio da actriz Gertrudes, precedido da grande reputação do auctor, e talvez, um poucochinho mais, da gravidade do assumpto. Fraquezas humanas, a que não escapa nem o paiz das barbas de D. João de Castro!

A principio a indecisão manietou o publico. Depois convenceram-se todos que aquelle tribunal não era do crime, que se não julgavam alli os factos pelo *Codigo penal*, e applaudiram a eloquencia, o vigor, o brilho, a incisão de mais de uma pagina, onde o ouro do estylo reflecte dolorosamente as nuvens de uma inspiração melancolica.

E. A. VIDAL.

(*Diario Popular* de 22 de janeiro de 1871).

NOTA 3.ª

CARTAS LISBONENSES

Lisboa, 11 de maio de 1870

Não me recordo em toda a minha carreira de haver tido que escrever um folhetim em circumstancias tão penosas e debaixo de impressões tão profundamente tristes, como hoje. Esse desgraçudo moço, esmagado a esta hora pela dôr do seu infortunio e pela fatalidade da sorte, preso, abandonado, inconsolavel, perdido, era meu amigo desde os primeiros annos da nossa mocidade.

Temperamento ardente, caracter inquieto e febril, denunciára muitas vezes, logo ao entrar da vida, a violencia das suas paixões e o enthusiasmo exaltado d'ellas. Magoas de coração, ambições quebradas, feridas do orgulho, esperanças illudidas, fortuna exhausta, crenças mortas, figuravam-se-lhe ser doenças da alma a que não era dado resistir, e não podia tolerar os miseraveis que se sujeitavam a ir vivendo cada um com o seu mal!

Em todo o tempo de estudante na Universidade de Coimbra, por mais de uma vez a vehemencia do seu genio acordou o echo de acontecimentos ruidosos. Ao mesmo tempo em tentativas litterarias e em ensaios de polemica, a sua penna audaz atacava de frente um ou outro, e os prejuizos que isso causava no amor proprio de alguns, ou a estranheza

que produzia n'outros, habituados a não poupar ninguem, o vêr que os não poupava a elles, ganharam-lhe inimigos logo na idade em que de ordinario apenas se encontram affeições ou indifferenças.

Mas, quando elle apparecia, quando fallava, quando escutava os outros com a benevolencia graciosa do talento verdadeiro, apagava-se logo a lembrança das suas orações incendiarias, dos seus discursos violentos, e da attitude audaciosa em que as imaginações o haviam sempre desenhado, para não vêr n'elle senão um moço intelligente, bem educado, affectuoso, franco e agradavel, gostando de rir e de vêr rir, estimando tudo que é grande, a honra, o talento, a coragem, a dedicação, ou o martyrio.

E então, quando por essas occasiões vinha a Lisboa, era uma festa permanente para elle e para os seus amigos. Queria tudo quanto é doce e formoso, flôres, musica, convivencia agradavel, jantares alegres, passeios ao campo, passeios no Tejo...

A pouco e pouco, mas sem preclsar de muito tempo para isso, aquelle espirito fogoso e crente foi perdendo amargamente as illusões. Sonhára tudo risonho e encantador, e a vida principiou a deixar-lhe erguer o véo das cousas e molhar os dedos nas lagrimas d'ellas.

Recuou, coitado, recuou um momento, estonteado do que ia sabendo, mais por pena dos outros do que por susto de si proprio Dotado de uma sensibilidade extrema, soffria pelo espectaculo dos infortunios alheios, tomava a peito a causa dos tristes, e tornava suas as dôres dos que estimava.

A vida surgiu-lhe então pelo lado negro e pungente dos destinos, e n'um livro que escreveu em 61 — *Camillo Castello Branco*, noticia da sua vida e obras, encontram-se ás vezes como que presentimentos, imagens lugubres de quem receia desgraça, o avistar da nuvem ao longe com a idéa vaga de que é para nós que ella vem pesada e negra... Phrases que nem o assumpto nem a occasião pareciam pedir, e que envolvem a melancolia de um persagio...

N'esse livro, que estive folheando esta noite, diz elle:

«Ser poeta é *sentir;* sentir o infinito das paixões volcanicas sem lhe esconder o fogo ardente. Ser poeta é adivinhar aquelle verso do girondino:

L'art ne fait que des vers, le cœur seul est poéte.

«Ser poeta é amar de um amor impossivel para as imaginações inspiradas que não adivinharam morte prematura nas lagrimas da mulher que foi anjo. Ser poeta é prelibar na historia dos tristes da humanidade o condão desgraçado de conceber o amor immenso, para depois colher espinhos na semente regada de prantos á luz de horoscopo maligno. E' medir n'um relance de vista a immensidade do infinito, e cahir logo, como aguia fulminada ao fitar o sol nos topes da serra, nos boqueirões de lôdo do mundo positivo.»

Não o deixava, de momento a momento, em todo esse livro curiosissimo, a preoccupação de desgraças, e se eram inevitaveis ou não, e se tinha cada qual de cumprir o seu fado, e se não era bello ir até á extremidade em todos os sentimentos, e se não é aviltante e inutil o querer outrem consolar-nos na dôr:

«Não sei de nada mais repulsante que esta medicina de commiseração insultuosa, com que almas de zinco, incapazes de se elevarem nunca ao fastigio de um martyrio nobre, mandam calar a dôr no espirito de quem soffre ao pé d'elles.

«Este modo de consolar é tolo e mau; tolo porque vem de creatura que não sentiu, nem sentirá jámais o coração pela agonia, mau, porque exacerba a ferida vertendo-lhe fel no sangue que ella escorre. A insinuada coragem póde mesmo ser uma affronta quando a consciencia do que soffre vê entre si e a terra firme os oito palmos de um sepulchro aberto que é impossivel vencer. Morre duas vezes o naufrago que expira com os olhos na praia.»

A politica, por uns tempos, encheu-o de vida. Era um orador imaginoso, que sem lisongear ninguem, sem lison-

gear sequer o mais facil dos credulos — o povo, encantava pela elaboração brilhante das idéas e pela seducção da sua palavra eloquente.

Todavia, não sei dizer-lhes como, não sei dizer-lhes porque, elle proprio o não sabe talvez, perdeu tudo e principiou a desmoronar o castello que erguêra. Caracter fugaz, e sempre um pouco louco, parecia ter gosto ás vezes em vêr desabar o edificio da sua felicidade e da sua gloria. Não era resultado do acaso nem carencia de habilidade, era falta de paciencia, phrenesi nervoso, estonteamento febril. Homem que tiver animo de tomar uma attitude e conservar-se assim até ao cahir do pano, representar um papel e leval-o ao fim, ha de sempre encontrar idolatras na turba dos superficiaes e dos myopes; mas elle ao contrario, sacrificava tudo á individualidade, não por vêr n'isso um principio d'acção, uma lei não só physica mas moral, senão pela impaciencia das aspirações e pelo ardor juvenil de se estremar dos grupos.

Foi ao Brazil no proposito de vender uma edição grande, que publicára, dos seus discursos; chegou lá, sósinho com os seus livros: fizeram-lhe festas, deram-lhe bailes, e elle offereceu o producto dos livros aos asylos.

Casou. Foi viajar com a noiva, ficaram uns tempos na America ingleza, e ha dous annos vieram para Lisboa. Não me demorarei a fallar-lhes d'essa infeliz senhora, cuja morte encheu toda a gente de terror quando hontem de tarde se espalhou a noticia, logo que Vieira de Castro foi entregar-se á justiça.

Febrilmente louco em muitos dos actos da sua vida politica e litteraria, foi-o ainda infelizmente n'esse lance da vida privada. Os jornaes de hoje contam todos os pormenores d'esta desgraça. Só não contam, e quem poderá contal-as? — as horriveis agonias d'aquelle dia de segunda feira em que elle se conservou junto da alcova onde estava a morta, — captivo n'aquella casa luxuosa e elegante, em que havia sido feliz; vendo passar as horas em sobresaltos, abandonado de todas as esperanças; sem um raio da fé

que se conserva até á ultima no coração dos desesperados; olhando para os objectos outr'ora queridos que o cercavam, o piano em que ella tocava, a carteira onde o chamavam de manhã as idéas da vespera, o relogio que regulára os momentos da sua ventura, e não passava agora de uma machina a bater no vago, podendo parar, adiantar-se ou atrazar-se, sem que a elle lhe importasse o tempo, por já não ter tempo seu; e, ao lado da morte, assistindo á sua propria vida como ao espectaculo da maior catastrophe!...

. . . .

JULIO CESAR MACHADO.

NOTA 4.ª

Transcrevo um folhetim, que eu fiz publicar, com a precedencia de algumas linhas. Transluz n'esse escripto o desaproveitado engenho de Pedro dos Reis, irmão de uma illustre titular, que eu me abstenho de nomear receoso de lhe embaçar o esplendor da corôa.

A GERMANO VIEIRA DE MEIRELLES

Meu amigo.

O diario que v. exc.ª tão energica e lucidamente dirige tem sido entre nós todos o mais condoído da desventura do meu amigo José Cardoso Vieira de Castro. Tem v. exc.ª levado ao coração d'aquelle infeliz alentos e consolações. Por cada palavra compassiva que v. exc.ª tem escripto em favor de Vieira de Castro lhe vai a minha alma, tambem agradecida, pedir que enthesoure no seu espirito os jubilos de uma acção nobilissima. Quando o condemnado voltar da Africa, se Deus lhe não fechar alli o prazo do seu supplicio, v. exc.ª e elle saldarão as suas contas com lagrimas.

Hoje recebi um escripto que offereço a v. exc.ª O signatario d'elle é um moço que tem de contar algumas primaveras no carcere, onde a estrella sinistra da sua vida lhe dá luz immensa para vêr o passado, e lhe negreja o futuro

para que a esperança da felicidade o não possa tirar ás presas da existencia funesta que vive. Ha quinze annos o conheci no Porto, criança feliz e amada de seus paes. Depois o vi estrear-se esperançosamente na carreira das letras. Hoje lhe enflora e enfrutece o talento, apesar d'aquelles frios da desgraça que gelam o cerebro, e encostam ao peito a pedra glacial da campa, cujo peso está sentindo em vida. Mas não esfriou o coração do moço. A portentosa hombridade de Vieira de Castro foi-lhe exemplo, coragem e incentivo. Ninguem tem direito a chamar-se desgraçado ao pé do meu amigo, de cuja alma, despedaçada por tanto golpe, resta invulneravel a honra. No insinuante, singelo, e por vezes commovente escripto, que lhe envio, ha uma tão lagrimosa quanto notavel pagina da vida de José Cardoso Vieira de Castro. Queira v. exc.ª augmentar o numero das minhas obrigações, publicando-a.

De v. exc.ª

amigo e collega

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

VIEIRA DE CASTRO

(A PROPOSITO DA SUA BIOGRAPHIA)

Fez-se finalmente a luz!

Vieira de Castro, condemnado no tribunal de primeira instancia a dez annos de degredo para as costas d'Africa, póde ámanhã seguir a sua triste viagem convicto do respeito, do pezar, da saudade, da sympathia de todos pelo seu caracter e pelo seu infortuuio.

Desde esse dia tremendo, em que elle sacrificou no altar da honra o seu amor, as suas esperanças de gloria, o seu passado brilhante e o seu futuro mais brilhante ainda; desde esse dia em que este infeliz sem nome abriu pelas proprias mãos a porta do carcere, onde o criminoso cheio de virtudes se sepultava com a sua dôr e a sua tristeza eter-

nas; desde esse dia até outro não menos nefasto, nem um só decorreu, que, ao escoar-se vagarosamente pelas grades do carcere, lhe não gotejasse no coração o travo de uma nova e grande dôr.

Repetiram-se sem intercedencia os golpes de desvairados e impiedosos. A ignorancia e a malvadez mancommunavam-se officiosamente para cuspirem n'aquelle sacratissimo infortunio o fel das suas perfidias e das suas atrocidades. Á calumnia gratuita succedia a calumnia assalariada. A impudencia vil, o cynismo abjecto e a torpeza asquerosa retouçavam-se como feras saciadas, em tripudiar infernal sobre a desgraça de um grande nome.

Primeiro a apostrophe virulenta. Depois, quando ameaçava aclarar a razão e transparecer a realidade eloquente dos factos, deturpavam-se estes. Se isto não bastava, o genio fecundo do mal para logo inventava novos horrores.

Os amigos, os conhecidos ou affeiçoados, que não viviam na intimidade d'elle, hesitavam suspensos entre uma interrogação e talvez uma duvida. Assim o confessaram alguns.

Os indifferentes davam aos aleives a coafirmação terrivel do silencio, e a voz dos poucos dedicados mal podia contra a onda dos improperios, que alagava por mil ductos mysteriosos.

A calumnia ganhava forças e proporções gigantescas. Liberta na impunidade, que lhe facultava o desprezo, teve tempo de sobra para crescer e elevar o echo abominavel da sua voz. Respirava em todos os antros; convinham-lhe todas as armas; disfarçava-se de mil modos; fallava por mil boccas. Decorreu assim muito tempo. Mas eis chega um dia em que todos esses rumores vão soterrrar-se a não sei que mysteriosos abysmos, a fim talvez de que seus echos não possam suffocar a desejada realisação de tão perfidos intentos. Annuncia-se o julgamento de Vieira de Castro.

A nova corre em toda a psrte. A sala da audiencia, o atrio e as escadas do tribunal não bastam a conter a onda impetuosa das multidões, curiosas de vêr na desgraça o

tribuno que ainda hontem as inflamava ao fogo da sua eloquencia arrebatada.

Tomam lugar os juizes, e vae entrar o accusado: á porta assoma um vulto, mas em vez do moço audaz que se espera é um velho que apparece. Um velho amortalhado no seu luto eterno, branqueada a barba e os cabellos no encerro de muitos dias e noites, e o olhar envidraçado ao perpassar continuo da desgraça. Caminha sem arrogancia, mas com firmeza, com coragem, com serenidade, illuminada a fronte por essa formosa luz cujos raios se prendem de certo ao reo, e que é a aureola de todos os martyres da fé e da honra...

Foi longo, foi muito doloroso aquelle supplicio. Eu não sei de espectaculo que mais tenha de magestoso, de lacerante e de triste. No cemiterio, á beira de um tumulo, podem chorar-se pungentes lagrimas pelo amigo que passou, mas aquellas são mais acerbas e com mais angustias porque é um amigo que se vê matar.

Quizera correr um véo sobre o quadro que me aviva angustias passadas.

Tambem eu lá estive.

D'esse banco, que para elle se converteu em pedestal de virtudes, sahi eu infamado.

Lá fugiram, e se me desfizeram como a um sôpro de morte todas as alegrias e todas as illusões da mocidade. O pouco que me restava de repetidos naufragios lá se afundou. Foi lá que me trocaram pela luz benefica da liberdade a escuridão cerrada de setecentos dias e noites n'um carcere infecto e frio.

N'este carcere entrou Vieira de Castro um dia.

Eu conhecia-o apenas pela fama dos triumphos e não menos pela das virtudes, que são morgado inalienavel na familia d'elle.

Da ultima vez que o vira nenhum de nós presentia ainda a imminencia do abysmo, que mais ao diante se nos estava cavando. Era no caminho de ferro de Setubal ao Barreiro, e d'aqui para Lisboa. Vieira de Castro vinha acom-

panhado dos amigos, que mais tarde lhe deviam ser confidentes no drama tenebroso. Pareceu-me triste. Estranhos destinos!... Elle corria descuidoso a abrir o tumulo de toda a sua ventura para se sepultar com ella; eu, sem que ainda o soubesse, vinha assistir ao trespasse de um morto querido, e tinha, depois de lhe cerrar os olhos, de me encarcerar tambem.

Assim deviam approximar-se e conhecer-se dentro das paredes de um careere os dous viajeiros de então!

São já volvidos nove mezes, sete dos quaes tenho vivido na sua intimidade.

Do que n'essa alma ha de bom, de grande e generoso nada me é occulto. Ao acercar-me d'elle pela primeira vez attrahia-me apenas o seu infortunio, mas para logo me senti enlevado no seu grande espirito e coração nobilissimo.

N'essas longas noites em que os primeiros clarões da alvorada nos vinham surprehender, passeando ao longo de uma enfermaria lugubre e triste, muitas vezes intentei fazer-lhe ouvir uma palavra de consolação; não pude. Deus sabe que não pude. Os grandes infelizes podem comprehender-se, mas não se consolam. Amparam-se apenas, e choram.

Depois, no seu coração, tão golpeado pelo infortunio, parece ter posto a Providencia porção de triaga igual á do veneno. «Agradeço a Deus, dizia elle, a desgraça que me deixou bom. No meu peito não ha lugar para odios. Eu sei que a verdade se fará... creio na outra vida, e vejo-a a *ella*, purificada no seio de Deus, a sorrir-me da sua bemaventurança eterna...» Vieira de Castro esquece as proprias dôres ao attentar nas alheias. Na sua bolsa, hoje mingoada, ha sempre a moeda da caridade. Entristece-se, quando ella não basta a enxugar as lagrimas dos infelizes. Um facto, cuja veracidade todos podem attestar, dá a medida exacta de tão nobre alma.

Era já nas proximidades d'essa para elle memoranda data de 28 de novembro, e aconteceu enfermar perigosamente de um typho, molestia vulgar e quasi sempre fatal aqui

um preso condemnado a sêl-o sempre, e que devia ao seu porte, pautado pela mais estricta submissão e cordura, um diminuto salario como guarda-roupa das enfermarias. Ao saber de tal, Vieira de Castro corre junto ao catre do pobre; passa junto d'elle a primeira noite; reveza-se nas outras com os que o acompanhavam ; tira ao seu leito uma das duas travesseiras que lá tinha; faz com ella por suas mãos cabeceira ao enfermo; soccorre-o com o seu óbulo e com o desvelado carinho de um amigo, abandonando-o só quando elle, já livre de perigo e convalescente, lhe quer testemunhar com lagrimas a sua gratidão!

Assim fazia elle em quanto lá fóra o apodavam de impio, atheu, e não sei que mais.

. . . .

Ha no decurso da minha prisão uma noite, cuja memoria jámais se riscará do meu espirito.

Essa noite é a de 30 de novembro do anno que passou. No animo de todos creio tambem estarem ainda bem presentes, com a sua côr sinistra, as tocantes scenas d'esse triste drama.

A sentença, que condemnava a dez annos de degredo Vieira de Castro, fôra firmada e lida pelo juiz entre soluços e lagrimas, e essas lagrimas significavam um pezar e uma homenagem.

O accusado estava já restituido ao coração de todos, que tinham escutado a defeza unica do *athleta* contra uma accusação de cuja logica se poderia dizer sem offensa, mas com verdade, o mesmo que da dialectica infeliz de Aristoles disse algures o visconde de Chateaubriand.

A absolvição, entregue ao conselho e ao veredictum da multidão, que interrompera o estreno defensor de Vieira de Castro com as suas repetidas e calorosas acclamações, seria infallivelmente completa. D'esse defensor, cujo talento nos é sobejamente conhecido e que tão arrebatado é nos altos vôos da sua eloquencia como nos do coração, teem feito o elogio quantos lhe pronunciam o nome.

Bem feliz foi no seu um moço, que ahi começa a ser jus-

tamente applaudido, quando o compara ao prototypo de toda a heroicidade possivel na terra: «a mãi que viesse a cobrir e defender seu filho.»

Nem tanto era preciso para que essas accusações fugissem a esconder-se envergonhadas da sua audacia. Afóra isto, tudo era grande alli.

Mas o homem que as turbas já agora sabiam digno, generoso e bom, — esse homem levantava-se, ao cabo de tres dias de martyrio, para agradecer e aceitar com voz clara e firme uma sentença de dez annos de degredo!...

O vulto sympathico, que desde a mocidade honrára a patria com os seus feitos, dentro e fóra d'ella; o coração generoso que se desentranhava no pão do corpo e do espirito para quantos infelizes se lhe abeiravam; o esposo que só um momento deixára de ser bom para ser respeitado, e para que respeitada fosse uma memoria; o que mandára á sua palavra que emmudecesse, e quebrára a sua penna, e cavára com a furia do mais infernal desespero á beira da sua felicidade, sem que esse ruir tremendo lhe levasse a duvida ou o susto sequer ao coração; o que despedaçára tudo, tudo dera, ou tudo perdêra, para conservar a honra, esse recebia, em premio de tudo, dez annos de degredo!...

....

A longanimidade de tão nobre alma foi justamente admirada no tribunal; mas não o será menos o que vou referir, pensando que alguem se demoraria a meditar nas negruras de seu espirito ao voltar sem esperanças, com o terrivel *nunca mais* diante de si, com as maiores agonias que podem caber em peito de homem, a apunhalal-o e a confrangel-o a um tempo em todas as fibras da sua alma alanceada.

A's seis horas da tarde tinham vindo dizer-me o que logicamente podia esperar-se em resultado da audiencia, e que era o mesmo que o snr. Antonio Rodrigues Sampaio, enunciava no seu notavel artigo do jornal do dia seguinte.

Não sei porque, enganou-me o coração d'aquella vez com falsas esperanças.

Eu sentia-me alquebrado de corpo e de espirito. As ulti-

mas noites tinham-se passado como tantas outras sempre de pé. Deitei-me sobre um catre da enfermaria. Era meia noite.

O jantar d'elle, que chegára ás cinco horas, e a que eu esperava acompanhal-o, senão com alegria, ao menos com quietação, arrefecêra de todo sobre as cinzas de um fogo já de ha muito extincto. Eu sentia-me possuido de torpor e ia talvez adormecer, quando um rumor de passos precipitados junto a tropel de cavallos me despertou. Era a escolta que retirava de o acompanhar, e ao mesmo tempo entrava elle na enfermaria Levantei-me n'um impeto, e correndo a segural-o com phrenesi:

— Então ?! então ? lhe disse.

— Dez annos de degredo, respondeu elle a sorrir.

— Isso é impossivel, diga-me que é impossivel!...

— E' a verdade. Dez annos de degredo para as costas d'Africa.

Houve um momento de silencio. Não sei dizer o que se passava em mim. Elle acudiu logo:

— Vamos jantar, meu amigo. Tenho fome. Ha muitas horas que não como.

Sentamo-nos á mesa, e serviu-me, e fallou-me todo o tempo que durou o jantar com uma serenidade que me aterrava. No fim vi-o esconder a cabeça entre as mãos e exclamar n'um rir soluçado e nervoso: «Tem graça!... tem «graça!... o que eu era no dia 7 de maio quando julgava «poder passar o dia de hoje contente e feliz na minha casi- «nha da Foz, e agora...»

Deteve-se por momentos, e levantando-se a accender o charuto, que mordia convulsivamente como para afogar a torrente de lagrimas prestes a romper, — acrescentou: «Mas bem... foi melhor assim. Sabem todos o que eu fui, «e o que sou. Sabem que fui bom, e bom fiquei e honra- «do... *Aquelle Jayme!...*»

Interrompeu-se de novo, e tomando-me pelo braço, convidou-me como de costume a dar algumas voltas na enfermaria. Andamos assim bastante tempo sem que trocasse-

mos uma palavra. Eu recuava aterrado diante de tamanha dôr e da inutilidade da minha palavra perante ella. Lembrava-me que a razão lhe podesse fugir; mas bem depressa os meus receios se dissiparam, e eu me convenci de quão rija era a tempera d'aquelle espirito tão digno de melhores luctas.

Vieira de Castro pára de repente, e defrontando commigo, segurando-me pelos braços, e com os olhos cravados nos meus:

«Meu amigo, disse, estamos sós, ninguem nos ouve, e a comedia seria ridicula e impossivel comsigo. Juro-lhe pela minha vida e pela minha honra que eu seria mil vezes mais desgraçado ao vêr-me agora em liberdade sem o peso d'esta expiação, que eu devo talvez a Deus, e a *ella*; a ella, sim, em cuja memoria eu já agora posso demorar o meu espirito sem recear a vertigem da loucura!»

Parece-me ainda ouvir-lhe essas sublimes palavras, que nunca jámais, como tantas que então lhe ouvi, esquecerei.

Depois do salutar desabafo, a sua physionomia retomou pouco e pouco a habitual expressão de serena tristeza.

«Hoje, disse, por ultimo, sou eu a propôr que nos deitemos. Já posso dormir.»

Deitou-se no seu leito junto a um outro de operações, e bem depressa adormeceu com a mesma placidez e o mesmo suave remanso da criança, que cerrou o olhar enlevada n'um sorriso da mãi.

Ao vêl-o assim, ninguem diria ser elle o infeliz sobre cuja cabeça ainda ha pouco se descarregára um golpe terrivel. Lembro-me que chorei então, e senti vontade de pedir a Deus para nunca mais o acordar d'aquelle somno.

Resta-me fazer uma declaração e concluir.

Quando tomei da penna para relatar o que ahi fica, tinha acabado de volver a ultima pagina de um livro que a imprensa e o publico acolheram com alvoroço.—Esse livro é devido á penna do snr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro — um esboço traçado com mão rapida,

mas firme sobre o que respeita ao nome de seu desditoso irmão antes e depois do seu julgamento.

O snr. Antonio Vieira de Castro era apenas conhecido nas letras por uma feliz traducção do livro de Paulo Janet: *A familia*, trabalho que lhe merecêra as mais benevolas expressões da parte do snr. Luiz Augusto Rebello da Silva, no seu parecer como membro da junta consultiva de instrucção publica, e ainda uma carta do snr. Ramalho Ortigão, afóra as edições successivas.

O snr. Vieira de Castro provou n'esse trabalho, e muito mais n'este que hoje nos apresenta, os sobejos cabedaes que possue para conquistar lugar distincto nas letras.

O seu livro, d'onde a verdade resalta a cada periodo, escripto em linguagem a um tempo castigada e facil; o senso de boa logica e razão lucidissima com que faz derivar até de todo esclarecer as suas proposições; a eloquencia facil mas apaixonada que persuade e commove; a intensão, ás vezes amarga, mas sempre digna; a explosão do sentimento, em fim, tudo revella, a par de um vigoroso espirito, um coração dedicado. Este livro é o ultimo golpe descarregado sobre as accusações contra um moço, que tão mal julgado e tão mal comprehendido foi.

Hoje fez-se a luz. Todos os dias apparecem ou se annunciam na imprensa novos brados em pró da justiça e da verdade, e como que para que nada faltasse aos energicos protestos, é ainda nos theatros, perante o publico das duas cidades, que elles se mostram mais ruidosos ao applaudir com transporte a composição dramatica, a mais feliz, a mais completa e a mais inspirada que nós devemos á penna do nosso mais fecundo escriptor.

A tão grande clamor julguei dever quebrar tambem o silencio, que a mim proprio impuzera. Este escripto, que não veria a luz da publicidade, adivinhado por quem o inspirou, esconde apenas uma intenção e uma lagrima...

Cadêa de Lisboa, 18 de dezembro de 1870.

PEDRO DOS REIS.

(*Primeiro de Janeiro*).

NOTA 5.ª

Albino d'Oliveira Guimarães, commerciante no Rio de Janeiro, tem no livro, intitulado *José Cardoso Vieira de Castro* uma pagina reveladora de benigno coração e respeito á honrosa desventura do seu amigo. Antonio Vieira de Castro refere assim o lance, que arrancou maviosas lagrimas a seu irmão:

«Em 14 de julho de 1870, recebi uma carta do Rio de Janeiro, do snr. Albino d'Oliveira Guimarães, com data de 22 de junho, que tem o seguinte periodo: «Espero merecer-lhe a bondade de fazer com que seu irmão, precisando de dinheiro, m'o communique por sua intervenção, para promptamente lh'o enviar, pondo desde já á sua disposição um pequeno saldo de 350$000 rs. que tenho em Lisboa, em poder do snr Joaquim Pedro de Macedo, travessa da Assumpção n.º 42 — 2.º andar, a quem escrevo n este sentido. Isto, que faço agora, sei que elle o praticaria comigo, se o destino me arrojasse onde o impelliu a elle. A sua amizade me relevará do que possa haver de inconveniente n'este modo de offerecer.»

« O snr. Vieira de Castro acceitou com toda a effusão de reconhecimento esta grande demonstração d'uma nobre e grande alma; mas pediu ao snr. Pedro de Macedo que não

instasse com elle para lhe não tirar o seu unico amparo, a sua pobreza. Não aceitou. »

Esse honrado nome é tambem o primeiro nas assignaturas do documento que transcrevo, o mais honrador que ainda tive na minha longa vida. Vai precedido das amorosas expressões com que me nobilitou o snr. Germano Vieira de Meirelles:

PENNA DE OURO. — Um punhado de amigos honrados e lealissimos de Vieira de Castro acaba de brindar com uma penna de ouro cravejada de brilhantes a Camillo Castello Branco.

E' uma dupla homenagem ao talento e ao formoso coração do já agora heroico e legendario amigo dos grandes infelizes

Não nos admira, aceitamol-a até como um facto naturalissimo, depois do que succedeu com o snr. Jayme Moniz, defensor do nobre degredado, sepulto na chã encalmada d'um cemiterio d'Africa.

A offerta veio acompanhada d'uma nobilissima carta, cujos sentimentos delicados e enthusiastas pelo cavalheiro generoso e destemido, que affrontou pela honra e desgraça do amigo as prevenções e más vontades de uma opinião apaixonada e fremente de colera, valem tanto e mais que as fulgurações e relumbramentos do ouro e das pedras preciosas.

Estes exemplos devem sempre ser festejados e bemvindos, como outros tantos fasciculos ou golfadas de luz na pardacenta bruma de egoismo que ahi nos soffoca.

As cousas preciosas não se fizeram só para realçar ou dissimular a fealdade moral, para enfeitar e illuminar a vaza e o lodo, mas sobretudo para testemunho e gratidão das cousas divinas, ou dos sentimentos que rescendem as fragancias puras e finas d'essa etherea essencia.

D'antes, quando a religião era expontanea, immaculada e effusiva, os cheiros suavissimos, os oleos incorruptiveis,

as substancias preciosas e luminosas banhavam, perfumavam e rebrilhavam nos altares. Mais tarde os sentimentos religiosos mudaram de rumo, sacrificando a Mammon e Belial, e os fetiches do terror e dos interesses açambarcaram as offrendas da pureza e do desinteresse.

Não é justo nem esthetico isso, parece-nos, e por tanto bemvindas as rarissimas vozes que protestam contra o enxurro.

Penna de ouro para os corações d'ouro, eis a ordem; e, se a não entendem assim, elucidem-se na doutrina d'essa carta que póde recaldear muita gente boa. Diz assim:

SENHOR.—Os abaixo assignados, amigos e admiradores dos raros predicados e talentos d'aquelle que foi José Cardoso Vieira de Castro, tiveram a lembrança de honrar em v. duas cousas: a memoria d'um grande infeliz, e a amizade que v. lhe votou, não já até á morte, mas ainda depois d'ella.

Rara é hoje, senhor, essa virtude da fidelidade aos amigos, na prospera como na adversa fortuna. Louvaram-n'a os homens bons; mas nos tempos que correm não basta louval-a, é mister apontal-a aos outros homens como incintivo e modelo.

Foi v. desde longos annos amigo, companheiro e admirador de Vieira de Castro, como Vieira de Castro o era de v. Não se irmanaram só nas peculiaridades do talento, mas tambem na hombridade do caracter, que em ambos era altivo, independente e superior. Esse parentesco moral e intellectual de dous nobilissimos vultos da moderna geração portugueza, não se rompeu com a morte. Herdeiro da memoria do amigo, tomou v. a si a tarefa de a conservar pura e respeitada,— doce e piedosa missão que ha de achar echo na região da immortalidade em que elle agora descança.

Sabe v., como sabe Portugal inteiro, que viçosa flôr de esperanças crestou o sol de Africa. Em sua curta passagem no parlamento e na litteratura, deixou Vieira de Castro brilhantes vestigios que muito mais amarguram a saudade dos

amigos. Ainda nos resoa aos ouvidos a magica e arrebatadora palavra do orador, que a Providencia divina suscitou a Portugal para recolher a gloriosa herança de José Estevão.

Os poucos escriptos que deixou, mostram como elle sabia transportar para o papel as graças do estylo, e os reptos da inspiração que o distinguia na tribuna.

Era isto o que todos podiam saber em qualquer parte do mundo em que a lingua portugueza tem um echo; aquelles, porém, que o trataram de perto, e muitos foram, esses lograram a ventura de lhe apreciar o caracter e o coração, e d'esses nenhum podia avantajar-se a v.

Já laureado pela Europa toda como philosopho e poeta, Voltaire consagrou tres annos da sua velhice á rehabilitação da memoria de Calas, e é esse um dos maiores titulos da sua gloria. V. que possue a mysteriosa sympathia dos grandes espiritos, naturalmente se inclina á defeza d'aquelle que a morte colheu no exilio, longe dos seus, mais longe ainda das suas esperanças, infinitamente mais longe da sua felicidade.

Oxalá que a justiça do tempo, triumphando da indifferença e do egoismo, recommende á historia esse grande acto de v. equivalente ás obras admiraveis com que ha deliciado a quantos leem, amam e prezam a lingua portugueza.

Guarde, pois, v., como singella lembrança de alguns sinceros admiradores seus e de Vieira de Castro, a penna que com esta lhe remettem os abaixo assignados. E' uma expressão de agradecimento e veneração.

Beijam as mãos de v., os que se prezam ser, com a mais profunda consideração, e elevada estima

De v.

admiradores e amigos por sympathia

Rio de Janeiro 21 de fevereiro de 1873.

Snr. Camillo Castello Branco.

Albino de Oliveira Guimarães
Francisco Gomes Vieira de Castro

João Monteiro da Luz (advogado)
Joaquim Monteiro da Luz
Antonio Mendes de Oliveira Castro
José Mendes de Oliveira Castro
Manuel Moreira da Fonseca
M. J. Calheiros de Miranda
José Maria Monteiro de Campos
Augusto Barbosa
José Ribeiro Vieira de Castro
Paulino da Siva Mello
Joaquim J. Luiz de Abreu
José Maria Fernandes Vieira
Autonio Gomes Vieira de Castro.

NOTA 6.ª

O folhetim encarecido pelo amor do meu amigo é o seguinte:

A COROA DE OURO

Em meio de tantas e tão diversas magoas, o espirito de José Cardoso Vieira de Castro deve ter sentido alguma consolação—se por ventura cabe luz de contentamento na cerração da sua vida — ao saber que os seus amigos do Rio de Janeiro preparam um dom gloriosissimo para Jayme Moniz, seu defensor. A corôa de ouro vem laurear o honrado moço que aceitou a defeza do nobre desgraçado, sobre quem trovejavam calumnias e vituperios, já manifestados por uma imprensa bandeada com a prustituição brilhante, arrogante, victoriosa; já armando, sob capa de piedade, aos odios, á exulceração das paixões, e ao horror de um desventurado, que afogava nas lagrimas do opprobrio o mais extremoso coração de quantos souberam amar e perder-se, e um dos mais energicos talentos da geração nova.

Jayme Moniz, desviado das lides do fôro, poderia ter declinado o tão formidavel quanto preclaro feito de sahir ao encontro dos odios aparcellados, encostando ao seu peito a face d'aquelle mancebo encanecido em breves dias. Entre o egregio coração e o genio esforçado de Jayme ia amparada a alma, cuja dignidade inquebrantavel a peso de angustias parecia dar e não pedir alento e denodo ao defensor, talvez abatido na presença da opinião publica obcecada.

Era para temer que Vieira de Castro, no tribunal, inflamasse os colmilhos ás coleras das turbas algum tanto

amordaçadas. O seu silencio no carcere dava a esperar animo enfraquecido pelas vaias injuriosas da imprensa, ou dilacerado pelos remordimentos do delicto. Esperavam que o réo, descondensada a noite que lhe fizera na alma a allucinação, cahisse de rosto no pó por onde os diffamadores lhe tinham andado a espesinhar o nome, as dôres horrendissimas, e o coração cheio ainda da imagem de uma esposa que expiára no mesmo altar em que havia sido adorada.

Não foi assim.

Vieira de Castro entrou no tribunal levando comsigo o mais relevante da sua condição—a firmeza da honra de que a desgraça não podera desbalizal-o. Eil-o alli. Não se defende accusando. Accusa-se e chora; mas não chora como quem supplíca. Semelhante homem, se podesse supplicar, pediria de mãos erguidas que o convencessem de assassino d'uma esposa innocente. Ao proferir o nome de seus paes, chora. Introverte no fundo da sua alma o grito da sua justiça, e chora. E' o chorar saudades da sua infancia, quando balbucia os nomes de pai e mãi. Chora o amor, a fé, a felicidade que lhe aniquilaram, quando no coração lhe relampeja a imagem da esposa que, mezes antes, elle estremecia.

Não accusa. Vieira de Castro está diante de uma sepultura defeza, e quer que a seu lado se não sente uma sombra para ser julgada. A mulher que o matou está debaixo dos olhos de Deus. Elle está alli assistindo ao despedaçarem-lhe todas as fibras, estorcendo-se n'aquelle inferno incomportavel. Não quer saber se nos olhos dos jurados reluz a brandura da commiseração, ou rutillam áscuas de rancor. Aquella alma agiganta-se á medida da catastrophe.

E, com tudo, o homem que alli está deixa-se esmagar desde o cerebro até ao coração, desde a intelligencia até ao amor. Tudo é morto n'elle, salvo a probidade. Essa não tem que temer: está imperterrita, inflexivel, eterna para lhe redourar a memoria, quando o seu nome nem já fôr pó. Salvou-a e perpetuou-a elle desde que se entregou á consciencia dos juizes, desde que em seu proprio coração abafou o direito de se defender.

Eis aqui o réo que Jayme Moniz vai levantar nos braços do seu amor em raptos vehementes do talento acrisolado pela consciencia. Que monta, porém, o colossal talento do causidico de par com a colossal generosidade do accusado? Se é forçoso que se parta uma campa, Vieira de Castro inclina o rosto e o seio sobre essa pedra como para preserval-a do insulto dos embaidores que fingem deploral-a.

E' então que Jayme Moniz abre o prodigioso coração. A palavra tremula, funebre, ungida de lagrimas, portentosa, afflue-lhe da consciencia, e dilucida o silencio d'esse singular desgraçado que, investindo-se do direito de punir uma affronta irremediavel, quiz forçar a alçada da justiça humana a emmudecer. Não o conseguiu. O jury, obrigado a responder a uma interrogação estolida e cruel, respondeu em termos pouco menos de irrisorios n'um lance dolorosissimo. Que afflictivo não seria para Vieira de Castro o espanto de alguns e o sorriso de tantos provocado por uma perversa delicadeza!...

Vieira de Castro foi condemnado; mas o respeito á sua desgraça, á sua justiça, ao transe da sua insondavel agonia, incutiu-o, insinuou-o Jayme Moniz nos animos prevenidos pelo pregão d'uns especieiros das letras, que vendiam as columnas ao alardo do aleivoso libello quando já de antemão sabiam que a contrariedade havia de ser offerecida no dia do julgamento.

Não obstante, o defensor tinha mansamente acurvado a calumnia; e sem ostentação nem violencia de gestos ou brados, forçára a infame a escabujar-lhe aos pés, e a esconder-se sob a banca do accusador alquilado — besta energumena que se debatia em corcovos e galões, causticada pelas tres esporadas da estupidez, da cubiça e da maldade.

O odio implacavel e inconverso tinha propalado que Vieira de Castro se tornára repulsivo aos homens de bem que, no Rio de Janeiro, o haviam recebido com estrondosas e notorias manifestações de amizade e acatamento. Para os despreziveis que, mezes antes, se dispendiam em encarecimentos ao grande orador, era já motivo de assombro que á

beira do infeliz se devotassem homens como Rodrigues Sampaio, como Jayme Moniz e outros somenos em graduação social, mas opulentissimos d'aquella rarissima moeda do affecto aos cahidos. Uns devassos que ahi se estadêam provando a inutilidade das galés, e teimam em levantar-se como odres de touro, por mais que os baldões os sacudam e resvalem por atoleiros — uns taes, cujo nome infame ha de sobreviver ás producções gafadas, e cuja probidade é tão sómente a necessaria para não serem enforcados, como dizia Moliére, segredavam aos raros amigos fieis de Vieira de Castro a conveniencia de não se andar polindo a lousa, em que se havia de escrever o epitaphio do illustre preso.

Os magarefes da carne putrida, que lhes sobeja nas alcovas, não comprehendiam que um homem de tanto vulto e já grangeador de tantas glorias trocasse futuro, liberdade e vida pelo direito de ser encarado com respeito ou ainda com rancor, mas nunca envilecido com o sorriso da mofa. Eram esses os nuncios da ira que lavrava contra Vieira de Castro entre os portuguezes residentes no imperio brazileiro; eram esses os emissarios das calumnias impressas para além-mar, e os plangitivos pregoeiros das angustias que acerbavam o seio da familia, onde as consciencias dos magistrados portuguezes eram pesadas a tinteiros de ouro, offerecendo-se pouco mais ou menos o valor de dous negros robustos pela consciencia branca d'um delegado.

Esses mesmos vem hoje divulgando que os portuguezes, residentes na capital do imperio brazileiro, abriram uma subscripção publica no intento já realisado de galardoar o defensor de José Cardoso Vieira de Castro com uma corôa preciosa. Urgia-lhes, porém, a estes forçados noticiadores d'um facto, que não póde ser obscurecido, abastardar, falsificar o intento da dadiva. Mas de que sorte? que expediente póde suggerir a malevolencia a uns biltres que dissolvem lama no tinteiro? Escrevem que o presente da corôa procede *dos amigos e enthusiastas do doutor* Jayme Moniz.

Se o doutor Jayme Moniz houvesse defendido um réo odiado pelos portuguezes do Brazil, os seus amigos offerecer-lhe-hiam uma corôa como testemunho do seu enthusiasmo. Isto é concludente.

Se Vieira de Castro não tem honrados e excellentes amigos no Rio, onde elle com primoroso pundonor aceitou uma esposa que parecia amal-o, o seu digno defensor grangeou-os optimos em virtude de ter defendido um delinquente cuja causa é odiosa no Brazil. Concludentissimo.

E' pois certo que a corôa d'ouro não promana dos amigos de Vieira de Castro, agradecidos á vigorosa e lucidissima defeza do seu advogado. Amigos de Vieira de Castro, se alguns houvesse, brindariam com uma corôa, provavelmente, o insultador abjecto que certa dama brazileira atirou para dentro do tribunal, onde a rhetorica das tabernas carecia de ser pautada pelo aferidor d'um tagante.

Como quer que fosse, o resplendor que reverbera d'essa corôa de ouro, menos valioso que as lagrimas — unica moeda de bom quilate na alma de Jayme Moniz — deve chegar como luz amortecida dos bens d'este mundo, onde podem ir ainda contentamentos a dentro do tristissimo viver de Vieira de Castro. A gratidão é viventissimo prazer da alma. Vieira de Castro afaga hoje mais a condolencia com que o lastimam, do que d'antes acariciava os louvores com que o exaltavam. Os seus amigos do Brazil deram-lhe uma vez uma corôa opulenta cravejada de valiosas pedras. Esse primor d'arte e primor de generosas indoles tem de ser enviado com o restante do seu patrimonio á algibeira de sua sogra, que regorgita tinteiros d'ouro. Que importa? O Brazil que lhe deu uma corôa, hoje envia outra a Jayme Moniz em virtude de elle ter posto em evidencia que o homem, condemnado a dez annos de degredo para Africa, era um homem de bem, hoje perdido, porque amára muito sua mulher e a sua honra.

FIM DAS NOTAS AO VOLUME PRIMEIRO

NOTAS

AO

VOLUME SEGUNDO

NOTA 1.ª

A seguinte analyse do *Condemnado* é de um dos mais notaveis ornamentos da moderna litteratura portugueza. Vieira de Castro idolatrava estes folhetins, e reputava-os o mais esmerado escripto, que appareceu, relativo ao seu infortunio.

O CONDEMNADO

Um facto de per si nada significa, vale ou pesa senão pela idéa que representa, pela consciencia que o inspira, pelo intuito de justiça que o determina. Isto é elementar. O facto de matar denota, consequentemente, tanto como outro qualquer, em quanto não fôr caracterisado pelo seu agente, as condições em que occorreu e contra quem occorreu, o estado ou situação respectiva d'ambos, em fim por um conjuncto de circumstancias todas convergentes ao apuramento moral do acto. Assim, não venham assentar dogmaticamente a proposição absoluta — *tu não matarás* — e em nome e do alto d'essa pyramide proclamar todo o homicidio como assassinio, punivel, ultrajante do direito e da moral. O absoluto não é d'este mundo, e quem sabe mesmo se de mundo algum?

Evocado para a esphera da existencia moral, afigura-se-nos tão absurdo como repugnante. E' um novo leito de

Procusto mutilando, desconjunctando, violentando em summa todas as cousas.

Vêr os homens e os factos por este angulo estreito é mentir á sua natureza complexa, querer apanhar os infinitos planos do firmamento por um binoculo.

E' certo que, em principio, a vida humana é inviolavel, que ninguem possue o direito de attentar contra o seu semelhante.

Mas o que corre igualmente por incontestavel, é que a legitima *defeza* constitue um direito tão sagrado e inconcusso como aquelles que se firmam na base mais solida.

E' que o direito e a justiça são reciprocos, que a minha dignidade d'homem vale tanto como a dignidade d'outro, e que toda a violação d'ella importa uma quebra de respeito, uma infracção das leis substanciaes e primordiaes, *alpha e omega* da vida humana. N'estes termos assiste-me o direito de repellir qualquer aggressão ás minhas faculdades e dignidade, como obrigação de coagir o aggressor a restabelecer-se dentro do direito.

Posso matar para não morrer, e isto é tão obvio como necessario. Observemos porém, como anteparo a certas objecções, que a aggressão implica um sentido mais lato que o vulgarmente attribuido áquella palavra.

Bastará lembrarmo-nos de que o homem se não define como entidade simples mas eminentemente complexa, para logo rastrear que a aggresaão se endereça umas vezes ás suas faculdades animicas, ao seu corpo, e outras ás suas faculdades moraes; e portanto á defeza cabe uma justificação parallela em ambos os casos.

Um exemplo bem frisante d'este conceito nos avulta das legislações penaes, referindo-se ao adulterio em flagrante.

N'esta hypothese o marido, atraiçoado e vilipendiado na sua honra e consciencia commum, que o pacto conjugal formára entre os dous esposos, tem o direito de matar um ao outro dos delinquentes sem incorrer em pena, ou incorrendo em pena levissima, correccional.

E porque? Acaso o adultero offende ou aggride directa

e physicamente a personalidade do marido enganado? Ninguem o dirá; mas em compensação o que todos me confessam, depois de bem attentirem e reflectirem no caso, é que a justiça, encarnada, organisada, representada, em sua expressão indefectivel e purissima, no par conjugal, padeceu a maxima violação, foi rota e despedaçada infamemente pelo esposo infiel e pelo seu cumplice.

Aqui o homem defende a sua consciencia e personalidade communs e por isso lhe confere a lei o direito de matar. Sophisma, argucia escolastica?

Cuidamos que só podem acoimar-nos d'esse vicio os desattentos ou interessados na corrupção social, e ainda os que ignoram as formosuras e excellencias do pacto conjugal, deprimido e abaixado ahi com o nome de contracto.

Os seus fins são outros e mais elevados do que geralmente lhe assignam. Nem a procreação e educação dos filhos, embora esta circumstancia entre por muito na constituição do matrimonio, nem o mutuo adjutorio e vantagens advindas por meio d'um contacto synallagmatico, respondem cabalmente aos designios altissimos d'esta formosissima e sublime união. O casamento não é um contracto synallagmatico, porque estes contractos, segundo a sua noção e essencia, só podem dar-se entre seres respectivamente completos, semelhantes na sua constituição, associandose ou tratando da permutação dos seus serviços e productos.

Ora homem e mulher, equivalentes e iguaes perante Deus, são todavia differentes na sua constituição physica, intelluctual e moral.

Esta differença consiste n'uma diminuição das energias ou faculdades, diminuição sensivel e evidente a quem estude e observe despreoccupadamente a mulher, e que faz com que um e outro sejam partes complementares d'um todo organico, formando uma pessoa dotada de duas intelligencias e de duas vontades. Assim, acontece que, sob o ponto de vista da dignidade, no fôro interno, homem e mulher são iguaes na união conjugal, mas perante a socie-

dade, e no fôro externo, a mulher anda subordinada ao marido.

Todos os codigos civilisados o estatuem e comprehendem d'este modo, e segundo nós legitimamente, porque a mulher não soffre confronto ao homem quanto á potencia e alcance de faculdades manifestadas já na ordem industrial e economica, já na ordem politica, philosophica e litteraria, já na ordem juridica.

O homem é *forte*, a mulher tem a *graça;* o primeiro é trabalhador, administrador e chefe; a segunda é *menagere.* A *belleza* e a *força* attrahem-se, engendram o amor, e constituem o par conjugal, que desaperta n'uma unidade superior, instituida, segundo o direito, para o cumprimento dos destinos sociaes.

D'aqui nasce que todo o attentado contra o matrimonio importa uma violação immediata da dignidade humana que é commum aos esposos, e portanto o direito ou faculdade de repellir mesmo pela morte o adultero em flagrante. Infelizmente hoje a corrupção de costumes lavra fundo, e uma tolerancia degradante e objecta, que é a amnistia reciproca de todas as solturas, vicios e crimes, abriga com o frouxel macio das suas azas esta vasta canceração de familia.

Não é a vontade rancorosa de calumniar e denegrir o seculo quem nos impõe estas asserções descortezes, quasi grosseiras, mas a impudencia do mesmo seculo que as anda pompeando ahi do seu carro triumphal.

Vêde a litteratura romantica e dramatica, que ahi nos servem por entre vaporações odoriferas, em vasos finamente cinzelados, enfeitada com todas as mais custosas e magnificentes roupagens.

O que nos diz, o que exalta, o que levanta nos altares, por entre as acclamações e sorrisos da multidão?

O adulterio, a prostituição, os mysterios d'alcova, estas claras e luminosas *virtudes* das decadencias, da podridão e esphacelamento moral.

E querem saber o que respondem artistas e litteratos,

incriminados por alguma voz isolada, d estas tendencias pagãs e enervadoras de todo o senso moral e artistico? Respondem que viram e estudaram os costumes e inclinações do seu tempo, e escreveram por elles e por ellas os seus livros! A litteratura inculca-se por ahi sentenciosamente como a *expressão da sociedade*, e se a proposição, deduzido o que tem d'absoluto, traduz a verdade, o que havemos ajuizar d'esta época bemaventurada?

Bem vindo seja pois o escriptor honrado e intrepido, que desfita os olhos do tremedal em que fermenta a podridão, para os levantar ás alturas limpidas e azues onde o ideal resplende, fundido no direito e na justiça, coando os seus fulgores immortaes através de todos os sentimentos nobres e de todas as elevações generosas do espirito e do caracter!...

Vinhamos allegando como é que a sociedade abstendo-se de perseguir o adulterio, sem que o offendido promova acção contra os violadores da fé jurada, reconhecia assim frisante e eloquentemente a sua incompetencia. E não é que a integridade e pureza do matrimonio seja indifferente ao progresso e manutenção da sociedade, cuja molecula organica, cujo sol e luz é o pacto conjugal, senão porque fia da natureza propria d'aquella união e das caracteristicas relações do par conjugal, formando uma personalidade inviolavel e sagrada, a sua vigia e guarda d'elle. E tanto assim é que a constituição social se modela em quasi todos os seus institutos e regras pelas feições primordiaes da familia.

E' o seu maximo empenho conserval-a, rasgando os horisontes á sua progressiva e luminosa expansão, prescrevendo todas as cautellas, e como que cingindo-a d'um antemural que a ponha a coberto das aggressões e embates de fóra.

Muitos dos pretendidos direitos com que ella se arma e prevalece, como o direito de punir, por exemplo, das entranhas d'esta união unica o vai ella haurir.

O poder *vitæ et necis*, que na familia antiga segurava em

sua mão omnipotente o chefe de casa, como o feixe de raios na mão de Jupiter, foi quem desfechou generalisado e soberbo o direito de punir, que a sociedade converteu em theoria e encarnou em facto.

Pondere-se agora que nós, sempre coherentes aos principios estabelecidos, não vimos arrancar a *punição* á sociedade para gratificar com essa faculdade o individuo.

Quando o esposo ultrajado mata o conjuge infiel, não o faz exercendo um direito de castigo que não tem, mas em nome da consciencia e vida moral commum, atacadas e feridas em o seu nó vital.

Essa legitima defeza da justiça organisada e representada no pacto conjugal é que o ultimo, ameaçado de degradação e morte, repelle os violadores do direito na sua fonte sacratissima. Porque a justiça, e o direito portanto, sendo pela sua noção reciproca, dual, claro é que o individuo representa uma só face d'esse grande e indefectivel principio d'onde o fluxo e refluxo eterno do oceano dos seres se desata e espraia.

O sentimento da dignidade propria avulta só com um dos termos da justiça, sendo mister duas consequencias unisonas para que ella se torne respeitavel. E' por isso que a *justiça*, a exemplo de todas as faculdades e potencias da natureza e da vida, necessitando manifestar-se e não cabendo no individuo isoladamente, vai encontrar o seu orgão no pacto conjugal, em que os dous pactuantes não apparecem similares a fim de que se completem mutuamente, e pela sua acção reciproca tornem possivel e viva a sociedade.

Dilacerai agora violenta e traiçoeiramente aquelle laço substancial, aquella união indesatavel, segundo o direito, e vêde como sahirá d'esse infame e atrocissimo engenho de trituração e vilipendio o segundo membro do par conjugal!?

Que remedio e balsamos lhe faculta e instilla a sociedade para o restaurar? A separação e o castigo do esposo infiel?

Hypocrisia e singular impotencia! que é da familia, da religião domestica, confessada a sua indignidade? Se o casamento é indissoluvel pois que é immutavel a consciencia, que remedio fica ao conjuge trahido senão a morte do traidor?

Prove-se evidentemente o adulterio perante os tribunaes, como o que o mata em legitima defeza deve provar que matou n'aquellas condicções, que á opinião justa e esclarecida só resta, lamentando a catastrophe, absolver o desgraçado, apagando-lhe da fronte a maneha de sangue, que as illusões d'uma sensibilidade exaltada e doentia apontavam lá!...

Urge que as cousas sacratissimas entre todas se aquilatem e respeitem como o que são.

O matrimonio é uma d'ellas, a suprema, a mais formosa e resplendente sobre todas as outras, e não póde andar ahi aos baldões, aos sopros malsãos de caprichos immoraes e dissolventes.

Acto seriissimo e decisivo da vida humana, não convém que se determine levianamente, sobre o impulso febril de paixões ou pendores julgados irresistiveis, e que a posse desfaz e vaporisa em breve tempo.

A physiologia do amor resume-se em meia duzia de linhas, como profundamente escreve Proudhon. O amor cuja virtualidade está na geração, tem a sua causa plastica e motriz no ideal.

Por elle o instincto organico levanta-se e purifica-se arrebatando-nos nas azas de fogo do desejo por esses largos paramos do céo, d'onde tantas vezes baqueia pela fadiga da posse, n'um erotismo impudente e animal.

Não ha fixal-o no seu apogeu radiante, porque o ideal nem é infinito nem immutavel. As illusões adelgaçam-se; e através do véo raro, que ámanhã será fumo amargo a causticar-nos os olhos, entreveem-se os defeitos e jaça da mulher crystallisada hontem.

O idolo desmaia, o nimbo luminoso que a transfigurava esvaece-se pouco a pouco, e o real começa. Passada a cri-

se, se a mulher, ou antes o pacto conjugal, não firma a sua peanha de diamante na consciencia e na virtude, que vai ser a nossa insulação, que lancinantes espinhos nos não vão rebentar debaixo dos pés?

Bom é que o amor e o ideal illuminem todo o matrimonio, mas sem usurpar e escurecer todos os outros elementos que devem constituil-o.

Lembremo-nos que não é elle o fim do casamento, como romancistas e dramaturgos ahi preconisam e celebram á compita em dithyrambos apaixonados.

Recordemos que esta palavra magica nem sequer aponta na lei ou occorre á mente do legislador, regulando os direitos, deveres e constituição do matrimonio, como quem descobre que os destinos da sagrada instituição nada tem a vêr com a poesia erotica, com um sentimento ephemero, mero episodio no drama da vida humana.

E' o que parece ter comprehendido Camillo C. Branco, desenhando ou esculpindo vigorosamente aquella solemne e tragica figura de Jorge de Mendanha.

Natureza elevada e generosa, exuberante d'instinctos nobilissimos e delicados, engrandecidos e fortificados por uma larga cultura, grangeada no estudo dos livros e do homem, Jorge de Mendanha é um *caracter*, no sentido genuino e racional da palavra. Não é impeccavel porque é homem, e assim o vereis transigir com estas efflorescencias derrancadas, que ahi se enroscam e bracejam á superficie da sociedade, como erupções quasi necessarias das correntes oppostas e variadas que atravessam as camadas sobrepostas, que nascem da idade e desigualdade das condições e meios, d'um complexo de circumstancias multiplo e inconjuravel.

Ha factos culposos, ha verduras e levezas, que não ha outro remedio senão perdoar, attenta a natureza humana, e o desequilibrio e desorganisação dos elementos sociaes na actualidade. Se o mais justo pecca até sete vezes, na expressão biblica, o que diremos de tantos desgraçados sem pão do corpo e pão do espirito, que as suggestões do amor

e da necessidade, a indifferença, o abandono e até as injustiças de seus semelhantes atiram ao vicio, á libertinagem, á fraude, ás mil quedas a que os arrasta este desequilibrio e vortice terrivel que nos envolve? A tolerancia é necessaria aconselha-nol-a por um lado o coração, e por outro o raciocinio.

Basta comprehender certas faltas e crimes até para os absolver. Crêmos que Jorge de Mendanha era um d'esses tolerantes pelo sentimento e pela razão, incapaz de tomar uma lente para esmiuçar e descobrir no fundo de cada acto, na tela de cada vida, o *acarus* que afistula as carnes.

Sem a philosophia estreita e sem entranhas de moralista secco e hirto, Jorge de Mendanha devia ser comtudo implacavel e severissimo com os attentados odiosos e repulsivos, que enlodassem e corrompessem a sociedade na sua matriz.

Crimes ha que nivelam o seu author com a besta-fera, que o desauthoram da sua prerogativa d'homens, da sua realeza sobre a creação.

Taes maleficios despojando-o da sua dignidade, e rompendo os diques contra a podridão que vai alastrar-se sobre todos os circulos sociaes, provocam da parte da sociedade uma repressão vigilante e segura, que empeça a continuação de taes incursões. Se fôr mister a excommunhão do perverso, excommunga-se, sacrificando o animal.

Ora o maximo d'esses attentados, que resumem e condensam todos os grandes crimes, subversivos da justiça e da organisação social, já dissemos que era o adulterio, aquelle mesmo para cuja repressão a sociedade se declara sem voz nem força, logo que o offendido se resignar.

Poderá o marido atraiçoado resignar-se e submetter-se facilmente á gargalheira odiosa e estranguladora do adulterio, quando a sua consciencia e a razão, o sentimento e a dignidade propria, a *justiça* em fim, principio intimo e substancial de todo o seu ser, lei inflexivel de todos os seus movimentos livres, desce os circulos do inferno dantesco arrastada pelos cabellos, com a sua purpura sagrada rota e conspurcada de todas as infecções?

Não póde nem deve, se ainda se equilibra no seu pedestal d'homem, intelligente, livre e consciente. Tudo se deve sublevar e protestar n'elle, tudo quanto houver de são e digno. O sangue das vêas, as fibras do peito, a razão, a consciencia e o sentimento levantarão, formidaveis e desafogados, o seu accento d'indignação e agonia suprema.

O dilemma que lhe abre os seus braços, crispados e terriveis, para o confranger até á demencia, é mais escuro e intransitivo que o dilemma de Hamlet — *o ser ou não ser!*

Trata-se da vida na sua bella e larga accepção moral, da vida superior cuja tela radiosa e santa é o direito e a justiça, e que não póde continuar, porque lhe estão queimando na chamma sulfurosa do escarneo e do vilipendio o trama inteiro.

Que fazer, meu Deus, n'este lance das maximas angustias, em que não ha molecula nem fibra de nossas entranhas que não aperte e rasgue o annel d'espinhos que nos cinge? Entregar os culpados á mão descarnada e fria da lei, que pune, rindo da nossa boa fé e ingenuidade, da inepcia e *gaucherie* com que nos deixamos atraiçoar? Confessarmos á sociedade, nossa auxiliadora compadecida, o dessoramento das nossas energias moraes, a impotencia ridicula e affrontosa da nossa dignidade, que não soube envidar um esforço qualquer para a defeza e guarda da honra, da familia, do coração, e da justiça feita carne na união conjugal? A fraqueza, a mingoa de pundonor, a indifferença, o egoismo estreito e cobarde, que prefere todas as fallencias moraes á incommodidade d'um movimento qualquer, desmanchando a symetria harmoniosa das suas roupas de sybarita, esse transige com a lei, invoca-a, deita-se-lhe no regaço emaciado, bebendo-lhe dos labios a agua chilra, que lhe servirá de nectar olympico á sêde de... tranquillidade!

Assim fazem muitos embuçados na toga magestosa de não sei quantas virtudes, que por ahi calumniam com o nome de *bom senso*, *prudencia e cordura*.

Deixal-os! o seu castigo d'elles não lhes vem da cons-

ciencia adormecida pelas dóses opiadas do bom senso e do egoismo burguez, mas gruda-lh'o nas costas a opinião n'um rabo leva infamante e irrisorio, que mais e mais lhe adhere até entrar nas carnes vivas, apenas nas relações e mil incidentes da vida batam de rosto contra alguns dos seus semelhantes. Com effeito, á minima collisão ou desaguisado, á minima debilidade a que succumbe o complacente, logo o espectro da humilhação e deshonra lh'o avivam e reenviam todos os espelhos sociaes até lhe deslumbrarem os olhos...

Viver infamado e deshonrado embora sob o beneplacito da lei não o consente o homem, que bem sinta o valor e alcance do *Genesis* quando refere que Deus fez o homem á sua imagem e semelhança.

Escusado é que o sentimento da justiça resplenda vivo e poderoso no santuario da consciencia, basta ter coração e entendimento, pôr o ouvido aos commentarios e apostillas que a sociedade distilla longamente ácerca d'estes actos. Ou morto para todos os estimulos, ou estimulado pelas imperiosas suggestões a definir heroicamente uma situação absurda.

Se não mata, morre da morte moral para que não ha resgate nem amnistia na munificencia d'esta *rainha* do seculo, e já agora de todos os seculos — a *opinião*.

E' verdade que matando, a mesma *opinião* entôa commovida e suffocada um threno cortante de magoas, alguma cousa como

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem d'entre os goivos te esfolhou da campa?

A victima tem as suas elegias, alcança um necrologio d'onde fulguram todas as virtudes por modo a escurecer a nitidez e pureza das constellações.

A *opinião* padece d'estas contradicções inexplicaveis, o que nada prova contra a sua logica e bom juizo, e muito encarece a sua maviosa sensibilidade.

Que importa o desgraçado, com o seu coração feito pe-

daços, a sua consciencia ultrajada, a sua honra e decoro escorrendo lagrimas de sangue? O que importa o seu futuro esmagado, a familia despedaçada, a sua religião domestica enxovalhada com o *santo dos santos* tombado no fogo ou nos lameiros da encruzilhada? Matou, é carrasco, é scelerado, é besta-fera, e tudo está dito!

Explique quem quizer este fluxo e refluxo da opinião, que nós passaremos cortejando, protestando embora.

Em Jorge de Mendanha a honra e o sentimento da justiça era um instincto, antes de ser uma convicção inabalavel, uma crença fervorosa, formada pelo raciocinio e pelo coração.

Quando fez d'essa crença a religião positiva da sua vida, Martha de Villasboas era o altar á espera da filhinha que era o idolo — altar e idolo de que elle Jorge de Mendanha era o sacerdote, como pai e esposo. Martha era boa, santa e virtuosa; amava e era amada, estremecida com quanta adoração e nobre enthusiasmo põe a fé e a felicidade no Deus que nos reparte a sua infinita graça. Jorge tinha coração amantissimo e generoso, e possuia uma intelligencia elevada e poderosa, que é o ouro fino a realçar o azul limpidissimo do firmamento vasto do amor.

Que mais queria e ambicionava a fragil Martha, para encher a medida do seu coração de mulher? Faltava-lhe o *peccado*, o fructo amargo que se desfaz em cinzas calcinantes como as escorias do volcão, faltava-lhe o contraste para bem saborear as doçuras que perdia, os philtros que envenenava! Veio a serpente, afagada por ambos, e acoutou-se nos recessos felizes da casa. Os seus movimentos obliquos, as suas ondulações graciosas, o seu roçar macio, a irradiação magnetica que se evola em particulas invisiveis e subtis do reptil, fascinaram a Eva quebradiça e fraca, e perderam-na.

Quando Jorge de Mendanha viu a sua boa santa e virtuosa Martha, enlaçada por aquellas espiraes infamissimas, que lhe haviam apertado o coração d'ella, absorvendo-lhe todos aquelles balsamos onde restaurava a sua alma, onde

curava as suas feridas que o rude combate da existencia costuma abrir, quando viu tudo perdido, o seu eden açoutado pelas nortadas, as luzes do altar apagadas, o seu idolo, a filha, suspeita — não podendo desdar os nós da serpente, que viva ou morta, só arrancaria de sobre Martha com as suas carnes, o que havia de fazer o amante, o esposo, o representante da justiça, o sacerdote da religião da familia?

Salval-a matando-a, salvar-se morrendo, talvez para o futuro e para a felicidade! e chamam a isto *premeditação*, malvadez fria e calculada, só porque Jorge de Mendanha escabujou e debateu-se 24 horas entre os impulsos do coração e da honra, entre a procella ardente da paixão estuosa e devoradora e os austeros e implacaveis accentos da consciencia e do dever? Profundo esquecimento do que é a natureza humana, incrivel allucinação dos espiritos, que antes de pensarem com a intelligencia dogmatisam com a piedade, barata e facil!

NOTA 2.ª

Um illustre advogado dos Açores, analysando o *Processo e julgamento* de Vieira de Castro, escreve as seguintes considerações fulminantes de justiça. Foram reimpressas no continente. Ninguem as contrariou.

Ha bastante tempo dissemos nós algures que — pela moralidade e illustração dos tribunaes se aferia a decadencia, o progresso e a civilisação dos estados. Cada vez nos convencemos mais d'esta grande verdade — confirmada pelo tempo, pelos seculos, pela historia.

Quando os Alexandres talavam a Asia, os Scipiões a Africa, os Annibaes a Italia, e os barbaros invadiam e esmagavam Roma, já então senhora do mundo, a perversão do funccionalismo, a perversão dos tribunaes e dos magistrados era horrorosa em taes paragens — ella foi a destruição do mundo antigo, como vai sendo a do mundo moderno.

Dario symbolisa a um tempo a fraqueza e a suprema corrupção moral.

A revolução franceza, que deslumbrára o mundo pela intensidade da sua luz, mas que depois o ía crestando, ti-

vera como ponto de partida a corrupção dos seus funccionarios; no governo do infeliz Luiz XVI, até os cocheiros do paço vendiam os officios publicos e as prebendas!... e foi ella, a corrupção, que matou a Polonia, desmoronou o reino de Napoles, exilou a Isabel das Hespanhas, provocou a ruina da Gallia moderna, desacreditou a Roma de nossos dias, e como que vai abafando até o desgraçado Portugal.

Quando na propria capital da monarchia o jury dá decisões como a com que tenta arrancar á sociedade um filho como Vieira de Castro... o desabamento da sociedade deve estar proximo.

E a cidade applaudiu-a e a imprensa calou-se, ou antes, especúla. Porque? A moralidade não terá alli valor ou a honra será uma utopia?!

Está sanccionado o adulterio, a deshonra nacional! Estamos na Roma antiga, as matronas correm ás galerias para verem immolar a victima que não gostou que a deshonrassem, Lisboa não sobe ao capitolio nem póde descer á arena dos gladiadores, mas como a Grecia d'outras eras, como a Italia das Lucrecias e como a França das Pompadours, das du Barry e das Manons — no *forum* santifica o adulterio, as comparsas applaudem das galerias em quanto os mais interessados, que são os maridos... o sanccionam, reconhecendo a sua indignidade e a *liberdade* e a libertinagem das mulheres, partindo e para sempre os sagrados elos da moral, da familia e da sociedade, e a imprensa folga e forja pamphletos porque só mira o dinheiro! Que perversão!

O cynismo e a deshonra como que se elevaram á triste categoria de principio! Orgia infernal! E nem ha Juvenaes que te descrevam!..

....

No lugar onde a honra, o brio e a moralidade mais austera deveram ter um altar, profanam-se as aras e ergue-se o cutelo destruidor das cadêas sociaes, mostra-se que a honra não tem valor, que a sociedade despreza a moral,

que a lei que devia corrigir e exemplificar é letra morta, a justiça uma mentira e a injuria o argumento! Que desolação!

Deshonra-se a victima, calumnia-se depois... e depois immola-se! Oh vergonha das vergonhas!

E houve um delegado que apodou a victima de pouco religiosa; fallou-lhe do papa, e alfim disse aos jurados que a esmagassem porque já tinha praticado outros *heroismos* dignos d'aquelle. Que coragem!

Um tal procedimento não seria a maior affronta que se podia cuspir á face d'uma capital onde a illustração e a moralidade occupassem o primeiro lugar?!

E como que isto fosse pouco, esse delegado invocou o poder moderador e disse que elle salvaria a victima da estupidez, da immoralidade ou da perversão dos jurados da capital da monarchia; d'essa terra onde as esposas não terão obrigação de ser honradas nem os maridos d'ora ávante o direito de lhes pedir contas dos seus crimes. Horror! E um delegado que assim affronta a moralidade e faz descer os tribunaes abaixo de tudo, poderá continuar em tão importante lugar?!

E a sogra d'esse infeliz, depois da filha o deshonrar, folga com a deshonra e manda perseguir e insultar o que tivera a desgraça de ser seu genro! Oh moralidade!

E houve um advogado que na phrase mais chula e baixa lhe servia d'instrumento! Como esta classe, outr'ora tão admirada e nobre, hoje se vai aviltando! A sociedade dissolve-se!

Vieira de Castro teve a defeza mais nobre e mais completa que póde imaginar-se. As suas testemunhas sahiram dos homens mais considerados do paiz, e o seu defensor era digno d'ellas. Provou-se o adulterio á saciedade, a paixão que Vieira de Castro nutria pela esposa indigna d'elle, destruiram-se todas as grosserias e embustes d'accusação e ainda assim o condemnaram. Isto nem póde conceber-se! E elle foi tão cavalheiro e extremamente delicado que não teve uma palavra para desabonar a que alli o trouxera e o

deshonrára; não se quiz defender e até agradeceu a condemnação... Tal é o amor que o prende á vida!

Não obstante, accusadores em extremo boçaes jogaram-lhe toda a sorte d'improperios, e os filhos espurios da imprensa, com a mira só no interesse, trataram de coordenar *foliculários* para mais lhe profundar as feridas e a dôr que lhe dilaceram a alma, em quanto o devia desaggravar, fazendo valer a justiça moralisando os factos.

Nem se pejaram de cuspir á face d'um tal homem e em taes circumstancias «que elle se desfizera da mulher porque estava pobre!» Infamia das infamias! Não o estava, não estava pobre e os paes são ricos; os homens como Vieira de Castro nunca são ou estão pobres.

E até se diz que o governo brazileiro influira n'aquella condemnação! Não o podemos acreditar, mas se é verdade importa a deshonra de dous povos!

Com effeito, se não é crime ser honrado, republicano e homem de sciencia, Vieira de Castro não será roubado á familia e á sociedade. E, se o fôr, será vingado.

Se os tribunaes superiores não annullarem o processo e um outro jury o absolver, o PODER MODERADOR, sempre generoso, ha de salval-o: temos quasi a certeza d'isto porque conhecemos o caracter bondoso e justiceiro do snr. D. Luiz.

E comtudo, se nos indigna o procedimento dos jurados e da sogra d'aquelle desventurado, não se pense que nos indigna menos o procedimento do monstro que lhe abusou da mulher, e não pouco nos magôa a infelicidade d'esta.

Nós já dissemos algures, que por via de regra, as mulheres eram más porque os homens não são bons. A indignação que nos provoca o que nos parece grande injustiça, não nos cega o entendimento. Se nos sangra o coração pelas desgraças alheias, não é nosso intento desvirtuar os factos, negar justiça ou desprestigial-a. Para o monstro que viola o leito conjugal ainda os legisladores não descobriram pena condigna.

É preciso ter respeito pelos mortos, sabemos d'isto; mas,

se cumpre deplorar os que morrem deshonrados, os olhos não podem ser enxutos ante os que vivem deshonrados e perseguidos, senão até calumniados!

E se a paixão pela verdade nos desmanda, discrimine-se Lisboa e deposite-se toda a confiança nos seus tribunaes superiores, porque a condemnação que nos indigna, porque a suppomos destituida de todo o fundamento moral e juridico, não póde deshonrar aquella ou estes, porque não podem ser responsaveis nem cumplices, por emquanto, do erro ou da maldade dos jurados.

Confunde-nos pois a desgraça da mulher e do marido, mas ante a lei e conveniencias sociaes, daremos de mão a tudo para collocar a questão sob o seu verdadeiro ponto de vista moral e juridico.

—O marido que encontrar a esposa em adulterio e a matar e mais ao adultero, não a tendo excitado para tal crime nem tendo, elle o marido, amante na casa conjugal — será desterrado por seis mezes para fóra da comarca. Art. 372.º do *Codigo Penal.*

Ora, se o marido, em taes circumstancias, póde matar a mulher e até o amante, porque os não ha de poder matar depois? Em taes crimes, o acto, o delicto não é momentaneo: o delicto acompanha os delinquentes, ferindo não só o individuo, mas a sociedade no que ella tem de mais bello, de mais nobre e de mais santo, e por consequencia o offendido deve desaggravar-se sempre e quando podér a respeito do adulterio, que é o maior de todos os crimes.

A virgem quando se mancha, como que só a si se prejudica mas, a mulher casada e a viuva, oh! sim, a viuva, que é virgem duas vezes—se se mancha, deshonra os vivos e os mortos, e a mulher casada é ainda mais virgem durante o hymeneu e por isso não póde ser violada de modo algum; mas, se o fôr... nem ella nem o seu violador devem gozar da luz após o crime. As nodoas que mancham a honra, só com sangue se podem lavar!

Sabemos que em direito criminal não ha interpretação extensiva e tão pouco se invocam os principios de philo-

sophia, mas ainda assim, na hypothese sujeita, suppomos poder concluir e sem esforço pela affirmativa; isto é, pela morte do adultero ou adulteros, ainda mesmo além do adulterio.

Quando a lei authorisa a morte n'aquelle acto é porque não quer que a respeito da verdade d'elle fique a mais pequena duvida: é isto e só isto!

¿ Pois se o homem que fazia a melhor idéa de sua esposa vem de fóra e na melhor fé, mas ao entrar em sua casa depara com o acto que não esperava e que por isso o manietou e não pode logo desaggravar-se, mesmo porque não tinha armas ou eram inferiores ás do sicario da sua honra e de toda a sua familia, ou porque mesmo lhe era inferior em forças — não ha de ter o direito de o matar depois, com a certeza d'um melhor resultado, e sem que por isso deva sér outra a penalidade?

¿ Pois o marido que tem a certeza de que a esposa commetteu e commette adulterio não se poderá desaggravar depois só porque não observou o acto?! Pois se os factos se deram tem menos força porque se não viram? Pois os factos não são os factos?! A questão reduz-se tão sómente á exactidão do facto. Desde que esta se der, desde que se provar a maxima exactidão do facto não se póde aggravar a essencia da verdade e tão pouco alterar por consequencia as disposições penaes que o regem e o capitulam. Isto é da mais simples intuição — está na propria letra da lei e não ha quem possa convencer nos do contrario.

E se isto é assim — como é que um jury na capital da monarchia descera tanto?! Das miserias que se allegaram contra Vieira de Castro nem uma se provou, e nem podiam provar-se por inadmissiveis! E onde a accusação se não prova nem tem lugar a defeza. Isto é corrente. Não obstante—a defeza foi a mais completa, a mais nobre, a mais esplendida.

O nó gordio para um jury d'aquella *força* consistia em não ter o infeliz presenciado o adulterio e ter-se dado a a morte da esposa tempo depois! Parece-nos tão parva e

baixa esta exigencia que até nos repugna responder-lhe! Mas, quanto á primeira parte está respondida acima d'um modo incontestavel; quanto á segunda, até se devia folgar em razão do offendido não ter presenciado o acto, provado á saciedade até pelo procedimento do...

A lei só tem direito de exigir a verdade, e é por ella e só por ella que os seus executores devem fazer obra. Demais—Vieira de Castro perdeu a cabeça desde que se convenceu do criminoso procedimento da esposa, e por conseguinte não teve nem podia ter mais consciencia do que fez, e assim é claro que o mal, se o houvesse, não lhe podia ser imputado. Isto é trivialissimo.

Entenderiam aquelles jurados que o allucinado, e allucinado por motivos de honra, devia até perder o movimento?! Não lhe parceria bastante a descensão do homem á triste condição d'automato?! Os automatos não se punem.

Dez annos de degredo para a Africa... O grande crime de Vieira de Castro estará no seu assombroso talento? E, se é certo que elle *chloroformisou* a mulher, não haverá n'isto ainda um sentimento d'amor e de nobreza?

Convencido dos crimes d'ella, e assim, de que o instrumento de sua eterna deshonra não devia effectivamente sobreviver no meio do seu desarranjo, sobre o horror da sua situação quiz dar-lhe morte suave, e n'isto ha muita nobreza, devemos dizel-o.

Elle não é criminoso perante a moral ou ante as leis humanas; e assim, esconda a face o jury ignorante ou indigno e a imprensa estupida e mercenaria, porque a verdade e a justiça hão de triumphar. Não barateeis a honra porque sem ella não póde existir o mundo. A' maneira que ella se abate afunda-se elle. Recordai-vos da Roma de Juvenal, do baixo imperio!

Cerramos alfim estas linhas com os olhos afogueados e a dôr no intimo d'alma; mas tambem com a profunda convicção de que o martyr será salvo.

Animo, infeliz! Se a desgraça tem poucos amigos, ao me-

rito e á innocencia devem-se homenagens. Ainda ha quem vele por ti e por ti se sacrifique, se tanto fôr preciso. A verdadeira amiznde nasce do coração, vive n'alma e como ella é immortal. Esgota o calix até ás fezes! A infelicidade é o crisol da vida humana.

A grandeza dos homens não se prova nem se firma sem os embates da dôr e da adversidade. Coragem!

SHER.·.

NOTA 3.ª

Vieira de Castro refere-se ao prefacio do seu bem pensado opusculo *Colonias*. E' o seguinte:

I

A poderosa intelligencia do snr. José Cardoso Vieira de Castro salvou-se da catastrophe.

A conjuração, aprofiada em perdel-o, conseguiu muito: desterrou-o; mas não saciou a sêde nem ensanguentou á farta os colmilhos famintos.

Vieira de Castro pensa lucidamente, escreve com a elegancia dos seus dias ditosos, pule primorosamente os periodos, sobredoura os atavios das suas phrases imaginosas--e talvez em demasia imaginosas n'outro tempo— com realces de sobriedade nos recamos e de propriedade austera na locução.

Certa gente, porque não comprehendeu a justiça do coração assassinado, custou-lhe a perceber que a alma de Vieira de Castro sahisse illesa das garras de sua desgraça.

Imaginavam, pois, que um homem, bom esposo, respeitador de sua mulher em si proprio, não podia tirar-se honradamente d'um conflicto indescriptivel, sem ter perdido a luz da razão.

Queriam que a demencia precedesse a honra ou lhe succedesse.

Entendimento são, uma serie de raciocinios terrivelmen-

te luminosos a relampejarem no seio da treva cerrada da maior desventura, razão illesa nos seus vinculos á honra, e olhos bem abertos sobre o abysmo em que se despenhava, isso é que raros aceitam na calamidade do nobilissimo infeliz.

Os outros, o remanescente, a maioria não quer, não consente que a honra se desforce com as faculdades do espirito perfeitas. Não quer, porque estes exemplos mortificam e abrem uns escrupulos duvidosos de vergonha nas caras onde ella affixara edital de fallida; não consente, porque os costumes portuguezes são doces e angelicos: a honra dos maridos não se admitte sem a demencia anterior ou posterior.

E' preciso que se explique n'uma enfermaria de doudos o que não póde explicar-se nos tribunaes.

Ora Vieira de Castro, convertendo em objecto de commiseração e sympathias uma senhora que elle poderia atirar á ignominia e ás vaias da turba que a suffragou, dava de si testemunho de indole cruel ou de razão perdida.

A sociedade não podia aquilatar nem mais alto nem mais infimo o acto estrondoso, aggravado por outro feito de requintada insania: o entrar elle decentemente vestido n'um carcere, o sentar-se com apparencias de razão no banco dos réos, o chorar umas lagrimas que não tinham de certo o agro do remorso—lagrimas só dignas de serem vertidas na presença de Deus e no seio de mãi — o defender a integridade do seu juizo associando-o aos delictos de seu coração. Por tanto aquelle homem não ensandecera para ser... honrado.

Suprema perversidade! O' jurados, ó juizes, ó maridos! suprema perversidade! Condemnai-o em nome da mansidão dos nossos habitos e dos nossos maridos.

Condemnaram.

Mas dez annos de degredo! que requinte de piedade! que máu exemplo! Não se dá a um homem honrado coroa com tão poucos espinhos. Dez annos sem patria, sem familia, sem direitos! isso que monta?

Homens togados que tendes nos cabellos a cor candidissima das consciencias, venerandos anciãos que tendes filhas e netas, vêde se mataes no seio d'esse padecente o espirito viventissimo que ainda medita ao lado do coração morto! Atirai peçonha para dentro d'esse calix. Emborcai-lh'o por mão da justiça humana, se é que o esparto do verdugo não póde ataviar o accordam que ides lavrar.

Quinze annos! o maximo, o mais que podieis! Bem vêdes que não podia acidular-se mais a esponja! Filhas e netas, beijai as mãos de vossos paes e avós! Trasladai o accordam, e pendurai-o como painel no respaldo do leito conjugal!

II

A litteratura amena parecia namorar-se do talento de Vieira de Castro, e acaricial-o com formosas inspirações, quando elle ingratamente se deixou enfeitiçar dos philtros da politica. A *Pagina da universidade*, os artigos do *Atheneo*, a biographia do signatario d'este prefacio, e outras menos lembradas especies de «humorismo» caustico, foram sacrificadas aos discursos parlamentares com que Vieira de Castro colheu de sobresalto um dos primeiros e rarissimos lugares da tribuna. E, porque não havia termos comparativos das duas especies litterarias, o escriptor foi pouco menos que deslumbrado pelo oradar. Não podia deixar de ser.

A tribuna cerca-se de paixões fortes, e o livro ameno convida meras curiosidades; a tribuna faz persuadir que os interesses da patria estão alli; o livro é um engodo de ociosidades, um brinquedo de espiritos serenos. E' por isso que Vieira de Castro, publicista a intervallos em meia duzia de annos, não vingou sombra da gloria que o seguia ao sahir do parlamento depois do seu primeiro discurso.

Estão impressos os discursos que levantaram tempestades, sympathias, odios, admirações.

Com que veneração os caudilhos dos bandos politicos olhavam n'aquelle tempo para Vieira de Castro! Que incensos lhe vaporaram os acolytos das facções nas ambulas

do jornalismo! Que reptos de estylo pyndarico não sahiram d'uns sujeitos que, volvidos dous annos, e cahido o orador aos olhos d'elles, não tiveram palavra commemorativa do talento do homem de bem, inculpado nas causas da sua queda! Parece incrivel que Deus quizesse fingir que dava intelligencia a tanto villão! São estes uns biltres que resaltaram da podridão social, collocando-se debaixo dos pés do primeiro gallego afortunado, e morderam o calcanhar da honra abatida em lucta desigual com infames. Ah! eu folgo de lêr os artigos do *Diario de Noticias* e as correspondencias do *Commercio do Porto* quando Vieira de Castro tinha debaixo da mão a fortuna, e a perspectiva das pastas; mas que pungimentos e vergonhas — vergonhas á conta dos thuriferarios — quando leio as petulancias desbragadas que se cuspiam na porta de um carcere!

III

No carcere, as horas do snr. Vieira de Castro, desde que a Providencia lh'as serenou, são repartidas na convivencia de alguns admiraveis amigos, na meditação cujos abysmos não sei medir, e no estudo de livros que não orçam pelas futilidades adequadas a entreter fóra de si mesma a alma excruciada. Vieira de Castro estuda, prosegue methodicamente a pauta que havia imposto ao seu espirito applicado á solução dos problemas sociaes, e á reparação do abalado edificio da nossa um tanto fabulosa prosperidade de outras eras.

D'esse estudo, afervorado pela religiosa e gratissima amizade que o liga ao snr. Pereira de Miranda, intelligencia amadurecida na flôr dos annos, procederam os artigos ácerca das nossas colonias, e adstrictos a um projecto de lei apresentado ás côrtes por aquelle insigne deputado. Dous periodicos publicaram estes artigos, não precedidos de encomiasticos «reclames»; mas postos ahi sem apadrinhamento á consideração publica.

Eu por mim, inhabil para os aquilatar no seu interesse

substancial, consolei-me em jubilos, raros na minha vida, lendo, e revendo as provas de um escripto do meu querido amigo, que eu considerava insensivel ao calor das idéas generosas e ás suavidades do amor ao genero humano, depois de tão alanceado ter sido no peito para onde as almas piedosas deviam ter olhado como para um sepulcro de honradas cinzas.

Obriguei-me ao doce encargo de os enfeixar em um opusculo para que se leiam sem interrupções que desatam a cadêa das idéas. Eil-os ahi estão com o duplo valor para mim de terem sido clareiras de luz e socego na escura e oppressa alma de um talento insigne entre os mais prestadios que floreceram n'estes ultimos dez annos, tão escassos de fructos como afestoados de flôres.

Sei que a perspicacia luminosa de alguns leitores d'estes artigos, rastreou n'elles o intuito de grangearem sympathias nos portuguezes das colonias africanas que mais vantagens tem de auferir, se se realisarem as reformas indicadas pelo snr. Vieira de Castro nas tarifas aduaneiras. Não indagamos saber se s. exc.ª visava a esse escopo por nos parecer banal a indagação, e por entendermos que nas colonias e na metropole a tal respeito se dividem as opiniões e as vontades. Por parte dos snrs. Vieira de Castro e Pereira de Miranda é certo, porém, que o affecto e dedicação ás pessoas e vantagens das colonias são antepostas aos interesses da metropole. Todavia, póde a sã razão afoutamente esperar que em Africa se não degladiem legitimas divergencias no applauso d'esse eloquentissimo e sincero brado a favor da emancipação colonial. N'estes artigos transluz homenagem ao direito, á força, e á iniciativa porvindoura dos portuguezes d'Africa; mas, distendendo a idéa a mais universaes horisontes, o trabalho do previdente socialista parece de antemão saudar o direito eterno e revindicado de todos os povos do futuro.

IV

Assim fecha Vieira de Castro este opusculo:

«... E' o voto que ás altas aspirações de um grande cidadão, e de um grande amigo, manda de uma ante-camara de sepultura um homem que outra cousa não pede a Deus, senão que lhe marque n'essas regiões, o mais breve que ser possa, o lugar que lhe cumpre.»

Que pungentissima ironia atirada á face da sua desgraça!

O lugar que lhe cumpre!

Cumpria, meu nobre amigo, que na ante-camara da tua sepultura nunca vasquejasse a luz com a qual visses bem no rosto o opprobrio da tua orgulhosa alma, se, dado o naufragio que ahi te levou despedaçado, norteasses a tua vida infame para onde os infames a marêam.

Quando te sentires pender a fronte para o seio, olha para ti e imagina-te amarrado a dous postes de ignominia — o da deshonra irremediavel e o da desaffronta impossivel.

Ou perdido perante o formidavel juiz da tua consciencia, ou isso que és.

Porto 24 de junho de 1871.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

NOTA 4.ª

A *Consciencia* foi assim apreciada na imprensa do Porto:

CONSCIENCIA

Eis o titulo significativo d'uma carta, que *Samuel* endereça aos redactores das *Farpas*, os snrs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz.

Esta *carta* corre impressa n'um folheto de 42 paginas e brada eloquentemente com um grito triste, mas formosamente sympathico, d'uma consciencia magoada na sua delicadeza d'arminho.

O seu author, recatado com o pseudonymo de *Samuel*, é um espirito alto, de coração maior, e com um estylo forte, magestoso, opulento como uma larga flôr de cactus, um soberbo manto de purpura.

A sua voz atraiçoa-o, os reverberos da sua eloquencia illuminam-lhe o busto. Nomeie-o porém quem quizer, que nós contentar-nos-hemos em saudal-o de longe com a alma, que falla melhor e mais alto que os labios.

N'esta *carta* não é uma doutrina, uma theoria ou a razão impessoal quem diz, mas um coração dorido, uma consciencia honrada, que o fluxo e refluxo do mundo tenta afogar e sumir nos rolos e dobras da sua espuma, no estrondear dos seus rumores ensurdecentes.

Devagar. Sepulte-se e esqueça o que deve passar, mas

um *salve* ao menos ao que o infortunio baptisou com a sua lingua de fogo.

Sigamos o torvelinho dos nossos cuidados, preoccupações, interesses, odios e amores, mas seguremos, por entre os baldões da tempestade, essa urna das cousas sagradas e imperecedouras, mettamos esta eolia immortal das sete cordas, a alma humana — aos sopros embalsamados que vem de cima, que por vezes cortam como um fio d'ouro, um fio do céo, o trama revolto, emmaranhado da vida humana.

No homem ha duas memorias—uma resvaladia, perecedoura, material — outra o contrario de tudo isto. Na primeira escrevem-se os factos de todos os dias, os accidentes e impressões triviaes. Na segunda guarda-se como n'um sacrario o que vem da alma, de Deus, e que todos admiramos com o nome sacrosanto de *heroismo.*

Este sentimento irresistivel, espontaneo, imperioso d'uma alma que vê crescer em volta do seu rochedo d'Ajax, intrepido temerario em nome da justiça e da honra, a grande vaga do mundo, a grande maré do esquecimento; esse sentimento d'um espirito recto e pundonoroso, que vê caminhar o esquecimento com as fauces hiantes, a sua cratera de volcão a devoral-o, indifferentemente, como se fôra um producto natural, um detrictus, um pedaço de materia inorganica, eis o que arranca d'aquellas entranhas com protesto formidavel, uma reclamação justissima e fremente.

Traduzi aquelle grito, decompondo-o, e ouvireis que elle vos diz:

«Attenção, moços! que vos atiraes á corrente, ávidos e frementes, para contar aos outros as miserias, ridiculos e parvulez das suas evoluções n'esta escóla de natação. Vêde bem e escutai bem o que vos cerca, vos comprime, vos acotovela.

«Apontai as tolices d'aquelle grupo, as impertinencias d'esse outro, e as infamias, as protervias, e grosserias d'aquelle outro.

«Enterrai as vossas farpas que não tendes Achilles que

vol-as cuspam do calcanhar. Isso ahi está bem pôdre, mas anda bem enfeitado.

«Nada de leviandades, de relances d'olhos: tomai do microscopio, esquadrinhai, investigai, batei todas as moutas, arregaçai as vistosas roupagens que dissimulam tanta pustula. Só assim é que podereis ser justos, proceder com sciencia e consciencia, e glorificar-nos na vossa obra.

«Distrahir-vos pois, furtar os olhos de certo espectaculo cuja revelação vos traria desgostos e contrariedades, oh! essa fraqueza difficilmente se resgata, porque as victimas olhando em si as vêas rotas e olhando os outros, talhados em igual padrão, sãos e escorreitos, desviando com os seus gestos e caricias, sorrisos e complacencias as vossas *farpas*, desauthorarão o vosso bom senso e a vossa verdade, que é desigual, caprichosa e injusta!»

Samuel parece querer advertir aquillo aos rapazes destemidos, aos sympathicos paladinos do bom senso e da justiça, os dous franco-atiradores que fazem a guerra á torpeza, á immoralidade e ao Protheu da toliee humana por sua conta.

Para que a sua advertencia não seja uma abstracção, mas alguma cousa que lhes falle á sua musa impressionavel, traz-lhes para defronte um exemplo vivo, concreto, palpitante, um facto que elle viu, que o indignou, que lhe vibrou as cordas mais altas do seu espirito.

Foi o ultraje, uma zombaria villã, uma béta de sulfur candente que distillaram sobre a ferida sempre viva d'um grande desgraçado, no anniversario da sua catastrophe.

A indignação por essa brutalidade atroz, jogada a um infortunio respeitavel, foi ella a que levantou uma proposição das *Farpas*, em que se enthronisa a mulher portugueza muito acima do homem do mesmo paiz, e converteu um facto particular n'um attributo, n'uma manifestação generica e normal da mulher de cá!

Perdoemos o exagero instigado pela mola impetuosa da paixão, do sentimento pessoal.

Não discutamos se os portuguezes valem muito mais que as portuguezas, mas não esqueçamos que se a mulher entre nós, como em parte alguma, não é «o typo intolerante, avaro, bulhento, que flagella tudo e a todos, que berra aos pobres que batem á porta em nome de Deus, que castiga brutalmente as criancinhas que estão alli em nome do céo, por causa de quem sahem para a rua os criados velhos que alli ficaram pelos antepassados; que não tem afagos e bons modos senão para duas creaturas da casa, uma refinadamente ingrata: o gato; outra bestialmente immunda; o porco»,—algumas ha que não destoam d'aquelle especimen.

Pois sejamos despiedosos com ellas, mormente se essas trazem a pelle coberta com sêdas de Lyon, e tem á porta dos infelizes que assim ultrajam um landeau armoriado...

Mais nada por hoje, além do agradecimento que votamos ao author da *Carta* pela sua delicada offerta.

(*Primeiro de Janeiro*).

Acaba de publicar-se um opusculo que tem tido aqui justa e legitima voga. Refiro-me á carta que com o titulo de *Consciencia*, dirige um tal Samuel aos authores das *Farpas*.

Começa por estar primorosamente escripta, escripta com elegancia, vigor, brilhantismo, escripta com talento. Outra feição d'este opusculo é o tom da convicção, convicção austera e profunda, em que todo elle está escripto.

Sem querermos entrar no pleito entre Samuel e os authores das *Farpas*, sem querermos saber qual dos contendores tem razão, não podemos todavia deixar de citar o ardor persuasivo com que o author da *Consciencia* desenvolve e demonstra as suas proposições, ardor de homem convicto e que ama a liberdade, o direito e a justiça.

Nota-se isto particularmente na parte do opusculo em

que o Samuel mette o alvião da sua analyse e da sua critica aos velhos edificios da monarchia e do catholicismo.

A *Consciencia* é evidentemente um escripto fadado para a popularidade e para o *successo*, permittam-me a expressão, que não póde ser mais afrancezada. Quando se trata de ser jovial, perspicaz, perspicaz na observação, jovial na alegria, o Samuel larga a penna do critico, do moralista, do philosopho, e apurando a do escriptor humorista, traça um parallelo graciosissimo entre o homem do campo e a mulher do campo, entre o chapéo do litterato e o chapéo da mulher do litterato.

Esquecia me indicar uma cousa que ha de dar grande venda ao opusculo—a revelação d'um incidente em que figura um homem (murmura-se que o Samuel é elle mesmo) cujo infortunio despertou, especialmente n'essa cidade, onde elle tem muitos amigos, um sentimento quasi unanime de piedosa sympathia. E' um verdadeiro escandalo que teve por theatro a cadêa do Limoeiro no dia da communhão dos presos. Recommendo-lhes o opusculo.

(Correspondente de Lisboa ao *Primeiro de Janeiro*).

Todos os periodicos de Lisboa, exceptuados os que ainda estavam no prazo do seu aluguer, fallaram d'este opusculo com respeito, sem ousar ferir o author com a compaixão.

FIM DAS NOTAS AO VOLUME SEGUNDO E ULTIMO

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispen savel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as coustruir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos : — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.